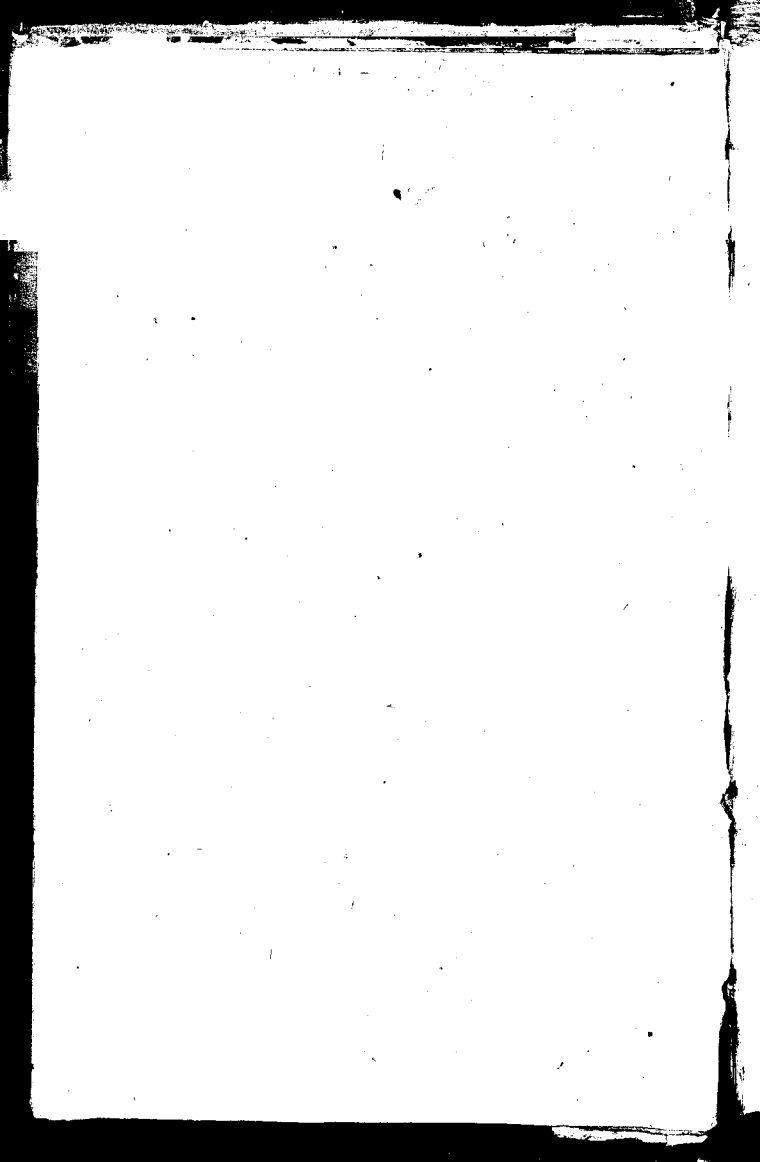


L.
331*





P O E S I A S
D E
ANTONIO DINIZ DA CRUZ
E SILVA.

Na Arcadia de Lisboa
ELPINO NONACRIENSE.

T O M. III.

Que contém as Poesias Liricas.

L
3314



LISBOA. 1812.

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.
Rua da Condeça ao Carmo. N. 19.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

P O E S I A S

ANTONIO PINO DA COSTA

DESADELA

1911

Conteúdo das poesias

DESADELA

RUA

DITHYRAMBO I. 15

Esse vinho, que brilha,
 Nessa vasilha,
 Que vinho he?
 Se não me engano,
 Vinho he do Porto,
 Que o nosso Baccho
 Para conforto
 Quando está fraco
 Costuma usar.
 Enchão-me pois
 Desse liquido pyrôpo
 Todo este côpo.
 Que inteiro quero
 Bebello em honra
 Do grande Andrade.
 De ti, Andrade,
 Agora fallo,
 Que de todos o primeiro,
 De Verona o cisne imitando,
 Entre nós gracioso derramas
 Os curtos, mas picantes epigrammas.
 Só te vejo n'esta estrada;
 Mas seguir-te a mi me agrada.
 E entre tanto de vinho o copo arraso,
 E em louvor de teu nome já o vaso.

Outro vá igual
 Ao Corte Real;
 Que ao Monte-maior
 Não hei-de brindar.

16 DITHYRAMBOS.

Goarde lá sua Diama
 Para a gente Castelhana ;
 Se escrevera em Portuguez ,
 O brindára d'esta vez :
 Mas deixar o doce , puro ,
 Abundante ,
 Elegante ,
 E brilhante

Idioma Lusitano ;
 E por quem ? pelo Hispano ;
 Não o scffto , nem aturo ,
 Nem Apollo aturaria :
 Porque bem que costumado
 A soltar sua harmonia

Na riquissima Argiva Lingoagem
 (Que de todas as mais tem vantagem)
 Na Latina , e Italiana ;
 Quando falla a Lusitana ,
 E no Pindo nella canta ,
 Da Memoria as filhas encanta.

Mas oh que já esquecia-me
 Do rosado Oriente a joia , a perola ,
 Tu Fernando belligero ,
 Que a lança , e a cithara
 Vibrando intrepido ,
 Tocando armonico ,
 D'altas palmas á sombra a voz alçaste ,
 E a clara Lusitania transformaste.
 Com este vinho ,

POESIAS DITHYRAMBICAS:

Quò me , Bacche , rapis tui
Plenum ? que nemora , aut quos agor in specus
Velox mente nova ? . . .

Horat. Libr. III. Od. 25.

NA primeira Collecção (assim chamamos á Collecção de Poesias originaes de Diniz , que vimos em Coimbra) apenas se achão os Dithyrambos 2. 5. 6. 7. 9. taes como da primeira vez sahirão da penna do Poeta , e com as muitas , e enfadonhas alterações e emendas , que successivamente lhes foi fazendo. Por isso pon-do de parte este antigo original , seguimos a lição d'humã copia muito fiel da segunda Collecção (que he a Vimieirense) emendada ainda pela Collecção terceira , que contém o ultimo Manuscripto original de Diniz , o qual depois da morte deste nos communicou em Lisboa o Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo. Este Volume , além das Poesias Dithyrambicas , contém as Odes Anacreonticas , que adiante se segirem.

Adverta-se que o que vai impresso nas Notas do presente Volume com character Italico , não he do Author.

1848

1848

1848

1848

1848

1848

DE M A S T R I C I
DITHYRAMBOS.

I.

DISPOZI

Recitado na Arcadia em Conferencia de
31 de Maio de 1759.

Ludentis speciem dabit, et torquebitur . . .

Horat. lib. 2. ep. 2. v. 124

Este que hoje tocar ousado intento,
Oh Pastores de Arcadia,
Thyrsigero instrumento, (lo,
Q^o primeiro em minhas mãos soa no Mena-
(E talvez espantado o vulgo. escute)
Que hum tutor desusado me inspira,
Que me accende, me eleva, e transpor-
A minha não he usada lira, (ta,
Que nas azas suspenso deixa o vento;
Mas a que Arion pulsava
Quando Bromio cantava,
Ou aquella do Reddi affamado,
Que soltando a voz soberana,
Fez entrar Baccho em Toscana
Das Bistonides cercado,
E do Arno florido nas frescas ribeiras
Os thyrsos vibrando saltarem ligeiras.

Mas já sinto bramar-me de em torno.

6 DITHYRAMBOS.

O rouco alarido de sistros e vozes.
 Evohe resoão do Menalo as grutas,
 Evohe repetem as Melias ferozes.

Sim : he presente o grão Nume,
 O filho de Jove imberbe,
 Que meu peito com seu lume
 Me inflamma, me atija, e me abrasa.
 Tragão-me vinho do turvo Douro,
 Seja tinto ou seja louro;
 Que a grão sede,
 Em que me accendo,
 Nelle pertendo
 Hoje apagar.

Eis empunho hũ grande copo,
 E ligeiro alçando o braço,
 Este, que faço,
 Brindes suave,
 Pastores de Arcadia,
 A vòs, que primeiro
 Da prisca Roma,
 Da antiga Grecia
 As despresadas
 Naturaes graças
 Do Tejo ás margens
 Trazer ousastes :
 A vòs, que primeiro
 As silvas segando,
 Que o Luso Parnaso cobrião,
 E de agudos abrolhos enchião.

DITHYRAMBO II 78

O grande caminho traçastes,
 Que depois seguirão glóriosos
 Outros novos esp'ritos famosos,
 Arando o mesmo agro;
 A vós o consagro.

Oh cepa venturosa, que produzes
 Licor tão saboroso,
 De teus ramos, se a idéa me não mente,
 Croa o vermelho Bromio a intonsa frente
 No Estio caloroso,
 Quando Sirio ladrando a terra inflamma.
 Nunca do ardente Clatio as claras luzes
 Crestem tua rama, (ma.
 Ou densa nevoa em flor teu fructo oppri-
 Nunca o maligno capro em tuas vides
 O roaz dente imprima.

Outra vez torno a encher o grande vaso,
 Caros pastores! E em honra vossa
 Outra vez com a mesma graça o vaso.
 Oh vinho generoso,
 Por ti sinto elevar-se o meu esp'rito
 Ah! se me irrita
 Com esta lança
 Derrubarei por terra
 A soberba Inglaterra
 A inconstante França

8: DITHYRAMBOS.

Oh! se me eu via
Nas montanhas de Thracia
C' huma mistica audacia
Na Bacchanal orgia
Hum thyrso florendo!
Que não faria!
Que não diria!
A voz levantando,
Assim cantaria:
Triunfo! Victoria!
Cantemos de Baccho
O louvor e a gloria.
De Baccho, que alenta
Os membros cansados,
De Baccho, que augmenta
Da formosa Venus a graça e belleza,
De Baccho, que affasta de nós a tristeza;

Porem que ave estranha nadando nos ares
Estende humas vezes, outras vezes cerra
As compridas azas? Ah! já chega á terra.
Oh pasmo! oh portêto! oh nunca visto ca-
Este he, oh Pastores, o gentil Pegaso. (so!
Apollo brilhante (se em tal não te affronto)
Com tua licença sobre elle me monto.
Eis já pelos ares me leva voando
Ao monte difficil do sacro Parnaso.
Que novo me abraza sacrosanto lume?
Poeta me sinto, poeta famoso,
E as plantas estampo no partido cume.

DITHYRAMBO I. 9

Que fontes de vinho espumoso !

Que ulmeiros de vides cingidos !

Que doce harmonia

Me fere os ouvidos !

Ah não he este o cume sagrado (1)

Ao louro Febo ;

Mas ao mitrado , brincão mancebo ,

Que o thyrsos empunhando ,

Os reinos da Aurora

Em viva guerra toi devastando.

Debaixo das heras deitado ,

Dos bailes , das graças cercado ,

Hum trasco de vinho brilhante

Chega risonho á meliflua boca ,

Em quanto Cupido

A lira lhe toca ,

O suave Anacreonte. (2)

O borracho Cratino , (3)

Que delle está defronte ,

Hum copo purpurino

De vinho generoso

Da fabulosa Créta ,

Sorvendo está gostoso.

E o poeta gentil do antigo Lacio ,

Ennio famoso , (4)

Rude n' arte , no engenho poderoso ,

N'hum odre está sentado ,

E ao pé delie deitado

O grande Horacio , (5)

O Cisne Venusino.

Oh coro divino
 De Apollo sagrado,
 As grandes intusas
 Em louvor das Musas
 Nesta fonte enchamos,
 E ledos bebamos.
 As filhas cantemos
 De Jove sagrado:
 E de seus alumnos
 Em honra e louvor
 Qualquer de nós próve
 Do doce licor.

Ora sus! levantai-vos em pé
 E clamai sem cessar: Evohe.
 Em quanto prostrado, com tremula mão
 Encho ebri-festivo hum grande cangirão.
 Tu que, cantando, do grande Gama
 Fizeste eterna no mundo a fama,
 Sempre famoso
 Ou com as trompas
 Os arcs rompas,
 Ou dos amores
 A doce pena,
 Que o ceo te ordena,
 Cantes saudoso
 Na branda lira,
 Ou rude avena

DITHYRAMBO I. II

Entre os pastores,
 Tu em meus versos benigno inspira
 De tuas vozes o grato accento :
 E em quanto respeitoso a mente inclino ,
 Dobro o joelho, e o grande vaso empino.

Esta de roixo vinho taça chea ,
 Sangue espremido da gentil parreira ,
 Consagralla pertendo ao bom Ferreira.

Ferreira illustre ,
 Que por modos diversos
 Ou deo versos ás leis , ou leis aos versos.
 Ferreira, que assombrando a culta Athenas,
 Calça o cothurno ás Tagicas Camenas :
 E na lira sonora e som campestre
 He dos nossos pastores sabio mestre.

Tragão-me hum copo já de branco vinho,
 De liquidos topazios fino orvalho ,
 Com que brindar pertendo ao bom Mausis-

Ante meus olhos (nho.
 A todo o instante
 Tenho presente
 Da bella Zara

O sonipede ardente ,
 Que o freio mastigando em branca escuma,
 Pelas ventas abertas sopra e fuma ,
 E com o peso
 Da Ninfa bella
 Se embrida mais e altera

A mesma Ninfa
 Sobre elle vejo,
 A manga a meio braço recolhida,
 E a trança d'ouro
 Aos ventos esparzida:
 Qual Arpalice,
 Que ao longo do Ebro
 O ginete lançando
 A' rapida carreira,
 Que o veloz vento corre mais ligeira.
 Elle ferindo a magestosa cithara
 C' o plectro soberano,
 Fez eterno no mundo o Africano;
 E eu de seu nome em honra agora vaso
 Este odorifumante cheo vaso.

Este, que agora empunho
 Nesta taça,
 Derretido rubim,
 Este sim,

A ti bebo suavissimo Bernardes,
 Que nas frescas manhãs, serenas tardes,
 A' sombra de altas arvores soltando
 Doces queixas de Amor em doce rima,
 Tão celebre tens feito o manso Lima.

Mas onde ficas tu, claro Ribeiro,
 Tu que primeiro
 No Luso campo as canas ajuntaste;
 E imitar o Deos Pan, çantando, ousaste &

DITHYRAMBO I. 13

Este pois vinho cheiroso ,
Saboroso ,
Generoso
Da Madeira
Aqui vindo ,
Para os brodios
De Leneu ,
Racimitero ,
Porta-thyr-o ,
Rompe-terra
A ti brindo.

A ti . . . mas sinto , sinto
Apollo , que enfadado já me manda
Outro copo brindar de vinho tinto
Ao douto Sá Miranda.
Ninfas do Aonio coro !
Vede que em o fazer me não demoro

Outro brindo em continente ,
Até ver-lhe o centro occo ,
A ti grande Gil Vicente ,
Que calçando o humilde sòco
Deixar fazes em silencio
Eupolis e Plauto , Menandro e Terencio

Venha vinho , venha á pressa ;
Que brindar quero tres vezes
Ao illustre Sá Menezes.
Inda agora o manso Leça

Com as Ninfas vai dançando
 De teus versos ao som brando ;
 De seus bosques na espessura
 Inda o tom suave dura ;
 Inda o Eco pelas grútas
 O repete vezes muitas.

D'outro illustre Sá Menezes
 A grão fama me convida

A beber,

A louvar,

A cantar

Sua gloria aos Ceos subida,
 Quantas vezes

De Thitonia o triste fado ,
 Em seus versos celebrado ,

Tem regado

De sentido

Pranto amargo

Na dourada

Chersoneso

As fúlas filhas da Aurora esmaltada!

Quantas vezes

Fulminar estou vendo em seu canto

De Albuquerque terrível a dextra.

O povo infido da terra Malaca !

Ora pois em teu applauso

De bom vinho moscatel

Bebo inteiro hum grande vaso.

A fl. correspondente da pag. 15 e 16 acha-se (por inadvertencia do encadernador) logo depois da fl. do rosto.

DITHYRAMBO I. 17

Da Cuba vindo ,
Eu já te brindo.

Mas hum novo brindes agora me chama.
Silencio : silencio , que Febo me inspira.
Oh tu Candido divino ,
Cujó nome , cuja fama
Pelo mundo se derrama ,
O pastor da Arcadia Elpino ,
Que as leis soberanas , que dictas , recebe,
Hum copo brilhante
De vinho fumante ,
De vinhe cheiroso
Em torno saltando já bebe gostoso.

Outra vez a voz levanto ,
E com ella hum odre , e digo :
A ti , Foyos , doce amigo ,
Que nos enches de alegria
Com teu canto ,
De soberba malvasia ,
Mas que caia aqui de borco ,
Esta grande pele emborco.

As correntes
De Hippocrene
Se turyarão ,
E confusas

Com o susto as ternas Musas
De mão as liras deixarão :
E o intonso , auricrinito ,

DITHYRAMBO I. 19

Na gruta metido se via sozinho (nho.
Sem molhar os beiços n'hum frasco de vi-

Mas depois que a bella Hygia,
Dom de Jove o mais precioso,
Do ceo veio, e estendendo
Sobre ti as puras azas,
Fez fugir a descarnada
Macilenta morte fea,

Os campos brotarão mil cheirosas flores,
E a formosa Cytheréa
Rodeada dos Amores

Com as nuas Graças, e verdes Napéas
Alegres choréas
Formarão ligeiras,

Ornámos de rosas as nossas monteiras:
E o velho caprino
Saltando de gosto
No campo vermelho,

E tinto de amoras o peludo rosto,
De forte agoa-ardente
A' tua suude
Já bebe contente
De hũ trago hũ almude.

Amigos, toquemos,
Bebamos, cantemos
O nome de Foyos;
A Foyos louvemos.
Com raras encomios

O seu grande nome
De Evio Brissêu,
Do bom Bassareu
A's orelhas alegres levemos (6).

NOTAS.

(1) Do Parnaso fabularão os antigos, que tinha dous cumes (donde lhe vem o epitheto de Bipartido) hum consagrado a Apollo, e outro a Baccho.

*Parnasus gemino petit aethera colle, (mixto
Mons Phoebus, Bromio que sacer cui numine
Delphica Thebanæ referunt trieterica Bacchæ.*

Lucan. Lib. 4. el. 5. v. 72. e seg.

(2) Anacreonte, famoso Poeta entre os Gregos, que ou foi, ou se fingio em suas obras muito amigo do vinho.

(3) Celebre Poeta da antiga comedia, e tão apaixonado pelo vinho, que affirmava que sem elle se não podião fazer bons versos.

*Frisko si credis, Moecenas docte, Cratino,
Nulla placere diu, nec vivere carmina pos-
Quæ scribuntur aquæ poteribus: ... (sunt,*

Horat. lib. 1. Epist. 19. v. 1.

(4) Ennio natural de Calabria, e hum dos mais antigos poetas entre os Romanos, segundo Horacio, tinha huma forte paixão pelo vinho.

*Ennius ipse pater nunquam, nisi potus, ad
Prosiluit dicenda, &c. (arma*

Idem, ibid. v. 7.

DITHYRAMBO I. 21

(5) Ninguém ignora que este Poeta se inculca em suas obras por muito amante do vinho, ou porque na verdade o fosse, ou por mais fielmente imitar os Gregos, que em muitas partes copiou.

(6) Aqui deve findar o presente Dithyrambo, sendo por este modo superflua a Estrofe, que se segue.

Mas oh Ceos! que assombros! o dia se cerra,
E dos pés parece que me escapa a terra.
Assopraõ os ventos, os montes se abalão,
E preñhes de raios as nuves estalão.

Que he? que he? que será?

Mas seja o que for,

Do grato licor

Bebamos, cantemos

O nome de Foyos,

A Foyos louvemos.

Deo. 20. 20

ORMAMENTIC
DITHYRAMBOS.

II.

Recitado na Arcadia a 31 de Janeiro de 1758.

Onde estou?
 Quem me trouxe a este prado?
 Que agradável espessura
 Toda ornada de verdura!
 Os ulmeiros levantados
 Com as vides
 Sem concerto
 Entrelaçados
 Os olhos vistosos deleirão
 C'os pendentés
 Cachos bellos
 Verdes, roixos, amarellos.
 Qual será, quem, quem me diz,
 Tão ameno, abundante país?
 Que suave fragancia derrama
 Por entre a viçosa
 E tremula rama,
 Murmurando,
 Espumando,
 E brilhando
 De corrente amethista essa fonte!

DITHYRAMBO II. 23

Ah ! que he de vinho , de vinho puro !
Sim : de Niza he este o monte (1),
Ou de Naxo a fresca ilha (2).
Naxo seja , seja Niza ,
 Ou seja o que for ,
Beber quero este licor ,
 Que consola ,
 Que recrea ,
Que conforta e dá alento
A quem dehe amigo he.
 Evohe (3).

Oh suave licor generoso ,
Sangue puro das uvas brilhantes
 Na terra prostrado
 Te adoro e recebo ,
 E da Arcadia
 Á saude já te bebo.
Mas se a vista não me engana ,
 Vejo Albano (4) ,
Que gemendo debaixo d'hum cantaro ,
 Chega á fonte.
 Cato Albano , assim repaita
O fogo-fremente (5) retumbante Jaccho (6)
Liberal de seus fructos comtigo ,
 Que enchas logo a grande quarta
 D'esse liquido rubim :
 Enche , sim.

Lança mais nesta botelha

D'esse nectar saboroso,
 Que me banha de alegria
 Todo o peito, e me arrebatada,
 D'essa doce esplendente ambrosia;
 Que da adega abundante de Epaphio
 Ella só
 A digna he.
 Evohe!

Toca, e bebe sem demora
 A saude de Siveno (7).
 Como he doce o bom Lyeu (8)!
 Vá hum copo mais pequeno
 A do nosso Melibeu (9):
 Que á do grande Coridão (10)
 Já embarco hum cangirão.
 Coridão, suave amigo,
 Até ver-lhe o fundo enxuto
 Col bottaccio io ti saluto (11).
 Maior sede agora sinto:
 Em calor todo me abraso:
 Lança, Albano, n'este vaso
 Vinho branco, ou vinho tinto,
 Ou genebra, ou agoapé. 301 O
 Evohe!

Este vai do brando Tirse (12)
 A saude: bebe Albano,
 Tirse digo, o nosso Tirse,
 Cujo nome soberano

Ha-de com prazer ouvir-se
 Pela immensa esfera que aperta
 Com seus braços o padre Oceano
 Desde hum polo a outro polo.
 Caro Tirse, tu de Apollo
 A divina Lira tens,
 E com ella, quando cantas,
 Toda a nossa Arcadia encantas.
 Não me esqueces tu tambem
 Com teu canto peregrino
 Doce, e meigo, e terno Alcino(13):
 Jam, jam, jam tibi propino.

Este copo, que cheo tresborda;
 De escuma brilhante croado,
 Com leda mão empinando,
 Brindo gostoso
 A Nemeroso..... (14)
 Mas que estrondo, amigo, he este?
 He chegado o Deos do vinho,
 O grão filho de Seméle.
 Toca toca na thyméle (15):
 Já dos rympanos (16) soantes,
 E dos sistros (17) das Bacchantes
 O ruido sonoro
 Nos ouvidos me retine.
 Lança aqui, Albano amigo,
 Lança aqui
 Desse liquido ambar puro:
 Vinho, vinho, he que procuro:

26 DITHYRAMBOS:

Vinho digo,
Não Cafe.
Evohe!

Oh! que já vejo
O intonso Bromio (18),
O padre Emonio (19),
Que da paterna coxa
Bigenito se alçou a eterna vida,
No grande carro
De hera toldado
C' o verde thyrsos (20)
Regendo os feros
Tigres manchados.
Por entre as curvas pontas,
Que a fronte prazenteira lhe guarnecem,
Estão pendendo
Da tenaz hera,
Das lentas vides,
As negras bagas,
Os brancos cachos.
Olha, repara
Como os lascivos
Pulanti-satyros
Em torno o cercão,
E foliando,
Beberricando,
Caracolando,
A solta arêa,
Ferem saltando

DITHYRAMBO II. 27

Com o bifido pé!
Como ululando
Gritão e bramão
Viva o grão Lysio,
Viva, Evohe!

Attenta como as Evias crini-sparsãs,
Nas peles marcheradas
Das montarazes tigres embrulhadas,
Vem coriscando
As pampinosas
Asteas tremendas!
E de huma e d'outra parte rodeando
Vem segurando
Ao albi-crinito bebado Sileno,
Que escarranchado
Sobre o pesado
Tardi-jumento,
Todo manchado
De negro mosto
O baço rosto,
Co' as mãos se agarra
Á rara crina,
E balançando
De quando em quando
Hum odre empina,
E a voz alçando,
Os vesgos olhos
Quasi cerrados
Arregalando,

Diz aos Faunos, que mal vê:
 Orgio (21), Baccho, Bassareu (22),
 Dionysio (23), Rompe-terra (24),
 Jaccho, Jaccho (25), Evohe!

Ah pastor, não te detenas!
 Lança, lança
 Neste copo,

Não das agoas, que brota o Canopo
 Bramindo das aridas brenhas;
 Mas do vinho picante do Douro
 Doce, puro, tinto, ou louro.
 Este vinho soberano
 Em honra tua
 Bebo, oh Silvano.

Mon ami à ta santé
 Lyseo, Briseo (26) Evohé!

Outro venha do que cria
 Da Madeira a illustre Ilha,
 Joia bella, com que adorna
 Anfitrite o branco peito.
 Oh! como brilha!

Oh suave Malvasia!
 Que hes dos vinhos maravilha,
 De alambres brilhantes orvalho!
 Em silencio fique eterno
 Por ti só o bom Falerno,
 Fique o Massico licer.
 Doce vinho, meu amor,

DITHYRAMBO II: 29

Grato á vista , ao gosto ameno
Ao famoso caro Almeno (27)
Só contigo hei de brindar.
To your good health Sir.
Nebrodes (28), Jaccho, Evohe!

Toca , Albano , toca , toca ;
Que este vinho me provoca.
Leneo(29), Sabo, Nisio Epaphio(30) !
Cantemos , bebamos ,
E juntos digamos
Evohe.

Oh! Thyoneo, Thyoneo (31),
Epileneu (32),
Evohe!

Mas que fero pé de vento
Desta parte me accomete ?
Huma , duas , vinte , cento ,
Quatro , cinco , trinta , sete ,
Oito , dês , e nove estrellas ...
Ah ! não : são pirilampos :
São bizouros , borboletas.

Nestes campos
Oh que cousas tão galantes ,
Tão seiéras
Hoje a turva vista vê !
Nyctileo , Bromio , Evohe.

Dançar quero , toca , amigo ,

Toca a frauta , ou toca a lira,
 Ai que o monte em torno gira !
 Salta tu tambem comigo :
 Haja baile : haja festa ;
 Que tambem dança a floresta.
 Vá de pulo , e piroeta ,
 Contra tempo e balance.
 Evohe !

Farto já do doce mosto ,
 Nesta cepa aqui me encosto.
 Ai que os olhos se me cerrão :
 Nada vejo : dormir quero ,
 Pois cerrada
 A noute he.
 Evohe.

NOTAS.

(1) Monte da Asia consagrado a Baccho , onde os Poetas fingem que elle triumphara solemnemente depois de ter submettido todo o Oriente. Veja-se Curt. lib. 8.

Nec qui pampineis victor juga flectit habenis
 Liber , agens celso Nisæ de vertice tigres.

Virg. Æneid. l. 6, v. 804. 805.

(2) Huma das Cyclades consagrada a Baccho ; porque nella triumphou sogigada a India, ou vencidos os Gigantes.

Bacchatamque jugis Naxon...

Virg. Æneid. l. 3, v. 125.

DITHYRAMBO II. 31

(3) Voz que os Sacerdotes costumavão a repetir nas ceremonias de Baccho. He derivada da Grega *Eὖ ὄϊ*, que quer dizer: Bem lhe venha: *Bene sit illi*. Outros a derivão das vozes *Eὖ βιῆ*, que he o mesmo que: *Euge fili*; fabulando que na guerra, que Jupiter tivera com os Gigantes, todos os outros Deoses fugirão amedrentados; mas que Baccho tomando a figura de hum leão, pelejara valerosamente, o que dera occasião a Jupiter a dizer-lhe aquellas palavras, que ficarão servindo de saudação ao mesmo Baccho.

Evoë, recenti mens trepidat metu.

Horat. Od. 19. lib. 2.

(4) Manoel José Pereira.

(5) As palavras compostas adornão muito hum idioma, e o fazem conciso, e energico.

*Dixeris egregiè, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum &c.*

diz o grande Horacio na sua Poetica vers. 47. O nosso Camões observou bem este preceito, introduzindo algumas destas palavras na Lusitana, como he por exemplo *Vndivago*.

Esta regra porem tem o seu proprio lugar nos Dithyrambos. Alem disto o adjuncto de Fogo-friamente foi dado a Baccho por *Erphee*, ou quem quer que seja o Author dos Hymnos que correm em seu nome, no hymno, que tem por titulo: *Hippa suffimentum*.

(6) Hum dos nomes que se dava a Baccho: veja-se o citado Hymno.

(7) O Senhor Silvestre Gonçalves.

(8) Lieu era hum dos nomes que se dava

a Baccho, ἀπὸ τοῦ λέειν, que quer dizer, livrar de cuidados. mas neste lugar se toma pelo mesmo vinho.

Regales inter mensas, laticemque Lyæum.

Virg. Æneid. l. 690.

(9) O R. P. Caetano Innocencio.

(10) O Senhor Pedro Antonio Correa Geração.

(11) O intrometter palavras estrangeiras em qualquer obra, he a figura a que chamão Soraismo; e ainda que em outras composições o seu uso seja vicioso, e por isso digno de reprehensão Camões que no seu Poema misturou o verso de Petrarca

Tra la spica e la man qual muro è messo;

nos Dithyrambos tem propriissimo lugar. Della usa frequentemente o Aldeani, ou seja Nicoláo Villani, em hum seu graciosissimo Dithyrambo.

(12) Theotónio Gomes de Carvalho.

(13) Domingos dos Reis Quita.

(14) Feliciano Alves da Costa.

(15) Thyméle, lugar alto e levantado na Orchestra á maneira de pulpito. « Thymelici autem erant musici scenici, qui in organis, et lyris, et cytharis præcinebant. Et dicti Thymelici, quod olim stantes cantabant super pulpitum, quod Thymele vocabatur. » Isidor. lib. 18. c. 47.

(16) Especie de timbale, instrumento proprio do coro estrepitoso de Baccho. Delle havia duas differentes especies. O Author as delineou no seu Manuscrito, copiando-as quanto parece, de Calmet na Dissertação

sobre a Musica dos Antigos, que vem no Tom. 2. do Commentario aos Salmos.

(17) Outra especie de instrumento tambem muito usado nas Bacchanaes. A figura vem em Colmet no lugar citado, donde o Author a copiou.

(18) Nome que se dava a Baccho, derivado do Grego *ἄβρω*, isto he, bromo, ou de *ἄβρωτις*, trovão; pois nasceo com hum trovão, sendo Semele abrasada por hum raio; ou de Bromo, ou Bromio. Ninfa que o creou. Serv. in Virg. Eclog. 6. Hygin. Fab. 18.

Thuraque dant, Bacchumque vocant
Bromiumque, Lyæumque.

(Veja-se Orph. Lysii Lenai Hymn.)

(19) Emonio, isto he de Thracia; pois nesta provincia foi muito venerado: chamando-se Sithonio, Edonio, Ismaro ou Ismario, e Rhodopeu, de outros tantos nomes da mesma Thracia.

(20) Lança enramada de parras, de que os antigos armavão a Baccho, e as Bacchantes.

Etenim molles tibi sumere thyrsos,
Te iustrare choro, sacrum tibi pascere cri-
Fama volat: (nem,

Virg. Æneid. lib. 7. v. 390.

(Porta-thyrso he nome que a Baccho dá Orph. Semeles Suffim.)

(21) Com este nome era tambem Baccho invocado. Orph. Trieter. Suffim.

(22) Outro nome do mesmo Baccho, tomado ou da Cidade de Bassara na Lydia, onde era muito venerado; ou de certo vestido talar de que usavão os seus sacerdotes;

Tom. III.

C

ou da pele de linco, a que os Thraçes davão este nome. (*Βασσαρίς quasi Βασσαρίς lingua titubans, vel blasus. Baxter, ad Horat. Carm. 18. lib. 1. Veja-se Orph. no hymno Dionys. Bassar. Trieter.*)

(23) Nome com que também era adorado. Orph. Dionysii Suffim. (*Διώνσος, quia cum nasceretur femur Διὸς ἐν ἔει; para nascer rompido a coxa da perna de Jupiter, onde este o tinha metido, morta Semele sem se comprir o tempo do parto. Outros o derivão das mesmas palavras, allegorizando *βασσῆν τὸν δία, isto he, τὸν ἄνθρωπον a alma; porque o vinho a perturba. Da etymologia, que Bluteau dá a este nome não sei Author; da antecedente são Passor no Lex. in Hesiod. e Robert. Constantin. L. 8.*)*

(24) Título que se dava á mesma fabulosa Divindade. Orph. Trieter. Suffim.

(25) Outro nome do mesmo Baccho, derivado do Grego *ἰαχὴ*, que he, clamor; tomado do muito que fazião vociferando os seus sequazes.

(26) Estes dous nomes são proprios de Baccho. Orph. Trieter. Suffim. Briseo traz a sua origem de Erisa que significa em Grego a uva. Macrob. Saturnal. 1. 2. c. 18. (*Lyseo, tem a mesma origem que Lyeo, que vai na nat. 8.*)

(27) O Senhor Manoel Nicolau Esteves Negrão, Secretario da Arcadia.

(28) Nebrodes, nome de Baccho, do Grego *Νεβρόδες*. (*Sic dictum, quod Bacchantes pellibus hinnulorum uterentur.*)

(29) Outro nome com que era invocado. (*Non a lenienda mente, ut imperite Denatus putat; sed a τρυγῆ, torcular, pralum vinarium.*

DITHYRAMBO II. 35

Ruus ad Virg. Georg. 2. v. 4. (Veja-se Orph. Lysii Lenai Hymn. e Triet. Suffim.)

(30) Outros nomes attribuidos á mesma Divindade. (O primeiro, que aqui não explica o Author, estava explicado na nota 2. do Dithyrambo 5. Baccho imberbe, Baccho ardente; as quaes notas supprimio nas ultimas Collecções; talvez por serem absolutamente huma recopilada traducção do que disse Mr. Tourreil nas notas á Oração de Demosthenes a favor de Ctesifonte; onde se pode ver a applicação das palavras: Sabol, Yés, Attés, Evohe. O segundo nome Nysio, vem de Nysa, onde foi creado Baccho segundo a fabula. O terceiro Epaphio, pode vir de ἐπαφίω, que significa irritar, incitar contra, agular; e todos sabem quanto o vinho irrita, e incita a ira. Todos estes nome dá Orph. a Baccho nos hymnos Hippa Suffim. Licliti Suffim. Trieter. Suffim. Lysii Lenai Hymn.)

(31) Outro apellido do mesmo Baccho, derivado de βῶω, que significa enfurecer, e enlouquecer; tomado dos effeitos, que produz o vinho.

(32) Outro apellido que se lhe dava. (Composto do de Leneu, que já se explicou na nota 29. e que per força da preposição ἐπι que nelle entra, poderá significar, que preside aos lagares. Veja-se Orph. Lysii. Lenai Hymn.)

DITHYRAMBOS.

III.

Mandado ao Author no anno de 1759.
 que então se achava enfermo de se-
 zões, por Theotônio Gomes de Car-
 valho, e Feliciano Alves da Costa:
 chamados na Arcadia o primeiro Tir-
 se Minto, e o segundo Nemeroso
 Cilleno.

Que das sezões
 Já livre estejas,
 Porque possas beber cidras, cervejas,
 E dos tintos cortidos boriachões
 Os vinhos puros,
 Letificantes,
 Odori-spumantes,
 De que tu, grande filho de Semele,
 Nos enches a pele;
 O teu Tirse extremoso,
 E o teu Nemeroso
 Muito desejão.

Eia bebamos,
 Oh Nemeroso,
 De saboroso

DITHYRAMBO III. 37

Bom moscatel,
Mais doce que o mel;
E á sua saude
Se despeje este almude.

Não quero d'esse;
Pois mais me aquece
A malvasia,
Que a Ilha cria,
Ou o Falerno
Bom para o Inverno.

A tudo topo:
Chega esse copo,
Seja qual tor:
Que este licor
Sempre he de Baccho,
E alegre o caco.
Oh que bello rubim!
Toca, toca, tim, tim.

Venha mais, oh meu Tirse, venha mais
A saude de Elpino
D'esse licor divino;
Porque da cama logo se levante,
E comnosco de Baccho o louvor cante.

Omnipotente Emonio,
Duas vezes parido, oh padre Aonio,
Tu que as tristezas e sezões molestas

Aborreces, detestas ;
 E aos teus confrades
 Seculares, Frades,
 E á mais sordida turba,
 Que não se perturba,
 Alegrias, confortas
 Endireitas, e entortas ;
 E em ondi-bamboleantes manejos,
 Em os festejos,
 Os Gallegos molles
 Com gaitas de tolles
 Pelas ruas trazes,
 E cantar os fazes :
 Se te merecem (cem,
 Estes dous copos, que hoje a ti se off're-
 O teu favor divino,
 Dá saude, saude ao bom Elpino.

DITHYRAMBO

IV.

Em resposta ao antecedente, feito pelo
Author estando com huma sezão.

Tirse ditoso,
E Nemeroso,
O doce estado
Está mudado,
Em que comvosco
Com plectro tosco,
Movido de hum furor Dithyrambifero,
A Baccho Bassareu cantei ignifero
Hymnos sagrados.
Virão-me os fados
Com triste aspeto,
E hum esqueleto
Me tem tornado.

As ali-negras,
De Flegetonte
Filhas tremendas,
As descoradas
Sezões horrendas,
Hirsuta a frente,
De neve e fogo

Todas armadas ,
 De mi em torno
 Andão voando ,
 E esvoaçando ,
 Co' a garra adunca
 Arrepellado ,
 Arripiado
 Me tem por tantas vezes ;
 Que mais que nunca
 Agora temo
 Os seus revezes.

Do pobre leito
 A curto espaço
 O seco braço
 Do curvi-ferreo , sanguineo-baculo,
 Que tremendo , que triste espectaculo !
 A dura Parca
 Eu vejo armado.
 Se sobre mim furiosa não emprega
 A touce cega ,
 Ai que contemplo ,
 Com vituperio
 Do Luso imperio ,
 De Camões renovado o feo exemplo.

Pobreza fea
 De pesares cercada
 A cama me rodea ;
 E de espectros cruéis acompanhada ,

A pallida e voraz malincolia.

Estou de sorte,
Que a doce vida
Tão suspirada,
Me he mais pesada,
Que a triste morte.

Por ver se posso
Quebrar-lhe a ira,
Com thyrsigero plectro
De Evio-fremente lira,
Com que faço, oh inveja, que te mordas,
Ferir as cordas
Talvez intento.
Mas oh! que em vão o busco!
Que o carregado e tusco
Barbaro Rei da região opaca
Doce lira infeliz jamais aplaca.

Mas eis o frio,
Qual se estivera
Entre os horrores da Circacia fera,
Do Tanais dentro no gelado rio,
Me corre os ossos,
Caros pastores:
E ao repetir os vossos,
E de Brisseu louvores
Em alto accento, (to.
Me embarga as vozes hum tremor violen-

DITHYRAMBOS.

V.

Baccho imberbe, Baccho ardente,
 Porta-sono, prazer e alegria,
 De nocturnos festejos o guia,
 Que refrescas, aqueces a gente,
 Frio, e quente,
 D'esse cume peregrino,
 Que ao teu nome he consagrado,
 Solta hum rio arrebatado
 Espumoso,
 E cheiroso
 De purpureo ou branco vinho,
 Onde beba os teus furores:
 E qual o trovão,
 Que os montes abala
 Quando a nuvem prenhe
 Rasgando-se estala;
 Cante a Arcadia e seus pastores
 D'este dia altos louvores.

De Aganippe assás na fonte
 Já molhado tenho a boca:
 Agoa pura
 Não provoca
 A cantar,
 A bailar,

E a saltar,
 Como a lucida tintura
 D'essa planta, que enroscada
 Trazes na mitrada
 Cornigera fronte.
 Eia, eia! que o monte
 De vinho se enche, se inunda, e se alaga.

Licor almo e generoso,
 Rubim puro, ambar desfeito,
 Com que gloria, com que gozo
 Em ti banho a boca, e peito!
 Atés, Hyés,
 Hyés, Atés,
 Viva, viva o dia
 De tanta alegria.

Oh se eu podera
 Em boca e lingoas
 Todo tornar-me,
 Só por farrar-me
 D'este elixir!
 Então, Dioneo,
 Na tenaz hera,
 Ou no Idumeo
 Cedro oloroso
 Teu gordo vulto
 Lavrara, erguera:
 E para mais realçar os teus adornos,
 Na soberba ara

Os brancos cornos
 Em puro Ofir
 Eu te curvara.
 Doce elixir,
 Que as almas purgas
 De espectros tristes,
 Que triste gera
 A pallida e voraz Malincolia,
 Vem neste dia
 Dobrar da Arcadia
 A pura alegria.
 Oh suave dia, dia venturoso!
 Em que o teu mimoso
 Coridão nasceo!
 Oh grão Bassareu!
 Atés, Hyés,
 Hyés, Atés.
 Viva, viva o dia
 De tanta alegria.
 Dia, que os saltantes
 E capri-barbudos
 Corni-pedes Satyros
 Co' as ebri-festantes
 Lascivas Bissarides
 De prazer saltando
 Pelas montanhas alegres cantarão;
 E de quando em quando
 Gritando,
 Bramando,

Assim repetição:
 Saboé, Arcadia,
 Arcadia, Evohe!
 Já o teu Coridão nascido he.

E que bella se derrama
 De alegria ardente chama
 Do Erimanto nas florestas!
 Pelas bocas das cavernas
 Em ecos festivos sonoros respondem
 Os montes soberbos de Arcadia famosa
 Aos golpes, que os ferem,
 De liras suaves,
 De tympanos graves,
 De sistros agudos
 De crotalos duros!
 Ah! sim, caros pastores;
 Brilhe, brilhe a alegria:
 Coroemoos de flores.
 Cantemos suavemente o grande dia,
 Que á Arcadia nos traz tanta alegria:
 Dia que trouxe
 Rosado ao mundo
 O bom Coridão,
 Coridão, que jucundo
 As antigas,
 Esquecidas
 Mascaras carcomidas
 Animoso tomando,
 E entre o hirsuto capri-saltante Coro

As vozes levantando ,
 O triste e feo bando
 Dos multiformes vicios
 Faz da Arcadia fugir com seus convicios.
 Evohe! Saboé.
 Saboé! Evohe.
 Viva , oh pastores , viva o grande dia ,
 Que comsigo nos traz tanta alegria.

Eia , eia pastores ,
 Cantemos , bebamos ,
 Bebamos , cantemos :
 Tão ditoso dia
 Com esta ambrosia
 Ledos festejemos.
 At's , Hyés ,
 Hyés , Atés.
 Viva , viva o dia
 De tanta alegria.

Eis-me já nos nocturnos misterios
 De corimbo e flores croado ,
 Nas mãos cerrando as grossas serpentes.
 Eis já deixo dos troncos pendentes
 As imagens sagradas ,
 E entre os copos de vinho espumando
 Vou , Coridão , seguro saltando
 Em teu louvor os odres untados ,
 Sobre os prados hervosos deitados.
 Evohe , Saboé.

DITHYRAMBO V. 47

Saboé, Evohe.

Viva, oh pastores, viva o grande dia
Que comsigo nos traz tanta alegria.

Ah! venha hum capro lascivo malvado
Ao altar pelos cornos puxado;
E expie o sangue seu fervido, e quente
Quantas já estragou vides co' dente.

Thyise-potente Jaccho,
Oh bipolarido Baccho,
Se a victima te he grata,
Que humilde te offereço,
Ah! por ella te peço

Que jucundo, grato, placido,
Risonho, meigo, e lepido
Com o teu licor tepido,
Doce e não acido,
Nos conserves ao Menalo
Em Coridão

O seu brasão:

Que de louros croado,
Que cheo de alegria

Nascer mil vezes veja tão bom dia.

DITHYRAMBOS.

VI.

EIs o sombrio, gelado Inverno
 Com as mãos ambas das grossas nu-
 Fero dardeja, (ves
 Troveja,
 Chameja :
 E Aquilão rigido,
 O corpo rorido
 Ajaesado de negras plumas,
 Do polo frigido
 Guiando hum turbido
 Esquadrão horrido
 De ventos rispídos,
 Ataca, fere, derruba, estronca
 Os freixos, os juncos, as canas, os cedros.
 Coridão, Coridão, amigo,
 Ah ! contra elle busquemos abrigo.

Mas já te vejo confuso, attonito,
 Sordido, pallido, timido, lugubre,
 A hirsuta cabeça coçando,
 Perguntar-me com mil extremos :
 Onde, Elpino, enconrallo podemos?
 Mackdowel experto,
 Que no lenho concavo
 Vai rasgando impavido

Entre as ondas humidas
 As campanhas tumidas
 Do inconstante pelago,
 Mostrar-t'ò bem pode,
 Pastor engraçado ;
 Pois nasceo na frigida,
 Soberba, belligera
 Insula Britanica,
 Da qual he indigena
 O bom ponche rubido :

O ponche illustre, de alábres liquidos
 Orvalho odorifero, (chuvras
 Que os gelos, q̄ os ventos, q̄ as nuves, q̄ as
 Enveste, derrota, derruba, affugenta.

Ah! quantas vezes o povo orgulhoso
 De Eolo fero, bramando horroroso,
 Em rijas brizas sobre elle desfeito,
 Das negras vergas roubar-lhe intentou
 O pane, q̄ aos sopros fia dos Zefiros!
 Ah! quantas vezes do reino espumáte
 Erguidas serras rolando arrogante,
 Do baixel fulminante

O costado
 Espalmado

Lhe descose com ellas!

Assustáo-se os nautas, e a rouca celeuma

A's estrellas vòa ;
 De tristes gemidos
 O ar se povòa :

Porem elle impavido,
 Huma taça empunha d'este almo licor,
 E com ella dos ventos amansa o furor.

Fia pois, amigo,
 Confoita-te, alegra-te:
 E na mesa optima,
 Aonde cercado
 De Febo e das Musas,
 Com a grande cithara
 Do Cisne de Apulia,
 Quando a doce voz levantas,
 O Parnaso todo encantas;
 Com pudim e ponche
 Esta noute espera-me,
 E me verás lepidio,
 Com o copo gravido
 Do bom licor tepido,
 Affrontar impavido
 Os furores do Inverno engelhado.

DITHYRAMBO

VII.

POis que Noto ali-nevoso
 Pelo ceo raivoso vaga,
 E furioso

As plantas, as flores
 Com o venenoso

Bafo estraga:

Dá-me, oh Filis, huma taça,

Com que o frio fugir faça,

Que me tem enregelado,

D'esse vinho açucarado;

D'esse digo, que tem a cor branca,
 Que he manná que estillou Peramanca.

Dá-m'o, oh Filis, dá-m'o á pressa;

Que o cruel de neve armado

Se arremessa

Contra mim bramando irado.

Vê quão rapido galopa

No cavallo procelloso,

Conduzindo revoltoso

De mirda saraiva huma tropa!

Dá-me o copo, Filis bella,

Que eu, coberto d'este escudo,

Do teroz vento não temo

D ii

O gelado dardo agudo.

Já o enxugo : bravo ! bravo !
 Doce vinho ignipotente ,
 Que dos vinhos empunhas o cetro ,
 Por ti nas batalhas
 Sem colete ,
 Capacete ,
 Grevas , malhas
 Ardente guerreiro
 Com semblante inteiro
 Se lança animoso .
 Por ti do Pegaso
 Nas azas brilhantes
 Sobre o cumé do verde Parnaso
 Vôão triunfantes
 Os grandes Poetas .

Entre os sustos , entre as penas ,
 Que no peito lhe derrama ,
 Quando o inflamma ,

O frecheiro Porta-penas ,
 Por ti baila , por ti canta ,
 Folga e ri o triste amante ,
 E entre os jubilos esquece
 Cloe ingrata , ou inconstante .
 Oh mil vezes mil ditoso

O terreno ,
 Que produz no seio ameno
 Este nectar saboroso ,
 Este balsamo odoroso ,

DITHYRAMBO VII. 53

Que pôde curar n'hum instante
Ferida que he tão penetrante!

Outro venha : que alegria
Na minha alma provo e recebo.

Quando o sorvo, o engulo, e bebo!
Já não sinto do Noto os assaltos ;
Já deposta a soberba arrogante ,
Com que as ondas bufando anaçava ,

O pó revolvía ,
O bosque açoutava ,
As flores crestava ,
E as mãos me feria ;

Foge , corre a homisiar-se ,

Encovar-se ,
Emboscar-se ,
Embrenhar-se

Da Groelandia nas grutas geladas.

Venha outro , e venhão mais ;

Que brindar quero agora

A Aglaia , a quem adora

Constante o coração em seus extremos :

A' bellissima Aglaia ,

Que de seus olhos

Com a azagaia

Em cem partes o peito

Me trespassa , me fere ,

Me zarguncha , azagaia :

A' bellissima Aglaia

Auri-crinita ,
 Nevi-rosada ,
 Do opulento Brazil rico diamante ,
 Mais puro , mais brilhante ,
 Que o setemplice raio luminoso ,
 Que dardeja do Ceo Febo lustroso.

Na tarde serena
 Encarnada rosa
 Não he tão formosa ,
 Como a linda Aglaia
 Aos olhos que a vem.

A Ninfa vistosa
 Filha de Thaumante ,
 Da nuve orvalhosa
 Cem cores vibrando ,
 Não he tão brilhante ,
 Não he tão pomposa ,
 Como a linda Aglaia
 Aos olhos que a vem.

Da Feriz se cria
 Que d'ouro esmaltando
 As plumas purpureas ,
 Aos ares subia
 O sol registando :
 Foi ficção galante
 De Musa gentil.

Mas a minha Aglaia,
 Portento mais bello,
 Purpura nas faces,
 Outo no cabello
 Ostenta brilhante
 Aos olhos que a vem.

Mas já sinto no peito accender-se
 Rapida chama,
 Que a mente inflâma :
 Baccho fremente de pôtas taurinas (me :
 C'o thyrsó punge-me, move-me, agita-
 Dentro nas veias o sangue me escuma :
 Fugi, profanos ; q' o corpo se empluma.
 Cisne canoto
 Do Aonio coro
 Vòo cantando no ar transparente.

Mas que Ninfa he esta,
 Que nas leves azas de tenros Amores
 A's nuves se eleva de flores croada ?
 Será da floresta
 A Deosa sagrada ?
 Ou será das flores
 A mái delicada ?
 Será de Cithéra
 A Diva engraçada,
 Que vòa ás estrellas
 D' Amores cercada ?
 Mas oh ! que he Aglaia !

Formosa pastora ,
 Porque assim te apartas
 De quem te idolatra ?
 Onde vas ? Quem te guia ?
 Attende a quem te ama ,
 Te brada , e te chama .
 Mas já entre os astros
 Sintilla serena !

Sús oh mortaes , minhas vozes ouvi ;
 Que Leneu seu furor inspira em mi .
 O ignifero Cupido , contemplando
 De Aglaia a formosura ,
 Entre os nitidos astros a colloca ,
 Fausta constellação aos que navegão
 Seu vasto mar , e a seu furor se entregão .
 De hoje em diante erguei-lhe templo , arás :
 Ali em seu louvor hymnos cantando ,
 Ternos desejos , lagrimas ardentes ,
 Victimas que propicio Amor aceita ,
 E aligeros suspiros lhe offertai :
 Ali lhe consagrai
 Fervidos e devotos
 Da passada borrasca os puros votos .

DITHYRAMBO

VIII.

Foi cantado a tres vozes na Sessão Academica, que se celebrou em applauso do Illustrissimo, e Excellentissimo Marquez de Pombal em casa do Morgado de Oliveira em 20 de Janeiro de 1774. Elpino cantou o Tenor. *Composto por Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Theotonio Gomes de Carvalho. Os versos do primeiro são os notados com o Asterisco. Foi impresso na Officina Regia no sobredito anno.*

PRIMEIRO TENOR.

- * **E**M cem negros cavallos procellosos
- * Por entre as grossas nuves galopando
 - * Do austral polo gelado
- * O fero Noto sai bramindo irado :
- * E barbaro senhor do campo etherio
 - * Com dispotico imperio
 - * Ora inchando as bochechas
- * De crespas frias reluzente neve
 - * Borrifa os altos montes ,
- * Os rios prende, prende as claras fontes ;
 - * Ora arroja insofrido

- * Sobre a tímida terra
- * Agudas setas de gelada chuva,
- * E em densas sombras, negro nevoeiro
- * Do ceo cerrando o rubido luzeiro,
- * A noute faz descer mais appressada
- * Na carroça de trevas carregada.
- * Mas em vão esbraveja, corre e freme,
- * Se contra a sua furia
- * Bassareu Porta-fogo nós defende (r)
- * Com a lança fatal, que o mundo rende.

- * Se a noute embrulhada
- * Das sombras no manto
- * Nos cobre de espanto,
- * Nos enche de horror:
- * Accendão-se fachas,
- * E contra o Inverno
- * Do Luso Falerno
- * Nas taças fulmine
- * O vivo fulgor.

SEGUNDO TENOR.

Fulmine, sim, fulmine o Ebri-festante
 Padre Leneu o seu fulgor brilhante.

Eia pois, aqui temos o espumoso

Almo licor da parra, que virente

Enrama o grão Tridente

Do Tejo caudaloso:

Almo licor, que o Inverno enregelado

Torna ledo e rosado,

DITHYRAMBO VIII. 59

Que affugenta as mortaes melancolias,
E em teu regaço , fresca Oeiras , crias.

A coruscante
Dextra de Jove,
Que os raios move
A' fragil terra
Com dura guerra,
Dardeie-troveje
Fulmine-arruine ;
Que armado e cercado
De Baccho potente,
A máquina ingente
Impavido , immovel
Verei estalar.

PRIMEIRO TENOR.

- * Lança pois , oh Tirse ditoso (2),
- * D'esse almo licor saboroso (3)
- * Neste copo brilhante e dourado (4);
- * Dos Heroes ás saudes dicado.

SEGUNDO TENOR.

Aqui tens a suave ambrosia ,
Que de-perta , que inspira alegria ,
Que ferve , que cheira , que espuma,
Que as aras de Baccho perfuma.

PRIMEIRO TENOR.

- * Agora que brilha croada

60 DITHYRAMBOS.

- * Do licor rubro a nitida taça ,
- * Pela terra me lanço e derrubo
- * E respeitoso á boca a subo (5)
 - * Em honra e louvor
 - * Do grande Carvalho ;
- * Do famoso Carvalho , que alçando
- * A's estrellas a fronte sublime ,
- * Com a sombra benigna que estende,
 - * Ampara , protege , defende
- * Os ditosos pastores do Luso.

- * Em honra e louvor
- * Do grande Carvalho
- * O cheiroso orvalho ,
- * Que das cepas mana ,
- * Que produz ufana
- * A viçosa Oeiras,
- * Neste copo empino.

CORO.

- * Viva o grande Carvalho , viva , viva.

SEGUNDO TENOR.

Basta , basta , calai-vos , ouvi-me.

Esta de vinho
Taça primeira ,
Que á boca encaminho ,
A verdadeira
Constante amizade

DITHYRAMBO VIII. 61

Consagro devoto :

Aceita, oh bom Carvalho, o puro voto.

No cume das grandezas,

“Onde te elevão solidas virtudes,

Não foges, não despresas,

Inda q̄ humildes, corações que te amão.

Do tausto a luz brilhante,

Cujo falso esplendor a tantos cega,

Não muda teu semblante.

Quanto no mundo he rara esta virtude,

Tanto mais a Grande Alma nos cativa.

CORO.

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Venha hum copo de vinho do Douro

* De rubins destillados rocio,

* Vinho que vence os vinhos de Chio,

* Que derruba, que prostra por terra

* A possante, soberba Inglaterra :

* Vinho, que Bromio alegre e salrante

* Para seus brindes colhe e vindima,

* Vinho, que cresce em preço e estima,

* A' sombra ditosa

* Do grande Carvalho ;

* Que á sua saude

* Outra vez a brindar me convida

* Por cem bocas a Fama, cantando

* As virtudes, que acolhe em seu peito.

CORO.

* Viva o grande Carvalho , viva , viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Venha , amigos , outro copo.

SEGUNDO TENOR.

* Pronto , pronto aqui está.

PRIMEIRO TENOR.

* Venhão sinco , quatro , seis.

SEGUNDO TENOR.

* Aqui prontos todos tens.

CORO.

* Viva o grande Carvalho , viva , viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Evohe ! grão Leneu.

* Que doce frenesi a alma me agita !

* Já de alegres espiritos fervendo (6)

* Huma violenta alboratada tropa

* Felas inchadas veias me galopa.

* Oh bom Dioneu !

* Lança-de-ouro , terrível , fulminante ,

* Féro exterminador de ancias , tristezas,

* Saboé ! vibra o thyrso fulgurante ,

E a vil plebe ignorante

DITHYRAMBO VIII. 63

Me affasta de diante. (to

- * Sús, silencio, silencio, que em meu pei-
- * De cantar altamente o Deos me inspira.
 - * Ah! soe a sonora
- * Thymele ebri-saltante, estrepitosa,

- * Sõem fagotes,
- * Sõem timbales,
- * Sõe a trombeta
- * Que a furia incita:
- * Nos fundos valles
- * Eco repita
- * Tan tan ran tan.

CORO.

- * Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

- * Mas q̄ vejo! q̄ assombros! q̄ portentos!
- * Dés, vinte soes, quarêta, trinta estrellas!
 - * Ah! não, são Ninfas bellas,
- * Que eclipsão com seus bellos resplendo-
- * Do louro Febo os nitidos fulgores. (res
 - * Tragão-me vinho,
 - * Tragão-m'ò á pressa.

SEGUNDO TENOR.

- * Aqui ha louro.

64 DITHYRAMBOS.

TIPLE.

- * Ha carmesim,
- * Sangue cheiroso
- * De brilhantes racimos.

SEGUNDO TENOR.

- * Qués do topazio (7)?

TIPLE.

- * Qués do rubim?

PRIMEIRO TENOR.

- * Tragão-me d'esse q̃ tem a cor branca (8),
- * Puro manná, que estillou Peramanca,
- * Doce licor, que por doce se preza;
- * Que em teu louvor, e que á tua saude
- * Delle pertendo beber hum almude,
- * Oh de Pombal excellente Marqueza.
 - * Já dobrando o joelho
 - * Pela terra me inclino,
- * E a chea taça denodado empino.

CORO.

- * Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

TIPLE.

A' margem viçosa
Do Danubio undoso
O Tejo invejoso

DITHYRAMBO VIII. 65

A foi demandar.
Alma tão formosa,
De virtudes cheia,
Adora, e recea
A Musa brondar.

Mas em fim ha de ser; venha a botelha,
Que encerra o saboroso
Licor espirituoso de Champanha,
Que muito gosta a gente de Alemanha.
Da aguda faca a lamina buida
Quebre a loura resina, salte a presa
Cheirosa escuma, e em bolhas mil ergui-
Saude a Grão Marqueza; (da
E retinindo
Pelos erguidos
Tectos dourados

Os reciprocos brindes alternados,
Vereis, ah! sim, vereis,
Do grande Daun o grão Nome ouvindo,
Attonitas fugindo
Do Odder nas ribeiras
Destroçadas fileiras,
Bater a Aguia Imperiosa
De sangue as negras pennas salpicadas,
Voar victoriosa;
Marte horrendo inclinar a fronte altiva.

CORO.

* Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

- * Não quero Borgonha :
- * Não quero Champanha :
- * Não quero Tockai ;
- * Nem vinho do Cabo :
- * Os vinhos estranhos
- * Não provo : não gabo.
- * Quero vinho , q̄ alegre , que aquente :
- * Dá-me d'esse que goarda na cuba
- * Doce çumo Mação excellente ,
- * Camarista estimado e válido
- * De Evio Lysio na Casa enramada ,
 - * Por isso chamado
 - * Da chave dourada.
- * Este pois , oh formosa Condessa ,
- * Gloria e timbre de Oeiras formosa ,
 - * Te brindo e consagro.

CORO.

- * Viva a grande Condessa , viva , viva.

PRIMEIRO TENOR.

- * Quando sai do Horizonte
- * Na fogosa carroça o sol dourado ,
- * O sol de immensa luz perenne fonte ,
- * Não vem de tantos raios coroado.
 - * Tão formosa e engraçada ,
 - * De flores adornada ,
 - * Não sai do Ganges fóra

DITHYRAMBO VIII. 67

- * Na fresca madrugada
* As nuvens roixeando a bella Aurora :
* Ao terno Esposo ,
* Cujo espirito raro e generoso ,
* Mais que da terra, do alto Ceo he digno,
* Em casto laço santamente unida
* Brilhar se vem as duas almas bellas,
* Quaes os Gemeos de Leda entre as es-

CORO. (trellas.

- * Viva o Esposo gentil, a Esposa viva.

TIPLE.

Mas que fero gigante
De setas armado ,
Os campos talando ,
As plantas crestando ,
Com fina navalha
Os beiços retalha ,
Me off'rece batalha ! (te,
Hes tu , bem te conheço, impio Nordes-
Dos mortaes crua peste.
Não fujo , não fujo ,
Espera , suspende ;
Que a ti não se rende
De Baccho o valor

Dá-me d'esse , que tem a cor loura ,
Impenetravel rigida coura ,
Que do Oceano as nitidas filhas

68 DITHYRAMBOS.

Me mandarão de mimo das Ilhas.
Venha hum copo, dous copos, tres co-
Capacete, rodela, e montante: (pos,
Dize agora que venha o gigante.

Mas que esquadrão formoso
De aligeros soldados,
De viçosa oliveira coroados,
Com suave harmonia o ar povòda,
E a soccorrer-me vòda!

Os leves Amores,
As candidas Graças
Em torno das taças
Alegres voando,
Entoão louvores
De Amalia gentil:
Amalia excellente,
De tronco viçoso
Ramo florecente,
Que em laço ditoso
Promettes, seguras
Mil bens, mil venturas
Ao Esposo feliz.

A ti pois, oh Amalia formosa,
De raras virtudes compendio,
A taça cheirosa
De vinho espumoso
Consagro rendido:
Tambem a consagro

DITHYRAMBO VIII. 69

A teu grande Esposo,
Que louros cingindo
Vai ao templo da Gloria subindo.

CORO.

Viva Amalia gentil, o Esposo viva.

PRIMEIRO TENOR.

* Mas que sinto ! que vejo ! q̃ escuto !
* Se Epaphio fremête, de pôtas taurinas(9),
* Que acceso inflâma-me, embrulha-mé o

PRIMEIRO TENOR. (cerebro(10),

* Não me illude, T

SEGUNDO TENOR.

M'o finge,

TIPLE.

Me engana,

PRIMEIRO TENOR.

* A terra agita-se, abana-se, move-se.

SEGUNDO TENOR.

* Os ares cerrão-se, engrossão-se, turbão-
(sc.

TIPLE.

* Rugem com impeto rigidos Africos.

70 DITHYRAMBOS.

PRIMEIRO TENOR.

- * Brilhão relápagos subitos, lugubres,
- * Rôpendo a concava maquina etherea.

SEGUNDO TENOR.

- * Accesas, tremulas, rubidas viboras
- * Horríveis bramão por farpadas lingoas.

TODOS.

- * Oh vite-comado, tarfante Brisseu,
- * Brincão, pampinoso, mancebo Liéu!
- * Que he! que he! que será!

TIPLE.

- * Quem tanta desordem,
- * Oh Ceos, causará?

CORO.

- * Mas seja o que for,
- * Cantemos, bebamos,
- * Dancemos, durmamos
- * Do grande Caryalho
- * A' sombra feliz.

acima abigir

NOTAS.

(1) As palavras Bassarêu, Bromio, Epaphio, Lança-de-ouro, &c. são apellidos dados a Baccho por Orpheu, ou quem quer que he o Author dos Hymnos, que se lhe attribuem; e por outros muitos Poetas Gregos e Latinos: a maior parte dos quaes denota as qualidades e predicados, que os Ethnicos attribuião a esta falsa Divindade, (ou antes os *effeitos fisicos*, que o vinho produz em quem o bebe). O uso das Nações mais polidas as admittio, e approvou em semelhantes composições. As palavras novas e compostas, como igualmente a frequente variedade de metro, e uso de Metaphoras atrevidas, são os adornos proprios d'esta extravagante e fantastica Poesia, como indicão estes versos de Horácio:

Seu per audaces novâ dithyrambos

Verba devolvit, numerisque fertur

Lege solutis.

Od. Libr. 4. Od. 1. (al. 2.) v. 10.

Sobre ella se pôde ver Quadrio no tom. 2. liv. 1. Distin. 2. cap. 3. e Menzini liv. 3. onde, ao mesmo tempo que ensina as regras, dá hum excellente exemplo.

(2) Este verso he chamado Enneasyllabo, ou de nove syllabas, e pertence á primeira classe delles, que devem levar os accentos na terceira, quinta, e outava: como se pode observar nos Autores que o introduzirão, e lhe derão a regra.

72 DITHYRAMBOS.

(3) Outra especie de versos de nove syllabas, que deve levar os accentos na segunda, quinta, e outava: como se pode observar no seguinte verso que he de Jose Gaetano Salvadori, ou de Loretto Mattei.

Di perle, di tremulo gelo.

(4) Verso Decasyllabo; os quaes tem seus accentos ou na terceira, sexta e nona, ou na quarta, setima, e nona; de que ha muitos exemplos em Reddi, e no Aldeano, ou seja Nicolao Villani. Este verso não he novo em Portugal.

(5) Outro verso de nove syllabas com os accentos na quarta e outava; de que he Author Gabriel Chiabrera na sua Canzoneta:

A duro stral di ria ventura,
Misero me! son posto segno,
E l' empio duol, ch' io ne sostegno,
Misero me! non ha misura.

(6) O Author na revisão dos Dithyrambos mudou aqui dous versos: e lendo-se no impresso:

Já de alegres espiritos huma tropa
Pelas veias fervendo me galopa.

escreveo na revisão como vai emendado.

(7) Qués, he syncopado de queres. Semelhantemente diz Camões na Ecloga 3.

E se qués ver se ardentes são seus tiros.

(8) Esta especie de versos só differe dos mais endecasyllabos em levar os accentos na quarta, setima, e decima. Delle se vem muitos exemplos em Camões, Ferreira, &c. mas o seu proprio lugar he nos Dithyram-

DITHYRAMBO VIII. 73

bos, por terem huma armonia alegre, e estrepitosa.

(9) Verso de doze syllabas. Este verso he dos mais antigos de que usárão os Portuguezes, se he certa a invenção do Poema da Perda de Hespanha, achado no Castello da Louzã em tempo de ElRei D. Affonso Henriques: não ha duvida porem que no Cancioneiro de Resende ha muitas poesias compostas neste metro.

(10) Verso chamado Choriambico, que leva os accentos na quarta e setima, acabando com esdruxulo, fazendo cesura na sexta syllaba: delle são os seguintes exemplos tirados do Reddi no seu *Baccho em Toscana*, e Campelli na sua Tragedia *La Gerusalemme cattiva*.

O come l'ugula bacciami, e mordimi
 O come in lagrime gl'occhi disciogli- } Reddi.
 (mi.)

Ma qual distruggemi rapida furia
 Come spaventami l'Erebo, e seg- } Campelli.
 (nami.)

DITHYRAMBOS.

IX.

Baccho em Lusitania.

HUma tarde de Maio serena
 Quando o sol se banhava nas ondas,
 A's ribeiras do Tejo, que corre
 As campinas de flores bordando,
 N'hum carro de vides toldado,
 Por tigres ferozes
 A passo tirado,
Entre o som confuso de sistros e vozes
Loução chega o filho de Jove sagrado.
 Trazia a seu lado
 Das Graças cercada
A formosa Ariadna de estrellas croada.
De tenros Amores aligeira turba
 Voava ligeira
Por entre a ramada da fresca parreira,
 Que o carro toldava.
 Dalí fulminava
Mil setas brilhantes, que o ar abrasando
 Amores geravão
 Por onde passavão:
 Amores travessos,
 Que logo adejando

DITHYRAMBO IX. 75

As azas soltavão,
E dos dous amantes nas almas entravão.

Caracolando cercavão o coche,
Ululando, saltando, cantando
As fogo-frementses
E Jaccho-gritantes
Lascivas Bacchantes,
Ou grossas serpentes
Nas mãos apertando,
Ou tyrsos vibrando.
Seguia-se logo
A chusma incomposta
De Faunos galhudos,
Cornipedes Satyros,
Que pegas trazião,
E fallar fazião,
Evohe gritando,
Nebrodes chamando,
Dithyrambo uivando.

Huns tocavão soantes adufes,
Outros saltando batião nos ares
Crotalos, cymbalos, tympanos, sistros.
Nem falta Silvano,
Que ás costas trazia
Com grandes raizes
Hum grande pinheiro.
O Deos dos pastores
De amoras pintado, e vestido de flores
Nas mãos conduzia a sagrada ciranda.

Tu tambem, de Lampsaco
 Nome impudente,
Companheiro fiel do brincão Baccho,
 Ali presente
 A longa cana
 Ao ar alçavas,
 Com que o vento e as aves açoutavas.
 Roncava a Frygia, tumida tibia
 Por entre os rigidos horridos crotalos.
 Canta de Satyros fervida cafila
 Em Dithyrambicos turgidos numeros,
E o velho Sileno banhado de mosto,
 Picador mesquinho de imbelle jumento,
 Levantando a vara, que o burro feria,
Ao coro estrondoso o compasso batia.

Quando subitamente
 Alto: bradou o filho de Semele,
 E n'hum ponto cessou toda a thymele.
 Ao grande acceno
 Do burro se desmonta o bom Sileno:
 Mas como velho,
 E tomado dos vinhos,
 Cai ao descer na arêa de focinhos.
 Cerreo a levantallo toda a tropa,
 Hús lhe pegão das mãos, outros da ropa;
 E posto em pé com mal seguro passo
 Vai a Baccho, que desce, dar o braço.
 A quem Ariadna segue tão formosa,
 Que na belleza o mesmo sol vencêra,

DITHYRAMBO IX. 77

Se o mesmo sol então não se escôdera:
Logo o Deos bipolarido se encaminha
A huma gruta que ali está vizinha,
Guarnecida de musgos e videiras,
E em torno rodeada de parreiras:
 Onde indigenas Ninfas,
 Deixando as claras linfas,
 Vem a passar as sestas
Em doces jogos, em alegres festas:
E em quanto pela arêa caminhava,
De Jaccho ao braço a Ninfa se encosta-
 E a terra de mil flores (va;
Ao passar lhe alastravão os Amores.

Tanto que na frondosa lapa entrárão,
Sem ceremonia todos se assentárão
 Nas verdes almofadas,
Que a destra e subtil mão da Natureza
 Sem estudo estofara,
 E broslara

De mil lustrosas desvairadas cores,
Que em seu seio ostêtavão lindas flores:
E só em pé ficou a vil caterva
 De Faunos petulantes,
 E lascivas Bacchantes,
Que retôção saltando sobre a herva.

Então o loução Deos a voz desbrochando
 Do tundo do peito,
 Com suave aspecto

Desta sorte foi a todos aregando:
 Ariadna bellissima,
 Esposa carissima,
 Doce emprego e idolo
 Desta alma ternissima!
 E tu oh solícito
 Sileno capripede,
 Ayo amabilissimo,
 De todos meus jubilos
 E trabalhos asperos
 Socio fiel e intimo!
 Vós tambem dos rusticos
 Pastores e agricolas
 Oh Numes beneficos!
 E toda a mais recova
 De Faunos e Satyros
 E soltas Bassarides,
 A mi devotissimos!

Supponho que nenhum de vós ignora
 O quanto grato
 Não só agora,
 Mas já ha muito
 Me foi da Lusitana terra o trato,
 A pesar de quanto escreve,
 E a dizer de mi se atreve
 O velhaco de Camões.
 Elle foi por certo Poeta,
 E das Hespanhas Archipoeta:
 Porem foi meu inimigo.

DITHYRAMBO IX. 79

Eu com tudo lh'ó perdôo ;
 Porque sei q̃ aos grandes Vates
 De fingir lhes deo licença
 Meu Irmão o louro Apollo.
 Eu lh'a dou , eu lh'a concedo ;
 Pois assás estou vingado
 No desdem com que o tratárão
 Os seus mesmos Lusitanos ,
 Cujos feitos mais que humanos
 Elle cantou ,
 E eternizou.

Mas deixando digressões ,
 E o velhaco do Camões ,
 Lysio meu caro amigo , e companheiro
 Do vencido Oriente nos triunfos ,
 Aqui firmou guerreiro
 O magestoso trono , e lhe deo nome.
 Aqui de verdes pampanos croada
 A terra brota
 Mil cepas , mil bacelos
 Com o peso curvados
 De saborosos cachos bellos , (los ;
 Quaes brancos , quaes roixos , e amarel-
 Que á vista se apresentam mais brilhantes
 Que os rubins , q̃ os diamantes,
 Que os jacinthos , granadas , amethistas ;
 E na pia marmorea espremidos
 E derretidos ,
 Em cheirosa ambrosía se tornão ,
 Que em rios suaves entornão ,

Convidando
 Seu humor
 Com a cor
 A bebello,
 Rebebello

O estrangeiro e o natural.

Por estas causas pois, e sobre tudo

Porque da florente
 Antiga Silveira
 A flor mais virente
 Hymeneo meu filho,
 De Urania gerado,
 Com nó apertado,
 Lisonjeiro prende

A hum tenro novo ramo florente
 Do robusto Carvalho, que alçando
 A's nuves a coma soberba,
 Do Luso os pastores abriga
 No furor da procella inimiga:
 Deixando Nyza, Naxos e o Oriente,
 E do Arno famoso
 As frescas ribeiras,
 Onde á sombra de opimas parreiras,
 De mil vinhos
 Oditosos,
 Saborosos,
 Generosos,
 Preciosos
 O Reddi affamado

DITHYRAMBO IX. 81

Hum banquete me deo bem delicado ;
Neste bosque applaudir comvosco intento,

Caros confrades ,
Tão ditoso ajuntamento ,
Que Hymeneo
Ledo teceo.

Dos tenros Esposos
Gentís e mimosos
Em honra e louvor
Aqui beberemos ,
Aqui brindaremos ,
Aqui cantaremos ,
Aqui bailaremos ,
Aqui gorgomilos ,
Aqui peito e boses
Com o grato çumo

De illustres famosas videiras
Ledos regaremos ;
Embalsamaremos :

E da solta alegria
Entre os extremos
Nos emborracharemos.

A vós , caros confrades ,
Dou toda a liberdade , e só prohibo
Inflexivel , severo
Dos vinhos estrangeiros hoje o uso.

O Tockai deixe-se
Ao robusto Hungaro ;

82 DITHYRAMBOS.

Deixe-se ao Baravo
 O licor de Africa,
 Que o nome arroga-se
 Do cabo celebre,
 Que arando de Neptuno os ermos paramos
 O Luso intrepido
 Ousado descobrio ao mundo attonito:
 O Francez lepido
 Beba o que espreme-se
 De Borgonhezes, Champanhezes pampa-
 Succo aromatico. (nos
 Do Rheno no fumante branco balsamo
 Gostoso entrasque-se
 O Alemão frigido.
 Goste o molle Italo
 O seu Monterapoli,
 E o que de Rei por mi tomou o titolo
 Por empenhos que me fez o Reddi inclito,
 Montepulchiano grato, illustre e celebre.
 O Ibéro tumido
 Beba o seu Malaga,
 E o Britano ardego
 Alague-se,
 Encharque se
 Em ponche tepido,
 Cerveja rubida;
 Que hoje em paz lhe consinto, e em paz lhe
 Todos esses licores. (deixo
 Nós beberemos, Collegas, somente
 Os ricos vinhos, os vinhos famosos,

DITHYRAMBO IX. 83

Que estes campos brotão ,
Que alegres esgotão
Francezes , Inglezes ,
E até esgotára ,
Se acaso os provára ,
A pesar do seu Santão ,
E de todo o Alcorão ,
O seu Opio deixando e o seu Café ,
O soberbo barbarrão
Do fanatico Muftí.

Se algum de nós houver tão despejado,
Que se atreva a quebrar o grande edito,
De minhas alegres nocturnas Orgias ,
E mais folias

Sem recurso será logo proscrito :
E por maior vergonha condenado
Com intamia e com magoa
A beber somente agoa.

Só para variar de quando em quando
Permittirei beber hum calizinho
Do generoso vinho ,
Que no regaço ufano
Nutre a fresca Madeira ,

Por ser tambem hum vinho Lusitano.
Eia pois , principie a grande festa :
Fuja , fuja
A tristeza de nós grave e molesta.

Tragão-me d'esse esplendente carmim,

Que de Ceilão brilha mais que o rubim ,
 Que em cheiro vence o suor odoroso

Da Capreúba,
 Inda techado
 Dentro na cuba ;

Sangue brilhante de cepa estremada ,
 Que Mação avaro e zeloso

Goarda nas pipas com chave dourada.

Ariadna , bebe
 Desta ambrosía.
 Oh ! que alegria
 N'alma recebo ,
 Quando te bebo ,
 Grato licor !

Vá á saude
 Da nova Esposa ,
 Que he mais formosa
 Que o mesmo Sol.

Vá á saude
 Da nova Esposa ,
 Que he mais formosa
 Que o mesmo Sol ,
 Repete a chusma
 Dos convidados :

E em quanto contentes bebião ,
 Do coro folião a grande tropa ,
 Que em torno á lauta mesa estava em pé ,
 Cantava em altas vozes : Evohe.

DITHYRAMBO IX. 85

Este copo brilhante e lavrado

(Ariadna dizia)

Este copo brilhante e dourado

Em que brilha em que fuma escumado

O manná, que derramão suaves

Frondentes vides

Em Peramanca :

Este que grato me apaga e me estanca

A ardente sede :

Este sim , que o nectar excede ;

Vá , vá á saude

Do recém Esposo

Gentil e garboso ,

Que de aceiro armado

De Marte he traslado ,

E delle despido

Parece Cupido.

Vá , vá á saude

Do recém Esposo

Gentil e garboso ,

Que de aceiro armado

De Marte he traslado ,

E delle despido

Parece Cupido ,

Repete a chusma

Dos convidados :

E em quanto contentes bebião ,

Do coro tolião a rude tropa ,

Que em torno á lauta mesa estava em pé ,

86 DITHYRAMBOS.

Cantava em altas vozes : Evohe.

Então de Lampsaco
O Nume potente
Hum frasco tomando
De vinho odoroso ,
Que em seus cápos produz a Chamusca;
Em quanto a rolha porosa sacava ,
Assim aos mais commensaes fallava :
Esta viva desteita granada
Neste claro cristal engastada

Vai á saude
Da Esposa bella ,
Que nova feniz
Viva e reviva
Sempre gentil.

Vai á saude
Da Esposa bella ,
Que nova feniz
Viva e reviva
Sempre gentil,
Repete a chusma
Dos convidados ,

Que os vasos ledamente despejarão.
E em quanto contentes bebião ,
Do core folião a rude tropa ,
Que em torno á lauta mesa estava em pé ,
Bradava em altas vozes : Evohe.

Seguiu-se logo
 O bom Silvano ,
 Que hum grande jarro
 De vinho enchendo
 De Carcavellos,
 Ao claro Esposo
 Assim brindou.

Oh tu nova vergontea florecente
 De alto tronco em Heroes sempre fecundo
 Ou nas artes da Paz , ou nas que escreve
 Com roixo sangue Marte furibundo ,
 Cuja gráo fama vaga pelo mundo :

Este vaso ,
 Que no bucho
 Pronto vaso ,

E qual fero robusto Tudesco ,
 Que bebe e rebebe animoso ,
 Com elle os bofes
 Régo e refresco ,
 Em honra tua ,
 E do futuro

Successor , que ledó te auguro ,
 Manso , manso vou entornando.

Em honra tua ,
 E do futuro

Successor , que ledó te auguro ,
 Manso , manso vou entornando :

Repete a chusma
 Dos convidados.

E manso , manso
 Os gordos vasos
 Todos gró , gró
 Forão vasando.

E em quanto contentes bebião ,
 Do coro folião a rude tropa ,
 Que em torno á lauta mesa estava em pé ,
 Bradava em altas vozes : Evohe.

Em pé então
 Se levantou
 O agreste Páo ,
 E hum cangirão
 Nas mãos tomou ,
 E assim bradou :
 Enchão-me prestes do ardente pyrópo ,
 Que o Lavradio fecundo destilla ,
 Este , de que uso ,
 Rustico copo.

E n'hum ponto
 Hum Sileno
 Diligente ,
 A quem toca
 De copeiro alí o officio ,
 Lh'o enche todo até á boca.

Com as mãos ambas
 O Semicapro
 Alegre o toma ,
 E antes que beba

Assim fallava :

Este vinho puro e macio ,
Oh se caudal manasse d'elle hum rio !

A' saude vá
Da Esposa gentil ,
Que conserve o Ceo
Por seculos mil.
Qual rola innocente
Que em densa floresta ,
Ou hervoso prado
O parceiro amado
Fiel acompanha ,
E sempre a seu lado
Constante se vê ,
E leda rolar :
Do Esposo extremoso
Ao lado se veja
Contente extremosa
De amor suspirar
Por seculos mil.

A' saude vá
Da Esposa gentil ,
Que conserve o Ceo
Por seculos mil ,

Repete a chusma
Dos convidados :

E em quanto contentes bebião ,
Do coro folião a rude tropa ,
Que em torno á lauta mesa estava em pé ,

Bradava em altas vozes : Evohe.

Neste ponto o bom Sileno
 A' bagagem corre.
 Das ancas do jumento despendura
 A grande infusa,
 Pela qual usa
 A seu sabor beber quando tem sede
 Das doces uvas o licor fumoso,
 E as azas tinha do pegar çafadas;
 E a tremula voz alçando assim dizia :
 Eu não uso beber por acipipe :
 Peramanca, Mação e Carcavellos,
 Chamusca e Lavradio são bons vinhos,
 São gratos, são bellos :
 Mas para a gente hum pouco delicada,
 E a opiperas mesas costumada.
 A minha pituita
 Me pede outro molho :
 E fallando sem refolho,
 Quero vinho cascarrão,
 Que se gasta nas tavernas,
 Que a cabeça logo logo
 Me perturbe e mais as pernas,
 Que a lingua trave-me,
 Que o esofago (me ;
 Rasque-me, morda-me, pique-
 Este que se bebe nas selvas
 De toscas vinhas campeche estillado
 Nas lagariças

DITHYRAMBO IX. 91.

E talhas de Elvas,
De teu nome em honra
E da tua prole,
Oh flor graciosa
De ter til Silveira,
Mais fresca e formosa
Que em verde roseira
Pudibunda rosa,

Ledo e pronto todo embarco

C' o suave esposo
De tenros filhinhos
Em torno cercada,
Qual fertil videira
De cachos ornada,
Cada vez mais bella
E mais engraçada,
Desfruta contente
Do doce consorcio
O fructo feliz.

A teus longos annos
Em dourada roca
Benevola Clotho
Lentamente tire
O fio feliz.

Disse, e de hū sorvo o cantaro despeja
Sem deixar-lhe se quer o turvo pé:
E o rustico coro de Faunos, Bacchantes
Sem cessar gritava, Evohe, Evohe:
E ao som dos ruidosos instrumentos
Em romper proseguia os vagos ventos,

D'esta arte cantavão ,
 D'esta arte soli itos
 Hymeneo chamavão.

CORO.

Desce propicio ,
 Desce do ceo ,
 Oh loução filho
 Do bom Lyeo.
 Vem Hymeneo ,
 Vem Hymeneo !

Já Febo esconde
 O rosto seu ,
 Suppra seus raios
 O facho teu.
 Vem Hymeneo ,
 Vem Hymeneo !

Sacode as teas ,
 E o ro xo veo
 Traze ligeiro ,
 Traze do ceo.
 Vem Hymeneo ,
 Vem Hymeneo !

Delle coberra
 O pudor seu
 A Esposa vença :
 O lume teu

Siga Hymeneo:
Vem Hymeneo!

O nó suave,
Que Amor teceo;
Estreita, aberta
Casto Hymeneo.
Por teu trofeo
Vem Hymeneo!

Impaciente
Do vagar teu
Daun te accusa,
Se queixa ao Ceo.
Vem Hymeneo,
Vem Hymeneo!

Ah não demores
O prazer seu,
As esperanças
Que o ceo nos deo
Neste Hymeneo.
Vem Hymeneo!

Mas já sintilla
No claro ceo
A luz brilhante
Do facho teu.
Vem Hymeneo,
Vem Hymeneo!

94 DITHYRAMBOS.

Inda bem a seu canto estrepitoso

O temulento coro fim não dera,

Quando Baccho sequioso

Por matar a sede ardente

Assim brada impaciente:

Satyrosinho,

Gentil copeiro,

Corre ligeiro,

Corre de trote:

Traze hum pipote.

Mas de que vinho?

Traze d'esse generoso,

Espumoso,

Precioso,

Que mais longe lança a barra,

Q os vinhos gabados de Chipre e de Chio;

Que o vinho affamado,

Vinho de ouro em Syria chamado,

Que Tripoli cria,

E como reliquia de lá nos envia,

Esse vinho chamado da Ponte:

Oh! quem me dará d'elle hũa fonte,

Mais perenne

Do que a fonte da Hippocrene!

Disse, e n'hum pulo

O Satyro lh'o traz hirsuto e fulo.

Então o brincão Deos assim prosegue:

Vinho suave,

Da fonte do prazer registro e chave,

DITHYRAMBO IX. 95

Quando neste rustico copo
Lingoa e padar em ti ensopo ,
Quando teu grosso jorro cá no peito ;
As guelas lavando , cae e chove ,
O nectar não invejo a meu pai Jove.

Tu hes o saudavel

Ouro potavel ,

Que a vida alentas ,

Que o coração

Refocillas , sustentas ,

Vigorisas , confortas :

Do alcaçar dos gostos tu abres as portas.

Tu da tristeza

Veloz affugentas

As lugubres trevas.

Tu as almas suspendes , elevas ,

E a ver novos mundos nas azas ardentes

Os astros calcando conduzes e levas.

Se do Menalo o audáz pastor Elpino ,

Que só agoa bebendo se arroja

A cantar guerreiros famosos ,

De melhor lira assumpto digno ,

Em ti sua boca molhára ,

Então dignamente

As grandes proezas cantára :

Então eu lhe encommendára ,

Que de Thebas no carro montado ,

Brilhantes estrellas trilhando ,

Pelo mundo fosse cantando

Deste grande Hymeneo o Epithalamio:

Certamente que elle ignora ,
 Ou assella por mentira
 O que já Argiva Lira
 Publicou
 E assellou ,
 Quando disse , que hum vinho famoso
 Era aos Poetas ginete brioso.

 Mas já que se obstina
 Somente em beber
 Agoa pura e cristallina ,
 Com sua agoa se fique o mesquinho ;
 Pois ffar tão grande empreza
 De quem só agoa bebe e não vinho ,
 He pequice , he sandice , he leveza.
 Diz que aos olhos lhe faz mal :
 He mentira , não ha tal ;
 Que eu mais vejo , se mais bebo.

 Se he de dia ,
 Vejo tres e quatro soes :
 Se he de noute , pelos ares
 Vejo aos centos , aos milhares
 Nadar juntas as estrellas ,
 E outras cousas muito bellas ,
 Como são
 Rebentar d'hum embrião
 As idéas de Platão :
 De Epicuro enxergo os atomos ;
 E huns com outros vejo , vejo
 De Renato os turbilhões
 De continuo aos empurrões ;

DITHYRAMBO IX. 97

E outras cousas muito bellas ,
Que não vejo , nem percebo
Se não bebo.

Mas já que se obstina
Somente em beber

Agoa pura e cristallina ,
Com sua agoa se fique o mesquinho ,
Que eu inveja lhe não tenho .

O sublime empenho
De mais alto engenho
Fiarei.

Quem sera , eu cá o sei ;
Mas agora o não direi ;

Porque temo que o povo do Pindo
Agravado ,
E picado

Desta minha preferencia ,
Solte as redeas á insolencia ,

E com sayras mil me caia ao rabo ;
Que hum poeta irritado he hum diabo :
Quanto mais hum enxame de poetas ,
Ou roucas rãs dos charcos da Hippocrene,
Que grasnando com tumido boato ,
Em vez de versos trovas mil entoão ,
Que os cegos pelas tuas apregoão.

Mas a culpa tem Apollo ;

Pois que atura tanto tolo
Sem que á pressa

A cabeça
Lhe não rache ,

98 DITHYRAMBOS.

ou escache
Com a lira , ou c'o cajado ,
Com que hum tempo desvelado
De Thessalia nos pacigos
Pastorava
Branco gado.

Mas onde me transporta
Contra hum bebedor d'agoa a justa sanha,
Que no peito concebo ,
Que esqueço o que por hora mais impor-
Que não bebo (ta ,
Este balsamo cheiroso ,
Este liquidó rubim ?

Gentil Esposa ,
Ao Esposo unida
Vive gostosa ,
Vive feliz :
Qual fertil vide ,
Que em mil abraços
C' os verdes braços
Tenaz aperta
O olmo gentil.

Disse : e gorgolejando ,
Todo o pipote
Nas aridas entranhas foi vasando.

Gentil Esposa ,
Ao Esposo unida
Vive gostosa ,

Vive feliz,
 Repete a chusma
 Dos convidados,
 E os cheos vasos
 De vinho rasos
 Ledos e emborcão,

E em tanto dos Faunos e soltas Bacchantes
 A tropa festiva, que em giro saltava,

Os verdes thyrsos brandindo espantosa,
 Huns apòs dos outros, a boca applicava
 Ao jorro que espalha fumando de em torno
 D'hum tonel bojudo e cheiroso

O largo torno:
 E de quando em quando
 Bramindo, ululando
 E vociterando,
 Evohe gritava:
 Evohe!
 Evohe!

Sinto girar-me de em torno a cabeça:
 A selva se dobra e tresdobra a meus olhos:
 Vejo bailar as arêas do Tejo:
 E as cerulicrinitas Tagides vejo
 Sobre as ondas formarem corêas.
 O carro c' os tigres voltêa de em torno:
 Cabriola comnosco a floresta:
 Que gosto, que prazer, que alegre festa!

Ariadna dizia,
 E assim proseguia:

ICO DITHYRAMBOS.

As toscas nebrides
Larguem as Menades :
Os racimiteros
Thyrsos horribicos
Deixem os Satyros :
Teçáo levissimos
Coréas lepidas
Ao som armonico
Dos rijos crotalos ,
Das gaitas turgidas,
Dia tão celebre
Por nós celebre-se
Com baile e canticos ;
E os nossos jubilos
Augmente prodigo
O sangue liquido
De cepas incl tas.
Teça-me , teça-me
De vós , Bassarides ,
A mais solícita
Verdes lauréolas
De frescos pampanos ,
De hera frondifera ,
Donde pendáo vistosos os corimbos ;
Que em sinal de alegria ,
Neste de almo prazer solemne dia ,
As soltas tranças
Coroar pertendo com ellas.
Seráo mais brilhantes ,
Que a outra de estrellas ,

DITHYRAMBO IX. 101

Que no ceo sinilla
Por dadiya tua,
Thyoneo gentilissimo,
Esposo carissimo.

E tu em tanto,
Pincerna rustico,
D'esse chrysolito
Doce, odorifero,

Que de grata fecunda videira
Colhe e pisa e prepara a Madeira,
Esta copa luzente e sagrada,
D'ouro com rico lavor tauxiada,
Traz-me chea.

Disse, e qual sae fusil da nuve fea,
O Satyro fragueito lhe obedece.

Então tomando Ariadna o rico vaso,
E a branda voz soltando,
Que sobre as tremulas humidas azas
As soltas Auras suave prendia,
D'esta arte proseguia:

Feliz Esposa,
Que hes mais formosa
Que a roixa Aurora,

Quando nas conchas o pranto, que entor-
Em netas per'las (na,
Converte e torna:
Ao terno Esposo
Sempre liada
Lysia te veja;

102 DITHYRAMBOS, I

E com inveja,
 A tenaz hera,
 D' alto azinho no tronco enrolada,
 Estale em mil pedaços
 Pertendendo emular tão doces laços.
 Esta que derramou meliflua uva,
 De fragantes jacinthos rica chuva,
 Porque assim seja,
 E Lysia o veja,
 Com immenso prazer empino e vaso,
 E a grande sede mato em que me abraso.

Porque assim seja,
 E Lysia o veja,
 Este grão vaso
 Empino e vaso,
 Repete a chusma
 Dos convidados;
 E alegres todos
 As grandes taças
 Tocão e beijão,
 Sorvem, despejão.
 E em tanto a turba
 De Evias e Faunos,
 Que beberricava,
 Caracolava,
 Tripudiava,
 Ferindo a arêa
 C'o solto pé,
 Sem cessar brada:

DITHYRAMBO IX. 1031

Evohe
Evohe

Quãde vós me traz, oh Silenos,
Huma pipa de vinho do Douro

Vermelhaço,
Brilhantaço

Para nella cortir este couro

Grita então

De Hellesponro o Nume potente

E hum Fauno lhe apresenta hũ çangirão

Este vaso

Não he azo,

Replicou,

A matar a sede ardente,

Em que meu peito arder se sentere

Mas se outro mais pronto não ha,

Que remedio e paciencia:

Este vaso

Oh quinta essencia

Dos vinhos todos!

Que noutro tempo beberão os Godos,

E agora iebes nois do

A gente Ingleza,

Que tanto se preza

De beberi

E entender

Dos bons vinhos a excellencia.

E te dá a preferencia

Sobre os vinhos de Borgonha,
 De Bordòs e de Champaña,
 Que o Francez vão, orgulhoso
 Tanto gaba, e tanto jacta:
 Eu te bebo respeitoso
 Em honra do novo Carvalho
 Que a crescer começa viçoso;
 Porque de astro benigno amparado,
 E á formosa Silveira accostado,
 Novos ramos brotando fecundo,
 Com seus pimpolhos encha todo o mundo.

Porque de astro benigno amparado,
 E á formosa Silveira accostado,
 Novos ramos brotando fecundo,
 Com seus pimpolhos encha todo o mundo,
 Em honra do novo Carvalho,
 Que a crescer começa viçoso;
 Eu te bebo respeitoso,
 Grato vinho generoso:
 Repete a chusma
 Dos convidados,
 E as grandes taças,
 Do Duriense: heor todas croadas,
 Deixão lavadas:
 É em tanto a plebe
 Ebri-festiva
 Beberricando,
 Tapudiando,
 Em leves pulos

DITHYRAMBO IX. 105

Ao ar saltava ,
Bitendo a terra
C' o solto pé ;
E ululava , bramia
Triambo , Dithyrambo :
Evohe , Evohe.

Agora me sigo , Silvano dizia :
Agora me sigo , tambem Pão dizia.
E sobre qual delles primeiro faria
D'hum novo prolfça respeitosa off'renda,
Entre ambos se move estrondosa conten-
Até que Lyeo (da.
Que a grão rixa vio , O
Assim decidio.
Em tão fausto dia
Não haja pendencia
Que a paz nos perturbe ,
Que o prazer nos turbe :
Brindemos todos
Sem preferencia.
E pois Silvano
Fallou primeiro ,
Em brindar seja
Pão derradeiro.
Com tal decisão
Lançou logo mão
De hum borrachão
O Nume campestre.
Oh ! vinho suave ,

106 DITHYRAMBOS. I

Oh! ambre desteito,
 Que na Vidigueira
 Orvalhou generosa videira,
 (C' o vinho fallando
 : odms Silvano exclamava)
 Como teu lume
 O peito inflamma-me,
 Da mente affa-me
 O subtil gume,
 Porque possa
 E repossa
 Celebrar
 E lougar,
 Oh Esposos gentis, a gloria vossa!

A
 Dos mimos cercado
 Já ve o dija vejo
 O Esposo extremoso,
 Que ardendo em desejo
 Procura animoso
 A Esposa gentil.
 De encantos cercada
 Já ve o dija vejo
 A Esposa formosa
 Que chea de pejo
 Equiva medrosa
 O Esposo gentil.
 Amor que os inflamma,
 Hymeneo que os guias,
 Soprai vossa e chamas.

DITHYRAMBO IX. 107

Triunfem Desejos,
E tujão os Pejos,
Amor! Hymeneo!
Ah! não demores
C' o prazer seu
A nova ordem dos grandes soccessores.
Porque assim seja,
E Lysia veja
Comprido o fausto agouro,
Despejo alegre o empantufado couro.

Porque assim seja
E Lysia veja
Comprido o fausto voto
Este puro licor bebo devoto:
Repete a chusma
Dos convidados,
Embarcando cada hum veloz contente
O vaso cheo do licor ardente.

Seguiu-se Páo,
Que assim dizia:
Venha hum quartão
De roixo vinho,
Que os vagos ares
Todos perfume,
Que borbulhe, q' ferva, que escume.
Ah! traze-me d'essa brilhante triaga,
Barbiponente ligeiro Sileno,
Que da Anadia

108 DITHYRAMBOS. Q

Os cheirosos lagares alaga,
Que os tristes cuidados,
Veneno da vida,
Sumerge, dissipa, anniquila, e estraga.

D'esta tiorba
Ao som suave
Da linda Esposa,
Do guapo Esposo,
As ternas graças,
O gesto vivo
Descantarei,
Celebrarei:

Ella he Cyprina,
E elle Gradivo. (mente,
Mas porque mais e mais se inflamme a
D'ambos em honra
Este grão vá....
Este grão vá....
Este grão vaso empunho reverente.

Disse: e de ardente sede e prazer cheio,
D'hum sorvo o levou até ao meio,
Então descançando
E o quartão pousando,
Assim continúa
Na pratica sua:

Gentil Donzella,
Tu hes mais bella,
Que a Ninfa ingrata,
Que ainda em longo arbusto cõvertida,

Fera homicida
De amor, de saudades me mata.

Nas tuas faces
Rubras, formosas

Trazes as rosas:

Na boca trazes

Perolas, cravos:

E na garganta,

Que a vista encanta,

Tens os jasmims,

Tens mogarins.

Gentil Esposo,

Quando te vejo,

Quanto te invejo!

Tu tantas flores

Na companhia

De mil Amores,

Tu, venturoso,

Tu colherás.

Ah que ambos sois

De Marte e Venus

Retrato vivo:

Ella he Cyprina,

E tu Gradivo.

Mas porque mais o jubilo se augmente,

Em que meu peito trespordar se sente,

Em honra vossa,

Oh venturosos

Ternos Esposos,

O grão vaso despejo reverente.

110 DITHYRAMBOS.

Mas porque mais o jubilo se augmente,
Ei que meu peito trespord r se sente,

Em honra vossa,

Oh venturosos

Ternos Esposos,

O grão vaso despejo reverente :

Repete a chusma

Dos convidados,

E as grandes taças

Todas enxugão.

E a plebe que em torno bailava,

Evohe pulando gritava,

Evohe.

Evohe.

O velho Sileno

Que em tanto matreiro

Hum vaso apòs outro

Sorvia e bebia

Sem tregoa lhe dar,

Agora que a solemne vez lhe toca

De beber e brindar,

Antes que falle dando huma risada,

Aos ledos commensaes assim palrava :

Redomas e copos,

Garratas e frascos,

Intusas, quartões,

Picheis, borrachões,

Odres e potes

Vasos são para mamotes.

DITHYRAMBO IX. III

Eu quero hum grande tonel,
Para nelle de vinho tartar-me,
Mergulhar-me, lavar-me, ensopar-me.

Venha d'esse villãozão,

Em que se entrasca

E se encarrasca

O sordido Gallego nas tavernas:

Que o faz ondear,

Bailar e saltar,

Gritar e cantar:

Pois quando as guélas me lava,

E o padar me pica e trava,

Nos gorgomilos

Tão suaves cocegas sinto,

Que de ri... Que de ri...

Que de riso me sinto estalar.

Em honra vossa, felices Esposos,

Eu todo o sorverei por hum funil:

E por mais não tardar,

Já sofrego o começo a despejar.

A rustica turba

Que cabriolava

Festiva de em torno;

E de quando em quando

A boca applicava

Da pipa ao torno;

Em quanto o tonel

O velho espichava,

Evohe clamava,

Evohe.

Evohe.

Neste ensejo o brincão Deos
 Assim brada : Amigos meus ,
 Aqui ha da Cuba
 O liquido alambre ;
 O grato , o puro ambre ,
 Que goarda na cuba
 Feliz Lamarosa :
 Aqui da Anadia
 Sintilla o fumante
 Elixir fragante ,
 Que do Mondago nas saudosas fraldas
 Gerááo vegetantes esmeraldas ,
 Em cachos de jacin hos e amethystas .
 Temos o vinho
 De Fonte Arcada ;
 E o affamado
 De Taboado ;
 E para mais requintes
 Tambem o vinho temos
 Da nobre Avintes ,
 Com outros muitos
 Hú branco, outro vermelho , outro lou-
 Que em rios brotáo (to ,
 As altas margens
 Do turvo Douro .
 Nem falta o tamoso
 Rocio gostoso ,

DITHYRAMBO IX. 113

Que em Monção orvalhão
Erguidas videiras:

Que na cor flamigera
Excede da purpura
O resplendor nitido,
E no gosto é cheiro

Da divinal odorosa ambrosia
Tem conseguido levar primasia.

A' saude dos novos Esposos

Poderá cada qual gostar,

E beber,

E tostar,

Rebeber,

Retostar

O que mais grato for a seu padar.

Eia pois, amigos, a elles:

Eia amigos, a elles, a elles!

Neste de vinhos diluvio cheiroso,

Nesta corrente de humor precioso

A boca, a lingua, as entranhas lavemos,

E até cair a grão sede matemos:

Que em seu tempo e lugar perder o siso

He, parceiros, prudencia, e he juizo.

Eia pois aos vinhos, amigos!

Sem cerimonia,

E comprimto,

Que nojosa torna a mais leda assembléa.

Sem medida, sem regra

Aos Consortes brindemos.

Fuja a negra,

114 DITHYRAMBOS.

A voraz melancolia ;
Reine entre nós festival alegria.
Viva a Esposa gentil , o Esposo viva !

Viva a Esposa gentil , o Esposo viva ,
Repere a chusma
Dos convidados ;
E em pé alçados ,
Alvoraçados ,
Alboratados ,

Hum gritava , da Cuba me tragão
O alambreado licor refulgente ;
De Monção pelo vinho excellente
Outro pinchando bradava contente ;
Outro cantando com voz sonora

Da Lamarosa

Ora pedia

O puro vinho ,

Ora o famoso

Lá da Anadia :

E retòçando , bebendo e cantando ,

A grande folia

A selva de em torno

Retumbar fazia .

Quando Sileno ,

De esgotar acabando

A aze da zurrapa da bojuda pipa ,

Os vegos olhos

Arregalando ,

DITHYRAMBO IX. 115

E balançando ,
Dos Consortes em louvor assim dizia :

Generoso Daun
Silveira bella ,

A quem hoje de Baccho o filho ingéte,
O suspirado gentil doce Hymeneo ,
Para gloria e prazer da Lusa gente ,
Guiado de propicia e fausta estrella ,
Com casto nó benigno ajúta e prêde :
Vivei em santa paz sempre ditosos
Immensos dias , annos numerosos ,
Dando de vós os fructos desejados ,
Que Thalasio , que os Fados
Ha tanto á Lusitania tem traçados.
Chegue a dourada Idade ,
A nova ordem de têpos: d'alta fama. . .

Arrebatado

E transportado ,

Vejo, sim, vejo (crede-me, oh profanos!)
Descer do seio dos brilhantes astros
Nova immortal Progenie ,
Os grandes Successores ,
Que robustos pisando a grande estrada,
Que trilhárão gloriosos
Os Carvalhos famosos, (zes,
Os Daús, mais os Silveiras, Sás, Mene-
Hás rompendo Mahometricos arnezes,
Outros ao som da lira descantando
Seus feitos portentosos ,

Outros em fim dictando
 Ao mundo novas leis, e á patria cara,
 Aos astros lhe realção,
 De Fama coroada, a fronte altiva,
 Fazem que o Tejo corra mais ufano
 Que no Lacio correo hum tempo o Tibre
 Feudo a cobrar do indomito Oceano.
 Assim o tem o inexcrutavel Fado
 Em seus Fastos de sua mão gravado:
 Elle, rasgando do futuro a nevoa,
 A' minha accesa, extasiada mente
 Benevolo m'õ faz hoje patente.

Ah ferreo velho alado,
 Rei dos annos voraz! vem mais ligeiro!
 As negras bate tragadoras penas:

Os novos heroes traze.
 Traze... porem q' he isto! o campo treme!
 Estou no mar? estou na firme terra?
 Ah! sim, no mar estou, e c' os marulhos
 Sinto de arrebeçar, sinto os engulhos.
 Ai que os pés me resvalão, e c' o peso
 Me não rege a cabeça: sinto o caco
 Vertiginoso: Bromio, Lysio, Baccho!

Eu tremo, eu me desmaio:
 Ah! quem me pega: Bromio! eu caio, eu
 Disse: e dos fumos, q' subtil exhala (caio!
 O vinho trepador, a testa chea,
 Sem mexer-se cahio na molle area.

Então a temulenta companhia

DITHYRAMBO IX. 117

Victor ! gritou ; e dando mil palmadas ,
Soltou de riso grandes caquinadas.

Mas logo pouco e pouco
Forão sem excepção todos cahindo ,
Do muito vinho e grão sono vencidos ;

E a resonar entrarão
Com tão grande ruido ,
Que das palmeiras rás , nocturnos grillos,
Que a cantar começavão ,
Os importunos cantos não soavão. (1)

SE NÃO
- 117 117

(1) Este Dithyrambo não chegou a publicar-se, nem ainda a dar-se ás Illustrissimas Pessoas, que forão causa d'elle se fazer.

ODES ANACREONTICAS.

Nec, si quid olim lusit Anacreon,
Delevit atas;

Horat. Libr. IV. Od. 8.

NA Collecção primeira achão-se as Odes 1. 2. 3. 4. 6. 10. 11. 18. 25. e 41: porem a lição do texto he bastante imperfecta, e carregada de variantes. Mais exacto e aperfeiçoado he o exemplar da Collecção segunda, o qual contem as primeiras 32 Odes. Este he o mesmo exemplar que o Poeta nos ultimos annos da sua vida havia retocado, e accrescentado com as ultimas 9 Odes; o qual nos foi communicado pelo Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo, e nos servio para a presente Edição. He até escusado advenir, que nenhum uso se fez de innumeraveis copias mais ou menos fiéis, mas sempre incorrectas, que tem apparecido das Odes Anacreonticas de Diniz, nem tão pouco das que se imprimirão em 1809 bastantemente defiguradas n'humas Collecção de Poestas inéditas. Em quanto ás Variantes, não só omittimos todas as que se achavão na

primeira Collecção, que já o *Autor* havia despresado na segunda e terceira, mas algumas das poucas que elle ahí conservou. O contrario offerceria huma lição summamente empeçada, e desagradavel.

ODES ANACREONTICAS.

I.

DE seguir no alto monte
 Fatigado as bravas teras,
 Huma fonte,
 Que toldavão verdes heras,
 E bordava o fresco prado
 De junquillos,
 De violas e tomilhos,
 A buscar baixo appressado,
 Por matar a sede ardente
 Em a frigida corrente.

Quando Amor, que repousava
 De Nigella no regaço,
 Despertava
 C' o rumor, que ao passar faço:
 Ergue o rosto, e ao ver que eu era,
 Quem buscando
 Da fontinha o cristal brando,
 Sua doce paz lhe altera;
 Toma o arco, que deitado
 Entre a relva tinha ao lado.

Huma seta, cuja ponta
 Era de ouro o mais brilhante,
 Nelle aponta.

Voa o raio penetrante ,
E veloz me passa o peito.
O Tiranno
A ferida vendo ufano ,
Com hum riso contrafeito ;
Olha , diz , pastor grosseiro ,
Se he Amor destro frecheiro.

E voltando-se a Nigella ,
D'esta sorte continua :
Ninfa bella ,
A conquista será rua :
A' tua ira , aos teus rigores
Novo emprego
Neste louco hoje te entrego :
Morra em vão por ti de amores ,
Soffra e cale o seu agravo ,
Pois t'ó entrego como escravo.

Ai de mi ! que a deshumana
Tomou bem esta doutrina ;
Pois tiranna
O meu mal , minha ruina
Só deseja , só pertende.
Improperios ,
Crueldades , vituperios
O servilla só me rende ;
E de tão injusta sorte
Só livrar-me póde a morte.

ODES ANACREONTICAS.

II.

TUrva a chuva as claras fontes,
 Que risonhas murmuravão ;
 E os ribeiros
 Escumando caem dos montes ,
 As campinas alagando ,
 Que pouco antes lisonjeiros
 De mil flores esmaltravão ,
 Frescos Zephyros voando.

Brama o Noto , e enfurecido
 Grossas nuvens envolvendo ,
 Em seu seio
 Nos esconde o Sol luzido.
 Com estranha ligeireza
 Rompe a Noute , e o manto feio
 Sobre os campos estendendo ,
 Cobre os peitos de tristeza.

Bella Eralia , em quanto irado
 Brama o polo , o Ceo tropeja ,
 Nyctileu ,
 E de Chipre o Deos vendado ,
 Seus prazeres derramando
 No teu peito e peito meu ,
 Da sua ira nos proteja ;

Torne o tempo alegre e brando.

Entre as taças , que derramão
Hum suave e vivo fogo ,
Os Amores

Ardem mais , e mais se inflâmão :
Ao enxame dos Desejos ,
Dos Desejos brincadores
Livre o campo deixão logo
Brandas Iras , falsos Pejós.

Eia pois não te demores ,
Vem , Eralia , entre os meus bra-
Nelles croe (ços :
O Prazer nossos amores.
Reine o gosto e a alegria ;
Pois ou vente , ou chova , ou troe ,
Entre tão suaves laços
He rosado sempre o dia.

ODES ANACREONTICAS.

III.

DÁ-me o frasco, e dá-me a lira,
 Que beber e cantar quero,
 Oh bellissima Nigella,
 Não de Marte acceso em ira
 O estrago horrendo e fero:
 Cantarei de Aglaia bella,
 Beberei em seu louvor
 De Thyoneo o bom licor.

Cantarei do gentil rosto
 A suave formosura,
 Cantarei que a natureza
 Liberal nelle tem posto
 Lirios, rosas, neve pura
 Para idéa da belleza.
 Beberei em seu louvor
 Deste copo o bom licor.

Cantarei de seu cabello
 Longo, fino, crespo, e louro,
 Que já preso ou solto ao vento,
 Faz que seja menos bello,
 Menos rico o fino ouro,
 Almas prende cento e cento.
 Beberei do bom licor

Outro copo em seu louvor.

De seus olhos triuntadores
 Cantarei, que o sol dourado,
 Quando as luzes lhes admira,
 Os brilhantes resplendores
 A esconder corre appressado
 Com vergonha, e cheo de ira.
 Beberei do bom licor
 Outro copo em seu louvor.

Da vermelha linda boca,
 Onde as Graças tem morada,
 Cantarei, que hum só sorriso
 Dos que a vem a alma colloca,
 Em prazeres encantada,
 N'hum suave paraíso.
 Beberei do bom licor
 Outro copo em seu louvor.

Da columna cristallina,
 Onde tanta formosura
 Se sustenta, e se levanta,
 Cantarei, que á neve Alpina
 Leva a palma na candura.
 Oh bellissima garganta!
 Beberei do bom licor
 Outro copo em teu louvor.

Que direi do gentil seio,

126 ODES ANACREONTICAS.

Onde o ninho , Amor, tens feito,
Donde feres . e onde enlaças . . .
Mas cantar delle receio :
Tu , Amor , do branco peito ,
Tu, que as sabes, conta as graças ;
Que eu já bebo em seu louvor
D'outro frasco o bom licor.

Do que esconde fina Hollanda ,
E por fé humilde adoro ,
Eu cantára , se pudéra ;
Mas Amor calar me manda ,
Pois misterios são que ignoro :
Venturoso se os soubera !
Beberei do bom licor
Todo o frasco em seu louvor.

O D E

I V.

JA' batendo a roixa Aurora
 De ouro as redeas sintillantes
 Aos cavallos estellantes,
 Veloz sae do Ganges fóra ;
 E guiando o novo dia,
 Enche a terra de alegria.

De rubins a fronte ornada,
 E o regaço de alvas flores,
 Pisa as nuves de mil cores
 Das subtís auras cercada ;
 E de lirios cobre os montes,
 E de luz os horizontes.

Táo ditoso, alegre dia,
 Branda lira, descantemos ;
 Doces hymnos lhe cantemos,
 Doces hymnos de alegria ;
 Pois de Aglaia, Aglaia bella
 Nasceo nelle a nova estrella.

Já rompendo o leve vento
 Coroados de aureas flores
 Se derramão os Amores
 Pelos ares cento e cento,

128 ODES ANACREONTICAS;

Que mil circulos formando
Seu alvergue andão cercando.

De Erycina o filho amado,
Que o lustroso esquadrao guia,
Vibra o arco de harmonia
Nao de dura seta armado;
E tocando aureo instrumento
D'esta sorte prende o vento.

Bella e fresca em prado ameno
He a rosa nacarada,
De ouro e purpura esmaltada,
Qual estrella em Ceo sereno:
Mas mais frescas, mais formosas
De teu rosto são as rosas.

Bella rompe, e bella brilha
Da botrasca entre os horrores
Com o manto de cem cores
De Thaumante a gentil filha:
Mas mais bella tu serenas
De hum amante peito as penas.

A tormenta embravecida
Ella aplaca alegremente,
Ella traz do sol luzente
A luz clara e apetevida:
Mas tu trazes no semblante
Outro sol, que he mais brilhante.

Deixa pois , Aglaia bella ,
 Que he já tempo , o leito brando :
 Venhão teus olhos raiando ,
 Qual da Aurora vem a estrella ;
 Faça o rosto teu formoso
 Este dia mais ditoso .

Vem , Aglaia , vem contente ,
 Com teu rosto peregrino
 Alegrar o triste Elpino ,
 Que te aguarda impaciente ;
 Que este dia n'aurea lira
 A fazer eterno aspira .

V.

JA' no Oriente
 D'alva a Estrella
 Risonha e bella ,
 De alegres luzes
 Croada a frente ,
 Na aurea carroça
 Vem desfazendo
 A sombra grossa ,
 Que a fea Noute
 Triste espalhou .

Do alvo regaço ,
 Entre esplendores ,
 Fragantes flores

130 ODES ANACREONTICAS.

Lança em chuveiros
O eburneo braço :
E os passarinhos
Com doces cantos
Pelos raminhos
Estão saudando
Seu resplendor.

Neste almo dia
Aglaia bella ,
Que avara estrella
D'esta ribeira
Ha tanto havia
Cruel roubado ;
C' os olhos bellos
O verde prado ,
Floridos montes
Torna a alegrar.

Colhei , Amores ,
Mirtos e rosas :
Colhei , formosas
Ninfas do Tejo ,
Conchas e flores :
Ricas capellas
Ledas tecendo ,
Vinde com ellas
As tranças de ouro ,
Vinde , ennâstrar.

Ea que vos chamo
Serei o guia :
Assim dizia
Amor voando
De ramo em ramo.
Então ao prado
Veloz descendo ,
Hum delicado
De lindas flores
Ramo teceo.

E a mi voltando ,
Me diz : Elpino ,
Feliz destino
He hoje o teu :
Parte voando ,
A' Ninta bella
Leva este ramo :
Dize , que a ella
Por ti lh'o envia
O mesmo Amor.

ODES ANACREONTICAS.

VI.

JA' vem a primavera
 Os prados matizando ,
 De verde murta e de hera
 As selvas coroadando ;
 E as aves entre as flores
 Renováo docemente os seus amores.

Venus em companhia
 De mil Ninfas formosas ,
 Pela selva sombria (1)
 Colhe lirios e rosas ,
 Com que os longos cabellos
 Destramente ennastrando faz mais bellos.

Os Risos , a Alegria ,
 Os Brincos a acompanháo ,
 E sobre a fonte fria
 Voando as azas banháo ;
 Que logo sacudindo ,
 De branco orvalho a Deosa vão cobrindo.

(1) Var. Citherea cercada
 De mil Ninfas formosas ,
 Pela selva intrincada

Hum delles ao parceiro
Dentro nas agoas lança,
Que voando ligeiro
Delle a tomar vingança,
Este de astucia cheio,
Da branca Deosa foge ao branco seio.

Mil em torno adejando
Das Ninfas peregrinas,
Sobre ellas vão lançando
Em chuvas as boninas;
E as faces hum lhe toca,
E o mais descomedido a linda boca.

Amor alegre vò
Em repetidos giros;
Ferido o vento sò
Dos amorosos tiros;
Ardem em vivas fragoas
O bosque, o ar, as flores, Ninfas, agoas.

Zephyro suspirando
A linda Cloris chama,
Que travessa occultando
Se vai por entre a rama;
Mas ao vello impaciente
Entre seus braços corre velozmente.

Os Faunos namorados
As Melias vão seguindo,

134 ODES ANACREONTICAS:

Que contra seus agrados
Brandas iras fingindo,
Se metem de ardilosas
Da selva pelas matas mais frondosas.

A doce liberdade
Do campo affasta ufana
A triste seriedade,
Dos prazeres tiranna;
Que leva em companhia
A pesada e cruel melancolia.

O campo pois, oh Cloe,
Solicitos busquemos;
Antes que o tempo voe,
Do tempo nos gosemos:
Que huma parte da vida
Aos brincos, e aos amores he devida.

Dos alemos frondosos
A' sombra reclinados,
Façamos venturosos
Nossos doces cuidados;
Antes que a idade breve
Nos roube os gostos, e o prazer nos leve.

O D E

VII. LIRA

OH Lira das Graças amiga,
 De Baccho, de Venus alúna,
 Que zombas do tempo e fortuna,
 Da ambição e do fansto inimiga,
 Que em feliz ocio innocente
 Pobre vives, mas contente.

As douradas cordas affina,
 Cantemos de Aglauro a belleza;
 Aglauro, em quem a Natureza
 Ajuntou suave e benina
 Graça, alinho e formosura
 Aos encantos da doçura.

Em seus negros olhos formárão
 Amores travessos morada,
 E por sua a boca engraçada
 Os Risos, as Graças buscarão:
 De Abril nas faces formosas
 Lhe florecem vivas rosas.

Seu cabello do evano excede
 A fechada cor tão lustrosa:
 Nelle faz Amor que gostosa
 Huma alma se prenda e se enrede:

136 ODES ANACREONTICAS.

Que alí presa e cativa,
Da prisão vaidosa viva.

A neve dos Alpes gelados
O collo lhe fórma e garganta ;
E os peitos , que tem graça tanta,
São da mesma neve formados.
Olhos que vellos merecem,
De mais ver alí se esquecem.

De alabastro ou marfim brunido
Torneou Natura seus braços ,
Para serem gostosos laços
De hum mortal de Amor escolhido.
Oxalá que elle quizerá
Que esta sorte me coubera !

Se seguindo accorde instrumento,
Sólta a voz suave e sonora ,
Como serea encantadora
As almas prende , prende o vento,
Circe tão activo encanto
Nunca teve qual seu canto.

Cantemos pois , candida lira ,
A sua immortal formosura ,
E da maga voz a doçura
Cantemos pois , candida lira :
Rasgue eterno em teus accentos
O seu nome os leyes ventos.

NOTA:

Esta Ode he quasi toda composta de versos enneasyllabos. Delles ha quatro diferentes especies. A primeira tem os accentos na terceira, quinta e outava syllaba. Taes são os seguintes versos de Cino de Pistoia:

Che s'accorse, ch'era partita,
Chi mi porse quella ferita.

E taes são os desta Ode:

Seu cabello do evano excede
A fechada cor tão lustrosa.

A segunda especie leva os accentos na terceira, sexta e outava. Taes são os seguintes de Reddi:

Quel rubino ch'e il mio tesoro.
De la terra tapeti vivi.

E taes os desta Ode:

D'alabastro, ou marfim brunido.
Para serem gostosos laços.

A terceira leva os accentos na quarta e outava. Taes são os de Chiabrera:

A duro stral di ria ventura
Misero me! son posto segno.

Taes os desta Ode:

Aglauro, em quem a Natureza.
Como serêa encantadora.
As almas prende, prende o vento.

A quarta e ultima especie leva os accentos

138 ODES ANACREÓNTICAS.

na segunda, quinta e outava. Tal he o seguinte de Loretto Mattei :

Di perle, di tremulo gelo.

E taes são os da presente Ode :

Oh Lira, das Graças amiga,
De Baccho e de Venus alúna.

Este verso enneasyllabo faz boa união com o de oito syllabas, que são os ultimos de cada Estrofe, com a medição certa de levarem o accento na terceira e setima.

O D E

V III.

POis que o raivoso
 Celeste cão,
 Como hum leão,
 Por fauces, olhos
 Chamas vibrando,
 Vem abrasando
 A terra e ceo: (.....)

Vem a meus braços,
 Licoris bella,
 E a fera estrella
 Deixa que ladre
 Em raiva accessa;
 Pois que a defesa
 Já pronta está.

Essa nevada,
 Grão sorveteira
 Abre ligeira,
 Abre contente;
 Que dentro nella,
 Oh Ninfa bella,
 Tu a verás.

De roixas ginjas

140 ODES ANACREONTICAS.

A doce calda ,
Do Sol que escalda
Ella defende.
A fria neve ,
Que a cerca , em breve
Toda gelou.

Esta bebida
Suave e pura ,
Que na doçura
Excede o nectar ;
Que da amethysta
Off'rece á vista
A grata còr ;

Só domar póde
Os seus furores :
Bebe , Licóres ,
Bebe , e com ella
Gostosa entria
Do ardente dia
O vivo ardor.

Que eu de teu seio
Nos delicados
Pomos nevados
Apagarei
A viva chama ,
Em que me inflâma
Por ti Amor.

O D E

I X.

JA' a neve a calva fronte
 Desempara
 Do alto monte,
 E a ribeira corre clara,
 Que pouco antes enlodada,
 Espumosa,
 Furiosa,
 Fervia,
 Corria
 Pelo campo arrebatada.

Já a Aurora no Oriente
 Raia pura,
 E refulgente (1),
 Sem que grossa nuve escura
 Entre sombras pavorosas
 A luz clara
 Cubra ávara;
 E as aves
 Suaves
 A festejão armoniosas.

(1) O Poeta quiz talvez elidir o E por acabar o verso antecedente em vogal.

142 ODES ANACREONTICAS.

Já cantando , ao pasto usado
Os pastores
O seu gado
Vão levando , que entre as flores
Ora pasce , ora se espalha
Pela selva ,
E na relva
Saltando ,
Brincando ,
As boninas enxovalha.

De fragantes flores finas
A verdura
Das campinas
Se matiza , e na espessura
Altas arvores , que os ventos
Destolharão ,
Estroncárão ,
Brotando ,
Lançando
Ramos , folhas vão aos centos.

Torna Abril ; e a terra toda
De alegria
Se enche em roda.
Só eu fico em agonia ;
Pois sem ver , gentil Neéra ,
Teu semblante ,
Porque amante
Suspiro ,

Deliro ,
Nasce em vão a primavera.

X.

Que não sou o vento brando !
Que o cabelo
De Licoris encrespando ,
Brandamente o rosto bello ,
Alvo collo , e as mãos lhe toca ,
E o coral da linda boca !

Que não sou a fresca rama !
Que zelosa ,
Quando o sol a terra inflâma ,
Com a sombra deleitosa ,
Que na verde grama estende ,
De seus raios a defende !

Que não sou a flor graciosa !
Qu' ella colhe
Na manhã fresca e saudosa
Pelos prados , e a recolhe
Em o seio cristallino ,
Onde brinca o Deos menino !

Que não sou a verde relva !
Que ella pisa ,
Quando airosa pela selva
Segue as feras , e matiza

144 ODES ANACREONTICAS.

De seu sangue as varias flores ,
Rodeada dos Amores !

Ou o rio cristallino ,
Onde banha

O seu rosto peregrino ,
Quando desce da montanha ,
No calor da sesta ardente ,
A buscar sua corrente !

Feliz rama , aura serena ,
Flor graciosa ,
Verde relva , fonte amena !
Vós a luz pura e formosa
De seu rosto ficais vendo ,
E eu me vou de amor morrendo.

Quando a virdes , por piedade
De meus males ,
Lhe contai minha saudade :
Sim , dizei-lhe vós , oh valles ,
Que a morrer leva o destino
Deste campo o seu Elpino.

O D E

XI.

JÁ pelo verde monte
 De cachos coroado
 Levanta a terva fronte
 O outono desejado ;
 E abranda docemente
 O calor da terra ardente (1).

As vinhas resplendem
 Das uvas matizadas,
 Que aos olhos off'recem
 Mil cores engraçadas ;
 E os tímidos cultores
 A Baccho dão louvores.

Hum do tecto affumado
 Os cestos despendura,
 Outro o ferro emborado
 Affia á pedra dura ;
 Outro os toneis limpando,
 Em roda os vai raspando.

Entre as vinhas contente

Tom. III.

K

(1) *Veja a nota á Ode IX.*

146 ODES ANACREONTICAS.

Os cachos decepando,
Ferve a rústica gente:
E em chusmas desantando,
Faz c'o som armonioso
O trabalho gostoso.

Seguindo o lento guia,
Das tinas carregado
C' o peso o carro chia
Dos tardos bois puxado,
Deixando nas estradas
As rodas sinaladas.

Nos cheirosos lagares
Da Celeuma (1) o alarido
Se espalha pelos ares,
Do Eco repetido;
Enchendo de alegria
A rude companhia.

Ali a agreste gente,
Os vasos coroando,
Ao ar pula contente,

(1) Ainda que esta voz se costuma applicar á grita, que os Marinheiros fazem, excitando-se mutuamente com ella ao trabalho; a sua original significação he exprimir a grita alegre dos Vindimadores. *Isaias* cap. 16. v. 10. *Jeremias* cap. 48. v. 33.

Os Faunos imitando :
 Ali dança Licóres,
 Qual a Mãe dos Amores.

Na cava e chea pia
 As uvas vai ligeiro,
 Banhado d' alegria,
 Pisando o lagareiro;
 E ao bater da agul planta,
 De Baccho as glorias canta.

Aqui sorvendo a escuma,
 Que fermentando entorna
 O licor que já tuma,
 Na grande e chea dorna
 Tinge hum de negro mosto
 O seco adusto rosto :

Ali outro da mão
 Pichel faz; e contente
 N'hum velho cangirão
 Bebe outro o çumo quente;
 Outro correndo em torno
 A boca applica ao torno.

Os Jogos innocentes
 No vinho remolhando
 As azas esplendentes,
 Aqui andão voando;
 A quem seguem ligeiros

Os Risos prazenteiros.

Aqui, Tirse, te chega:
Tristes e vãos cuidados
Aos ventos os entrega;
Aos ventos denodados,
Que os levarão n'hum ponto
Alem do negro Ponto.

Aqui croando a fronte,
Teu brando plectro fira
Do terno Anacreonte
A delicada lira:
Aqui Amor cantemos,
Aqui Baccho exaltemos.

XII.

Ves, Lisio amado,
Como branqueja
Co' a neve o prado!
Ves como alveja
Do calvo monte
A crespa fronte!

Como soprando
O Noto frio
Vai congelando
O claro rio,
E na floresta

As plantas cresta!

Em vão forrado
De martas finas,
Seu bato irado
Vencer destinás:
Que o sopro agudo
Penetra tudo.

De Baccho ardente
A ignea lança
O inverno algente
He quem amansa,
Quem lhe faz guerra,
Quem o atterra.

Tristes cuidados,
Da vida algozes,
Aos denodados
Ventos ferozes,
Meu Lisio, entrega;
E aqui te chega.

A' branda chama,
Que em secos troncos
Arde e se inflâma,
Do Noto os roncós
Escutaremos,
E beberemos.

Vinhos e cidra
 Prontos estão ;
 Do inverno a hydra
 Estroncarão :
 Quaes tu quizeres ,
 Quaes escolheres .
 Voão os annos ,
 E o tempo leve
 Cobre de danos
 A vida breve ,
 Que por fim sega
 A morte cega .

Passa o prudente ,
 Que a razão preza ,
 Vida contente ,
 Pois com tristeza
 Atormentalla ,
 He encurtalla .

Ou da riqueza
 No molle seio ,
 Ou da pobreza
 No gremio feio ,
 E da desgraça ,
 Ella em fim passa .

E igual a Parca
 De hum pobre a vida ,

E a de hum Monarca
Corta insoffrida:
E ao Rei e ao pobre
A terra cobre.

XIII (1).

ιστοριον

A Minha Lira,
Que n'outro tempo
Heroes cantou;
Subitamente,
Aglauo bella,
O som mudou.

De invicto peito
Cantar pertendo
Raro valor:
E a lira terna,
Da mão ferida,
Só canta Amor.

Mudo-lhe as cordas,
Os pontos mudo;
Mas he peor.

(1) Esta Ode he huma excellente imitação da de Anacreonte εις λύραν. Começa θελω λέγειν Ατρεΐδας.

Pois ao tocalla,
Tenaz repete
Amor, amor.

De Marte os louros,
Com que algum dia
Tanto se honrou,
Por tenros mirtos
De Citheréa
Hoje trocou.

Desta mudança
Em ti a causa
Devo suppor:
Pois desde a hora,
Que vi teus olhos,
Só vejo amor.

Deixemos pois
Da brava guerra
O fero horror:
E só cantemos
As brandas iras
Do brando Amor.

O D E

XIV.

PElo campo hum dia
 Livre de receio
 Aglauro tecia,
 Para ornar o seio,
 Hum ramo engraçado
 Das varias boninas,
 Que juncão o prado.

Amor, que entre as flores
 Brincando voava
 Com os mais Amores,
 E pronto espiava
 Da Ninfa o intento,
 Huma trama lhe urde
 Subtil, fraudulento.

Por entre as boninas
 Se mete atrevido:
 Então escondido,
 Entre as flores finas(1),

(1) Seria preciso trocar estes dous versos 3.º e 4.º para a uniformidade da rima; á qual o Author não attende em outros lugares, como a pag. 161, 165, 167 &c. & no que (ou isto seja negligencia ou liberdade Poetica) teve elle por si alguns dos nossos bons Poetas antigos.

154 ODES ANACREONTICAS.

Por pôr-se em seu peito ,
Astuto se torna
N'hum amor perfeito.

Ella , que o engano
Não teme , não sente ,
No ramo o tiranno
Prendeo innocente.
E no peito posto ,
Amor em beijallo
Se ceva a seu gosto.

XV.

O Utro cante embora ufano
O destroço ou as victorias
Do fanatico Orhomano :
Que eu á vista deste frasco ,
Deste são , puro elixir ,
Nada curo do Visir.

Ou as Aguias generosas ,
Ou as Caudas de cavallo
Sejão , ou não victoriosas ,
Isso a mim nada me toca.
Só me toca esta ambrosia ,
Viva fonte de alegria.

Doce vinho , que no Porto
Doces uvas espremerão :

Doce vinho , em quem conforto
2 De prazeres e de graças
Hum tesouro achar espero ,
De ti só cantar eu quero.

Se feroz do polo algente
Noto sae alinevoso ,
E nos corta cruelmente
Mãos e faces engelhadas ,
Tu hes só quem na tormenta
Lhe resiste , e nos aquenta.

Se da Noute tenebrosa
A Tristeza afflicta filha
Nos ataca , e furiosa
Nos abate e attribula ,
Tu com tua valentia ,
Tu nos tornas a alegria.

Cante pois outro severo
Em tom alto e magestoso
O furor de Marte fero ;
Que eu ao som de Achiva lira
Cantarei suavemente
Teu valor ignipotente.

ODES ANACREONTICAS.

XVI.

AMor, que fugia
 De Venus formosa,
 Que irada e raivosa
 Veloz o seguia,
 Contra seu furor
 Assustado buscava favor.

Até que encontrando
 Com Aglauro bella
 Amor, corre a ella
 Alento tomando.
 Em seus olhos quiz,
 Mas em vão, esconder-se o infeliz.

Que a Ninfa, que esquivava
 O seu cruel fogo,
 De bronze a seu rogo,
 D'este asylo o priva:
 Os olhos fechou,
 E o triste sem protecção deixou.

Amor conaternado
 Em tanta afflicção
 Em meu coração
 Se mere appressado:

Mas mal nelle entrou,
Hum voraz fogo ali ateou.

Em seu vivo ardor
Me sinto abrasar
Sem remedio achar:
Se Aglauro de Amor
Não tem compaixão,
Que esperar deve o meu coração?

XVII.

HUma pomba, mais que a neve
Branca e bella, rodeava
A aurea lira, que eu tocava;
E cruzando solta e leve
Huma e outra vez o vento,
C'o biquinho do instrumento
Mansa as cordas me feria
Com suavissima armonia (1).

Eu ao vella tão mansinha

-
- (1) Huma pomba, mais que a neve
Branca e bella, me saltava
Sobre a lira que tocava.
Hia e vinha solta e leve,
Sem temor rasgando o vento:
E c'o bico do instrumento
Meiga as cordas me feria
Com suavissima armonia.

De huma vez a mão estendo,
E ao fugir veloz a prendo:
D'a gentil branca pombinha
Ter caçado satisfeito,
Dentro a meto no meu peito:
Mas, ai triste! de repente
Se tornou n'huma serpente.

A farpada cauda então
Me terrou no esquerdo lado,
E d'ali tem derramado
Seu veneno ao coração.
Era, Aglauro, Amor tiranno
Que tramou tão feo engano,
Para que eu ardesse vivo;
Porém tu foste o motivo.

O D E

XVIII.

ESsa linda borboleta
De cem cores esmaltada,
Que em mil giros inquieta
Destas rosas namorada,
Ora as cerca, ora bateja,
Ora as pica, morde, ou beija.

He hum vivo emblema claro
Do que sinto, amado emprego;
Sim, oh Clori, eu t'ó declaro;
Borboleta sem socego
He meu terno coração;
Os teus labios rosas são.

ODES ANACREONTICAS.

XIX.

AMor, que ouvir desejava
 Das Musas a melodia,
 Ao Pindo subir queria;
 Mas de subir receava:
 Pois ao vellas tão esquivas,
 As temia vingativas.

Longo tempo vacillou
 Entre o desejo, e o receo:
 Em fim de seu valor cheo
 Occulto ao monte voou.
 Mas rapaz travesso, esperto,
 Como estaria encoberto?

Qual relampago brilhou
 Por entre a rama virente
 De seu facho a luz ardente,
 E o monte todo assustou:
 As Musas se alboratárao,
 E para o punir se armárao:

Toda a floresta intrincada
 Com subtil rede cingirão,
 E arditos a cobrirão
 Com a rama levantada.

Amor, que não tem cautela,
De improvizo cahio nella.

A' rede as Musas corrêrão,
E as tenras mãos delicadas
Com cadeas lhe prendêrão
De niveos jasmims formadas:
Rente as azas lhe cortárão,
Arco e setas lhe quebrárão.

Depois de assim espancado,
Sem ouvir suas razões,
O deixáo com mil baldões
D'hum rosal ao tronco atado:
Suspitar, bradar ao Ceo,
De nada ao Amor valeo.

As liras então velozes
Tomando cheas de gloria,
A cantar sua victoria
Se dispõem em altas vozes:
Mas em vão, que a seus accents
Não convem os instrumentos.

Huma e outra vez concertáo
As liras de ouro esmaltadas;
Mas co' as notas levantadas
Por esta vez não acertáo:
Com as notas, de que usaváo
Quando só Heróes cantaváo.

Em vez dos sons magestosos ,
 Que de gloria o peito inflâmão ,
 Huma e outra vez derramão
 Huns accents maviosos ,
 Que provocão a ternura
 Do monte a penha mais dura.

Hum brando ardor de repente
 Se espalhou pela montanha :
 Hum fervor , huma ancia estranha
 Em toda a parte se sente ;
 Hum confuso sentimento ,
 Que he prazer , e que he tormento.

De tão raras maravilhas
 Attonitas , admiradas ,
 Por algum tempo assustadas
 Ficão da Memoria as filhas ,
 A que até ali notoria
 Só fora a paixão da gloria.

Mas que era Amor o motivo
 Destes prodigios no Pindo
 Pouco depois reflectindo ,
 Soltar vão o moço esquivo :
 Do monte mandão que deça ,
 Que ali mais não appareça.

Mas Amor , que nesta empresa
 Perdera ditosamente

Com as penas juntamente
 A inconstancia e a leveza ;
 E preso das Musas bellas ,
 Só feliz se cre com ellas :

Lança-se a seus pés ligeiro ,
 E com rogos e ternura
 Lhe pede , protesta e jura
 Ser seu fiel companheiro ;
 De as seguir sempre contente
 A' sua voz obediente.

D'aqui vem que em toda a parte
 Amor co' as Musas se mira ;
 Que elle em seus cantos inspira
 Novas graças e nova arte :
 Que em vão quer sua armonia
 Sem Amor a Hypocrisia.

ODES ANACREONTICAS.

XX.

DE meu triste cuidado
 Na triste companhia
 Passeava o outro dia
 Por hum ameno prado :
 Quando a meus pensamentos
 Interrompem o fio
 Huns languidos lamentos ,
 Que de hum bosque sombrio
 Tão sentidos sahirão ,
 Que a alma me ferirão .
 De compaixão tocado ,
 Ao mato espesso corro ,
 Por ver se algum soccorro
 Dar posso ao lastimado .
 E pouco andado havia ,
 Quando vejo hum menino ,
 Que junto á margem fria
 De hum rio cristallino ,
 As agoas lhe augmentava
 C'o pranto que exhalava .
 Delle pego piedoso ,
 E o levanto ao meu collo :
 Nelle o beijo , e o consolo ,

E seu rosto mimoso
Ao rosto meu ajunto :
Quem he, e o que fazia
Tão cheo de agonia ,
E tão só , lhe pergunto ,
Naquellas brenhas teras ,
Covil de brutas teras.

Amor sou , respondeo ,
Amor , a quem desterra
A tão distante terra
O cruel Destino seu.
O meu genio imprudente ,
Ligeiro e revoltoso
Entre esta inculta gente
Me conduzio vaidoso.
Triunfar della esperava :
Mas quanto me enganava !

Entre os homens procuro ,
Apenas aqui chego ,
Protecção ou emprego.
Em vão de os servir juro
Em tudo obediente ,
Que em nenhum acho abrigo.
De meu braço potente
A força então lhe digo ,
Que a Amor tudo obedece ;
Mas nenhum me conhece.

Em fim desenganado
 De achar nelles soccorro,
 Entre as mulheres corro
 Por achar gasalhado;
 Pois por experiencia
 Achei que a Natureza
 De ternura e clemencia
 Dotou sempre a belleza.
 Mas nesta estranha terra,
 Quem assim pensar, erra.

Ellas que assim me vião
 Tão nú e tão despido,
 Que excellente vestido!
 Por mófa me dizião.
 Da apparencia, que encobre
 A muitos, enganadas
 Julgavão-me por pobre,
 E contra o pobre iradas,
 Fóra pobre, clamavão,
 E as portas me fechavão.

Vendo-me sem piedade
 De todos espancado,
 Corrido e envergonhado
 Fujo a cruel cidade.
 Minha triste ventura
 Choro aqui escondido;
 De minha vá loucura,
 Mas tarde, atrepellido:

Eis porque tão sozinho
Me vês, e me amesquinho.

De tanto desamparo
Eu então condoido,
Lhe off'reço enternecido
Em meu alvergue amparo.
Amor o aceita grato:
E eu pela mão o trago.
E movido do affago,
Dos mimos com que o trato,
Me jura, oh Lilha impia,
Punir tua tirannia.

XXI.

DA-me, Aglauro, essa pôcheira
D'ouro e flores esmaltada,
Que na China celebrada
Destra mão pintou ligeira.
Da-me o frasco refulgente,
Onde, qual topazio, brilha
Do Brazil pura agoa ardente,
De aureas canas aurea filha.

Não te esqueça o refinado,
Tento açúcar, mais seletto
Que o mel de Hybla, que o de Hy-
Dos Poetas tão gabado: (metto,
Nem tambem a fructa bella,

168 ODES ANACREONTICAS.

Agra sim , mas doce e grata ,
Que de timida donzella
Os gentis peitos retrata.

Traze agoa , e quente seja :
E se o inverno desabrido ,
De crueis tufões seguido ,
Solto ronca , e se esbraveja ,
O bom ponche aqui façamos ;
O bom ponche , que despresa ,
Quando Noto estala os ramos ,
De seus batos a cueza.

Em brilhantes , limpas taças
Aqui ambos o bebamos ,
E do inverno escarneçamos
O furor e as ameaças.
Coroados de hera e flores ,
Tu de Amor doces empresas ;
E eu , de Baccho entre os furores ,
Cantarei suas proezas.

O D E

XXII.

JA' do sol o raio ardente,
As campinas abrasando,
As boninas vai crestandô,
E as hervinhas juntamente,
De que Flora matizados
Tinha os montes, tinha os prados.

As ribeiras, que engrossadas
Pelas chuvas cristallinas
Alagavão as campinas,
A seus leitões já tornadas,
O furor, com que corrêrão,
Com as agoas já perdêrão.

E os curvados segadores,
Em suor todos banhados,
Vão cortando os trigos grados,
Que esmaltados de mil flores
Pouco havia verdejavão,
E prazer aos olhos davão.

Lilia minha, Lilia bella,
De meus olhos doce encanto,
Em quanto arde o sol, e em quan-
do ceeste cão a estrella, (to

Deste bosque á sombra fria
 Passaremos ledo o dia.

Eu de murtas mil capellas
 Tecerei, e tu de louro:
 Eu as ricas tranças d'ouro
 Te ornarei, Lilia, com ellas,
 Tu com ellas juntamente
 Me ornarás, meu bem, a frente.

Eu tocando a eburnea lira,
 Tu soltando a voz sonora,
 Quando raia a roixa Aurora,
 Quando o dia se retira,
 Nosso amor celebraremos,
 Nosso amor feliz faremos.

Destramente entrelaçados
 O meu nome e o nome teu,
 Crecerão ao alto Ceo
 Em seus olmos entalhados:
 Crecerão nossos amores
 Doce exemplo aos amadores.

O D E

XXIII.

Aurea lira , lira amada ,
Deixa em paz altos loureiros ,
Com que a fama dos Guerreiros
Já croaste desvelada :
Tenros mirtos pede agora
Ao suave Añacreonte ,
Com que ornar possas a fronte
De Neéra encantadora.

Se em brilhante companhia
Ella luz , ella apparece ,
Qual o sol quando amanhece ,
Enche tudo de alegria :
As mais Ninfas , bem que bellas ,
Fazem campo aos seus primores ,
Como á rosa as outras flores ,
Como á lua as mais estrellas.

Se ella os passos com destreza
Move ao som de aureo instrumêto,
Sobre as azas pára o vento
Só por ver-lhe a ligeireza.
Se em accentos mil suaves
Solta a voz ao doce canto ,
Emmudecem com espanto

172 ODES ANACREONTICAS.

Por ouvilla as ternas aves.

Tem na boca , quando falla ,
Tal doçura , tal agrado ,
Que o mel de Hybla tão prezado
De suave a não iguala :
As tres Graças , quando a virão ,
Por morada a procurarão ,
E depois que alí entrarão ,
Nunca mais dalí sahirão.

Falle em fim , ou baile , ou cante ,
Qual a Deosa de Cithera ,
Dos que a vem nos peitos gera
Mil amores n'hum instante.
Eia pois , oh lira de ouro ,
Tenros mirtos procuremos ,
E com elles lhe enastremos
O cabello ondado e louro.

O D E

XXIV.

JA' que o Inverno
 Do sol que nasce
 A roixa face
 Cobre veloz ,
 E envolto em nuves
 Aquilão rigido
 Do polo frigido
 Ruge feroz :

Bebamos , Mysis ,
 Desta amethysta ,
 Que he grata á vista
 E ao paladar.
 Deixa que mófe
 O vulgo estolido ,
 Que allivio solido (1)
 Nella has de achar.

Depois que em frascos
 Foi encerrado (2)

- (1) Var. Censor estolido ,
 Que hum prazer solido
 (2) Var. Dês que em cristaes
 Está lacrado

Já tem passado
 Vindimas aés.
 Contra os furores
 Dos ventos tumidos,
 Dos ares humidos
 He forte arnez.

Do Luso Baccho
 Potente lança
 Por terra lança
 O triste humor.
 Ao varão serio
 Jocosos e lepido,
 Ao fraco intrepido
 Faz seu furor.

No Lavradio
 Foi espremido,
 Vinho he subido
 Dos vinhos flor.
 Elle restaura
 Forças invalidas,
 E as faces pallidas
 Dá viva cor.

Se em viva guerra
 Amor cansado
 Jaz desmaiado,
 Sem forças já:
 Para a peleja,

Elle magnanimo
Esprito e animo
Pronto lhe dá.

Nelle montado
Gentil Poeta
Do Pindo á meta
Póde voar :
Que hum vinho puro
Mais que o flamigero
Pegaso aligero
Sabe trotar.

Eia bebamos,
Mysis galante,
De tão brilhante
Almo elixir :
E verás logo
O Inverno hispido,
Que ronca rispido,
Veloz fugir.

Inda encerrado
Lá nas redomas,
Olha que aromas
Lançando está.
No cheiro, Mysis,
Vence as riquissimas
Drogas finissimas
De Asia e Sabá.

176 ODES ANACREONTICAS.

Ah! bebe, e o dia
Triste e turbado,
Almo e rosado
Verás tornar.
Verás Amor
E as Graças floridas
Das copas roridas
Junto adejar (1):

Ellas dos vòos
Cheas de gosto,
Ninfa, em teu rosto
Repousarão.
E o Deos tiranno
De setas gravido,
Buscará avido
Meu coração.

Ó

(1) Var. Amor em torno
Das copas roridas
E as Graças floridas
Verás soar.

O D E

X X V.

DE suor todo banhado,
 Anelante, espavorido,
 De Amathunta entra Cupido
 No alcaçar venerado:
 E a formosa mái ao vello,
 Corre afflicta a recebello.

Em seu collo o toma anciosa,
 Nelle o abraça ternamente;
 E de algum grave accidente,
 Lhe pergunta, receosa:
 „ Meu Amor, meu filho amado,
 „ De que vens tão assustado? „

„ A huma pomba, que cortava
 „ (Amor diz) ligeira o ar,
 „ Para, Venus, te offeriar,
 „ Lá no bosque a rede armava:
 „ Quando a mi da mata espessa
 „ Cerval lobo se arremessa.

„ De temor então cortado,
 „ Largo a rede sobre a relva;
 „ E por entre a basta selva
 „ A fugir entro appressado:

178 ODES ANACREONTICAS.

„ Mas a fera carniceira
„ Apòs mi corre ligeira.

„ Táo feroz e com tal ancia
„ A cruel me perseguia ,
„ Que sem forças já me via :
„ E a não ser breve a distancia ,
„ Sem valer-me a ligeireza ,
„ De seus dentes tóra presa. „

„ Porque as seras não vibraste ,
„ Filho meu , para rendella ? „
„ Não as tinha , Venus bella. „
„ Pois ai triste! onde as deixaste? „
„ Da gentil Marilia , ao vellos ,
„ As deixei nos olhos bellos.

XXVI.

EM seus cabellos
Negras violas
Tem o meu bem ;
Nas mãos pequenas
Tem açucenas ,
E lírios cem :
Flores tão lindas
Abril não tem.

Em sua boca
Vermelhos cravos

Abrir se vem :
 Purpureas rosas
 Tem nas formosas
 Faces tambem :
 Flores tão lindas
 Abril não tem.

No niveo seio
 Oh que de flores
 Brotando vem !
 Brancos jasmims,
 Mil mogarins,
 Lirios tambem (1):
 Tão lindas flores
 Abril não tem.

Flores tão frescas
 Oh quem colhêra !
 Oh Ceos ! oh quem !
 Mas mil Amores
 Tão frescas flores
 Em goarda tem (2).
 Quem as colhêra !
 Oh Ceos ! oh quem !

M ii

-
- (1) Var. Entre os jasmims
 Os mogarins
 Brotão tambem.
- (2) Var. Tão lindas flores
 Vigião bem.

ODES ANACREONTICAS.

XXVII.

A Glaia bella,
Unico objecto
Da minha lira,
Do meu affecto:
Eu não cobiço
Metaes brilhantes,
Pérolas netas,
Rubins, diamantes
Filhos do sol.

Só ver teu rosto:
E quando o vejo,
Se ceva em vello
O meu desejo.
Se vello brando
A Amor mereço,
Que o rico Midas,
Que Attalo ou Cresso
Mais feliz sou.

Em teu cabelo
Ondado e louro
Sintillar vejo
Mil fios de ouro.

Vejo em teus olhos
Vivos, brilhantes,
Quando os contemplo,
Dos diamantes
A luz brilhar.

Perolas alvas
Vejo nos dentes,
Rubins nos labios
Resplendecentes.
Tanta riqueza
Ah! quando a vejo,
De vella pago,
Mais não desejo
Que a possuir.

Põe-me onde a neve
O mar entrea,
Põe-me onde ferve
C'o sol a arêa.
Esta alma minha
Em toda a parte,
Aglaiia bella,
Ha de adorar-te
Sempre fiel.

Se qual promettes
Constante me amas,
Verei contente
O gelo e as chamas.

Alí pulsando
 Meu plectro terno,
 De Aglaia o nome
 No mundo eterno
 Ledo farei (1).

XXVIII.

Borboleta que innocente,
 As subtís azas soltando,
 Em mil giros vas cercando
 D'essa véla a luz ardente,
 Que a procuras enganada
 De seus raios namorada:

De teus vòos a carreira
 Ah! suspende! d'essa sorte
 A buscar a propria morte
 Oh! não vòes tão ligeira!
 Que essa luz, que te namora,
 Consumir-te ha de traidora.

O teu fim, tua desgraça
 Evitar quero e desejo:

(1) O verso 7. da primeira Estrofe, e o da terceira faltavão no original, e se supprirão para não ficar a simmetria das Estrofes errada.

Mas ai louco , que não vejo
Que por mi o mesmo passa !
Que a buscar corro sem tino
Outro , ao teu igual , destino.

Pois de Aglauro , Aglauro bella
A minha alma namorada ,
Bate as azas , e encantada
De mi foge , e corre a vella :
Sem olhar que a Ninfá ingrata
Só da minha morte trata.

Alma minha , que encantada
No brilhar dos olhos bellos
Tão veloz corres a vellos ,
E me deixas enganada ;
Alma minha , toma exemplo
Nesse insetto , que contemplo.

Cerra as azas , que atrevida
D'ella em torno vas batendo ,
Se nas luzes , que estás vendo ,
Consumir não qués a vida :
Qual a simples borboleta
Em a luz que cerca inquieta.

ODES ANACREONTICAS.

XXIX.

EU vi a Baccho,
 Crede oh vindouros!
 Baccho potente;
 Que em vez de louros,
 De verdes parras
 Tinha a mitrada,
 Galhuda fronte
 Toda enramada.

Ao som da lira
 Brincão cantava,
 E de Silenos
 O rodeava
 Festiva tropa;
 Que na harmonia
 Toda embebida,
 Suspensa o ouvia (1).

Do vinho as graças
 Em livre canto
 Elle exaltava:

(1) Var. Que attenta ouvia
 De seus accents
 A melodia.

E a turba em tanto
De quando em quando
As mãos batia,
E a cada pausa
Bravo! dizia.

Por largo espaço
Com seus accentos
Deteve os rios,
Prendeo os ventos:
Até que pondo
Ao canto fim
Ledo e risonho
Me falla assim:

De Amor a quem
Tanto cantaste,
Ah! dize Elpino,
O que tiraste?
Que tens de Marte
Tambem tirado,
Que em seus alumnos
Tens exalçado?

De Marte deixa
E de Amor a ira:
Toma ligeiro,
Toma esta lira,
Lira que a furia
Dos leões quebranta,

Que amansa os tigres,
E a mi só canta.

Ah canta Elpino!
Que ao beneficio
Teu serei grato,
Farei propicio,
Que as tuas vides
Sempre floreação,
Que opimos cachos
Sobre ellas creção.

Se eu não possuo
Campos, nem vinhas,
Como crer devo
Que vides minhas,
Então lhe torno,
Fertis floreação,
E de almos cachos
Gravidas creção?

Em breve, Elpino,
Elle replica,
De Alceste a mão,
Potente e rica
De largos campos
Far-te-ha senhor:
Desta promessa
Sou fiador.

Então a lira
Tomando ousado,
A ti e a Baccho,
Alceste amado,
Nesta esperança
Canto contente:
Em ti espero;
Que o Deos não mente.

X X X.

A Lisio.

EM meu aluergue
Não ha de prata
Copas que ornou
Destro boril:
Nem de Alemanha
Finos cristaes,
Que esmaltou d'ouro
Pincel subtil.

Não ha do Rheno
O branco çumo,
Que o voraz luxo
Embotelhou:
Nem o que avaro,
Lá de Constança
Nos limpos tanques,
Belga pisou.

188 ODES ANACREONTICAS.

Mas ha o vinho ,
Que em seus lagares
O Lavradio
Ledo espremeo.
Ha sobre tudo
Para servir-te ,
Lisio , o sincero
Animo meu.

Por limpos copos
De vulgar vidro ,
Que por vil preço
Collipo dá ,
Bebello podes :
Vem caro Lisio ,
Que elle chamando
Por ti está.

A Horacio lendo
E Anacreonte ,
O beberemos
Em doce paz.
Vem , e com elle ,
Lisio , e comigo
A' bella Aglaia
O brindarás.

O D E

XXXI.

Ricas baixellas
 De altos florões
 Todas lavradas ;
 Ou porçolanas
 De ouro esmaltadas ,
 Eu não invejo :
 Pouco me satisfaz , pouco desejo.

Modesta mesa ,
 Sem arte ornada
 De sãos guisados ,
 Sem os estranhos
 Vinhos , comprados
 Por alto preço ,
 Somente rogo ao Ceo , só apeteço.

Se estes meus votos
 Puros , humildes
 Elle comprira ,
 Do rico Alcippo
 Com desdem vira
 A lauta mesa ,
 Onde entre o luxo vão mora a tristeza.

Em torno d'ella

Comtigo , Aglha ,
 Em paz sentado ,
 De Carcavellos
 O celebrado
 Vinho gostára ,
 E aos teus olhos gentis ledo brindára.

Amor comigo ,
 Comtigo as Graças
 Os frugaes pratos
 Nos tornarião
 Inda mais gratos ,
 Mais saborosos :
 Os brindes alternáramos gostosos.

Então de Téos
 Ao Vate a lira
 Eu pediria ,
 As tuas graças
 Descantaria :
 Baccho e os Amores
 A tecer me ajudarão teus louvores.

Em paz serena
 Alegres horas
 Então passára :
 A crua Morte
 Não receára
 Ver escondida
 Entre o fausto de esplendida comida.

O D E

XXXII.

Casta rola , que rolando
 Ne se freixo aos Ceos subido ,
 O parceiro teu querido
 Tristemente estás chamando ,
 O innocente teu parceiro ,
 Que empolgou Açor ligeiro :

Ah ! comigo , casta rola ,
 Essa dor , que te maltrata ,
 A saudade , que te mata ,
 Por hum pouco , sim , consola :
 Pois os males allivia ,
 Ter nos males companhia.

O tiranno injusto Fado
 Contra nós igual conspira ,
 Contra nós igual em ira ,
 Seu furor se tem mostrado :
 O parceiro a ti tirou ,
 E Nerina me roubou.

Do Destino deshumano
 Nesse ramo em vão te queixas ,
 E eu também formo em vão queixas

Do Destino meu tiranno (1):
 Ah! que á nossa intausta sorte
 Só porá limite a morte.

Mas em tanto tu comigo
 A tiranna dor modera;
 Que eu tambem a pena fera
 Consolar quero contigo:
 Pois os males allivia
 Ter nos males companhia.

XXXIII.

LEves Auras, que voando
 Entre as flores mansamente,
 Sobre a limpida corrente
 Deste arroio anda's brincando:
 Leves Auras, por piedade
 Mitigai minha saudade.

Susurrando lisonjeiras
 Ide os olhos meus cerrando;
 Hum tranquillo sono brando
 Me trazei, trazei ligeiras.
 Leves Auras, por piedade

(1) Var. Nesse tronco alto e frondoso
 Do Destino em vão te queixas,
 Eu tambem formo em vão queixas
 Contra o Fado rigoroso:

Mitigai minha saudade.

Póde ser que o gentil rosto
De Nerina em sonhos veja :
E se Amor faz que assim seja ,
Qual será então meu gosto (1) !
Leves Auras , por piedade
Mitigai minha saudade.

Então sua formosura ,
Qual hum tempo já sohia ,
Em prazer , em alegria
Tornará minha amargura.
Leves Auras , por piedade
Mitigai minha saudade.

Seu suave rosto lindo
Nesta ausencia ver desejo :
Fartai , Auras , meu desejo ,
Seja embora , ou não , durmindo.
Leves Auras , por piedade
Mitigai minha saudade.

Auras leves , se beninas
Annús ao que vos peço ,
Tom. III. N

(1) O Poeta escreveu por equivocação : Qual
será minha alegria.

Vosso altar a ornar me off'reço
 De fragantes flores finas.
 Leves Auras, por piedade
 Mitigai minha saudade,

XXXIV.

DE mil Ninfas na innocente
 E lustrosa companhia
 Passeava o outro dia
 N'hum vergel fresco e virente,
 Onde a arte e a natureza
 Competição na belleza.

Entre as varias lindas flores
 Que viçosas abrolhavão,
 E a verdura marchetavão
 Com as finas vivas cores,
 Hum rosal crescendo vinha,
 Que mil rosas em si tinha.

Hum botão entre ellas vejo,
 Que na graça os mais vencia:
 De o colher a fantasia
 Me excitou logo o desejo.
 Para pollo no meu peito
 Vou cortallo satisfeito.

Mas apenas lhe bulia,
 De seu seio molle e brando

Tenro vulto sae voando,
 Leve abelha parecia.
 E era Amor, que alí pousava,
 E em seu caliz repousava.

Das gentís Ninfas voando
 Pelo meio foi ligeiro;
 Porem logo lisonjeiro
 Torna entre ellas revoando.
 Mas alí, caso estupendo!
 O tiranno foi crescendo (1).

De Matilia nos cabellos
 Ora salta velozmente,
 Ora vôa mansamente
 De Micale aos olhos bellos:
 De Nerina as faces toça,
 E de Aglauro a linda boca.

De voar em fim cansado
 As purpureas azas teicha,
 E cahir de Egle se deixa
 N ii

(1) Var. Das gentís Ninfas ligeiro
 Pelo meio foi fugindo;
 Porem logo a ellas rindo
 Volve o vôo lisonjeiro.
 Mas então, caso estupendo!
 Entre as mesmas foi crescendo.

196 ODES ANACREONTICAS.

Em o seio delicado :
Onde embebe prestesmente
No arco eburneo a seta ardente.

E o farpão adamantino
A meu peito endireitando ,
Foi comigo assim fallando :
Vè agora, triste Elpino ,
Que castigo sente enorme
Quem desperta Amor que dorme.

Disse : e a seta despedindo ,
Me trespassa o coração.
Ai de mi ! que desde então
Abrasar-me estou sentindo.
Crece o mal , e não tem cura ;
Pois de mi Egle não cura.

O D E

XXXV.

Suave Avezinha,
 Que de Egle formosa
 Arrojas ditosa
 No pé o grilhão:
 Também como tu
 Eu sou seu cativo;
 E como tu vivo
 Na sua prisão.

Mas oh quão diff'rentes
 Nos fez a ventura!
 Egle te procura
 Com extremos mil:
 E a mi, que a procuro
 Rendido e constante,
 Esconde arrogante
 Seu rosto gentil.

De teu terno canto
 De longe chamada,
 Vem leda appressada
 A ouvir tua voz:
 E deste meu peito
 Aos ternos gemidos
 Lhes cerra os ouvidos,

198 ODES ANACREONTICAS.

E foge veloz.

No seio te affaga,
Te dá carinhosa
Mil beijos gostosa,
Mais doces que o mel:
E a mi, que a procuro,
Com baldões me trata:
Offende e maltrata
Esta alma fiel (1).

Ella te agradece
O teu doce canto;
Mas eu de meu pranto
Não hei galardão.
Suave Avezinha,
Pois hes tão ditosa,
Ah! canta gostosa
Na doce prisão.

(1) Var. E a mi sempre irado
Me mostra o semblante:
Despresa arrogante
Esta alma fiel.

O D E

XXXVI.

HUm tento Cupido
 Sem tino saltava,
 Dos outros perdido,
 Por cima das flores:
 Qual salta inquieta
 Leve borboleta,
 Que esmaltão mil cores.

Nerina, que o via,
 Da sua belleza
 Prender se sentia;
 E para prendello
 Corria teimosa.
 Em fim n'hum rosa
 Chegou a colhella (1).

(1) Var. Nerina encantada
 Da sua belleza,
 Correo appressada
 No bosque a colhella.
 E instando teimosa,
 N'hum fresca rosa
 Pòde em fim prendello.

Menalcas, que a via,
E por experiencia
Amor conhecia;
Ah Ninfa innocente!
Diz, larga essa fera,
Que o monte não gera
Mais crua serpente.

A Ninfa se ria
Do que o bom Menalcas
Prudente dizia:
Pois não receava
Que hum lindo menino
Fosse tão malino
Como elle bradava.

Amor affagando,
Mil mimos lhe faz:
E no seio brando
O mete contente.
Mas ai triste! logo
Toda em vivo fogo
Ardendo se sente.

Amor então quiz
Do seio lançar
Nerina inteliz:
Porem foi em vão,
Que o monstro raivoso
Se afferra teimoso

No seu coração.

Desde este momento
 Que a Ninfa arde viva
 Em fogo violento.
 Porem he bem feito ;
 Soffra tanto ardor
 Quem o fero Amor
 Meteo no seu peito.

XXXVII.

PIntor destro e delicado
 Em lugar de asp'ras batalhas,
 De Guerreiro, que de malhas
 Veste o corpo, e denodado
 Sopesando a lança forte
 Sangue espalha, horror e morte :

Em lugar do torvo Marte,
 Que feroz tala a campanha,
 E a carroça em sangue banha,
 Sem que o seu furor se farte ;
 E de campos alastrados
 De Cavallos e Soldados :

Tu me pinta, Baccho, a fronte
 Coroada de aureos cachos,
 E mil Satyros borraches,
 Que saltando em verde monte,

202 ODES ANACREONTICAS.

Do bom vinho de Bucelas
Regão botes e guelas.

Pinta as Evias desgrenhadas
Verdes thyrsos volteando ,
Que Evohe andão gritando
De furor arrebatadas :
Que em mil saltos e mudanças
Formão soltas livres danças.

Eu no quadro ver não quero
Vivamente debuxado
De Alexandre o braço armado ,
O furor de Achilles fero :
Mais que a Marte e seus rigores
De Thyoneo amo os furores.

O D E

XXXVIII.

Qual flor formosa
 A quem falece
 Do Ceo o humor,
 Que o collo inclina
 E se emmurchece
 Co grão calor:

Tal em Cythera
 Triste lingua
 O Deos de amor.
 E o mal crescendo
 De dia em dia
 Hia a peor.

Nos lindos olhos
 Se lhe não via
 Já sintillar
 Aquelle brio,
 Com que sohia
 Hum tempo olhar.

Do arco e das seras,
 Com que travesso
 Usa brincar,

Já não curava.
 Tal era o excesso
 De seu pesar.

Os doces Risos,
 Terna Alegria
 O deixão só.
 Tão triste estava,
 Que a quem o via
 Causava dó.

Venus os olhos
 Tornados fontes
 De compaixão,
 Medicas hervas
 Nos altos montes
 Buscava em vão.

Que do Menino
 Nada allivia
 A occulta dor.
 Antes crescendo
 De dia em dia
 Hia a peor.

Então com votos
 Mil fervorosos
 Se volve aos Ceos.
 Mas não aceitão
 Os Ceos piedosos

Os votos seus.

Que com mais força
O mal se augmenta
Do terno Amor.

Então na magoa,
Que a atormenta
Toda furor ;

Em vão dos Fados
Seus maldizia ,
E seu rigor :
Que o mal crescendo.
De dia em dia
Hia a peor.

Até que ao Templo
Lá da Esperança
Amor levou :
É apenas entra ,
Sem mais tardança
Amor sarou.

Logo a seu rosto
Tornou a viva
Brilhante cor :
Pois a esperança ,
Oh Clori esquiva ,
Alenta amor.

206 ODES ANACREONTICAS.

Como pois queres
Ver no meu peito
Amor crescer,
Se o teu em iras
Todo desfeito
O faz morrer?

Da-me esperanças;
E verás logo
Crescer o ardor.
Porque sem ellas
Se extingue o fogo,
Que atèa amor.

XXXIX.

Imitando ou parafraseando a Ode de
Anacreonte Παρά τὴν οὐκὴν Βάδουλλε.

A^s Sombra suave,
Que esta arvore lança,
Armia, te senta,
E hum pouco descansa.

Como ella he formosa!
E o Zephyro brando
Os ramos lhe move,
Entre elles brincando!

O rio, que cerca
Sua agoa derrama,
Com seu murmurinho,
Pastora, nos chama.

As tenras hervinhas,
Que em torno florecem,
Oh que molle assento
Cheirosas nos tecem!

Ah! que em tão ameno,
Tão fresco lugar
Amor nos convida
Repouso a tomar.

ODES ANACREONTICAS.

XL.

A huma Rosa.

A Rosa he das flores
A flor e Rainha:
Tu Rosa, serás
Somente a flor minha.

De Rosas seu arco
Amor só adorna:
E Venus com Rosas
Mais bella se torna.

De Rosas se touca
A candida Aurora:
E as nuves de Rosas
Com seus raios cora.

O Zephyro brando
As Rosas festeja:
E entre ellas lascivo
Voando as bateja.

As Graças, as Musas
As Rosas só amão:

De Rosas as tranças,
E as roupas recamão.

De Rosas croado,
E a Cithara minha,
A ti cantarei,
Das flores Rainha.

A ti cantarei,
Oh bella flor minha:
Pois hes das mais flores
A flor e Rainha.

ODES ANACREONTICAS.

XLII

Quem vio huma Ninfa bella
 Que o coração me roubou,
 E com elle de meus olhos
 Não sei onde se occultou?
 Se os sinaes querem saber,
 Os sinaes a dizer vou.

Sobre branca neve Alpina
 Seu cabello desce ondado,
 Onde tece aos corações
 Mil laços o Deos vendado.
 Brandos laços, em que Amor
 Me tem para sempre atado.

São as negras sobranceiras
 Arcos, d'onde fere Amor
 Com mil frechas os que incautos
 Contemplão o seu primor.
 Oh formosas sobranceiras,
 Arcos triunfaes de Amor!

Traz em seus travessos olhos
 Duas brilhantes estrellas.
 Quem as vê, em vão procura
 Ver no Ceo outras tão bellas.

Não são do sol mais brilhantes
As claras luzes , do que ellas.

Unidos os brancos lírios
Com as encarnadas rosas
Docemente a vista encantão
Em suas faces formosas,
Oh lírios , quanto sois bellos !
Oh quáo frescas sois , oh rosas !

Os Risos , as gentís Graças
Lhe morão na linda boca :
Quando falla , oh quantos n'alma
Ternos desejos provoca !
Oh mil vezes venturoso ,
Se algum dos mortaes a toca !

Se alguém a vio , por piedade
Diga-me em que lugar e onde ;
Que a tiranna por matar-me
D'estes meus olhos se esconde :
E por mais e mais que a chamo ,
Se me escuta , não responde.

O D E S.

A juntamos neste lugar as diversas Odes, que encontrámos nas tres Collecções originaes das Poesias de Diniz.

A Ode I. vem na primeira e segunda Collecção ; e naquella acha-se em dous diversos lugares : n'hum d'elles está dividida em Estrofes ou Estancias semelhantes ; e no outro, está escrita em verso rimado, e dividida em Estrofes, Antistrofes e Epodos, pela forma por que se inprime no fim do presente Volume.

A Ode II. vem tambem em ambas as ditas Collecções. O verso 4. da Estancia 7. falta na primeira.

A III. acha-se tão somente na segunda Collecção, e não era escrita pela letra do Author.

A IV. acha-se só na primeira.

A V. e VI. vem na Collecção primeira, e serão depois emendadas e reformadas n'hum moderno Volume original de varias Poesias, que nos communicou o Senhor Marechal de Campo Azedo, e d'onde tirámos para o presente Tomo, alem destas duas Odes e das duas seguintes, o Epithalamto e a Canção.

Da VII. vem na segunda Collecção

as primeiras nove *Estancias*, que d'antes formavão este breve *Poema*: depois he que o *Autor* a accrescentou tal como agora se imprime.

A VIII. he inteiramente nova, e acha-se só no citado *Volume* original.

O D E S. este convênio

I.

A' Immaculada Conceição de Maria Santissima, que recitou no Menalo na Conferencia publica, que a este Misterio celebrou a Arcadia de Lisboa em 8 de Dezembro de 1757.

Ah! longe, longe deste fertil monte,
 A's Musas consagrado, indocil vulgo,
 Vulgo profano:
 A cujo rude espirito não move
 O sagrado furor, que nos transporta:
 E vós almas sublimes, (sas,
 A que inflâma hum ardente amor das Mu-
 Attenção: que hoje intêto em novo estilo
 Tocar a agreste fruta.

Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco
 O meu humilde engenho: em outra espe-
 Mudar me vejo. (cie
 Ah! já não sou, não sou o rude Elpino,
 Pastor da bella Arcadia: estes os campos
 Não são do claro Alteio.
 Onde está Melibeu? onde a cabana
 Do goardador Albano? onde Siveno,

Montano, e mais Pastores!

Hum occulto poder da humilde terra
Suavemente me eleva: a minha frauta

Em som mais alto,

Qual armonica trompa, rompe o vento:
Até o ar, que respiro, he mais sereno.

Ah! que entre as densas nuves

Eu vôo, eu vôo; e em circulos velozes
Aguia do Sol ás luzes me remonto,

Batendo as crespas azas.

(pente

Mas que vejo, oh Ceos! que horrida ser-
Naquelle inferior globo se sustenta!

Ai! que de mortes

Entre os seus habitantes semeando

Está o horrivel monstro! huns entre as

Furioso despedaça; (garras

Outros devora, e ainda palpitando

No immundo vêtre encerra; outros enlaça

Nos vinculos, que tece.

Em todo, em todo o globo se derrama

O seu mortal veneno, em toda a parte

Arde o contagio.

Que lastima! não ha quem lhe resista.

Tristes mortaes, não ha quem vos soccor-

Quem de vós se enterneça? (ra,

Mas que brilhante luz, qual a da Aurora

Na fresca madrugada, lá do Oriente.

Pouco a pouco apparece!

Oh Ceos ! oh nunca vista maravilha !
 Huma pura Mulher , toda vestida
 Do Sol brilhante ,
 De nitidas estrellas coroada ,
 Pisando a branca Lua , he quem espalha
 A luz pura e formosa.
 Já com seus raios o ar se purifica ;
 E como com o Sol a densa nevoa ,
 Se desfaz o contagio.

Oh que formosos passos que vem dando,
 Toda de graça chea ! á sua vista
 O Dragão tero
 Da escamosa cabeça as grossas conchas
 Horrendamente erriça ; os olhos tinge
 De negro , immundo sangue :
 Das entranhas respira hum vivo fogo ,
 Que abrasando o contorno , o deixa cheo
 De halitos venenosos.

Ai ! que contra a bellissima Donzella
 (Tremo de horror !) furioso se arremessa !
 Para tragalla
 Já sobre o meio corpo se levanta ;
 Com a cauda o ar açouta ; e assobiando ,
 Vibra a farpada lingua.
 Já , já para enredalla , em largos giros
 Humas vezes estende , outras enrosca

O corpulento vulto.

Mas em vão, mas em vão, Serpe enganosa,
 Aspiras á victoria, em vão te cansas ;
 Que a Mulher forte ,
 Qual o guerreiro Exercito ordenado ,
 Terrivel te resiste. Ah ! já lhe cedes ,
 Já lhe deixas o campo ;
 Já foges, já te segue, já te alcança ,
 E na torpe cabeça victoriosa
 Te imprime a sacra planta.

Valerosa Mulher, tu só podeste
 Triunfar do horrendo môstro : os teus lou-
 Mas que sonoras (vores...
 Vozes no ar se dilatão ! que vistoso
 Admiravel objecto absorto vejo !
 De Espiritos celestes ,
 De açucenas croados e jacinthos ,
 Hum brilhante esquadrão em torno a cer-
 Batendo as azas d'ouro. (ca,

Huns sobre ella derramão ás mãos cheas
 Humna nuve de flores outros cantão
 A cordemente
 Ao grato som de varios instrumentos
 O seu triunfo. Oh bendita entre as mu-
 Exaltada na terra, (lheres,
 Qual no Libano o cedro, e junto d'agoa
 O platano frondoso ; ou qual nos campos

A formosa oliveira.

Entre as filhas d'Adão, qual entre espinhos
 O puro e branco lizio, resplendesces
 Toda sem mancha!
 Tu dos Coros Angelicos hes honra,
 Tu do Empireo alegria, e da triunfante
 Jerusalem hes gloria.
 Vem, oh flor de Jessé, nossa Rainha,
 Esposa do Senhor, serás croada
 De palmas, de açucenas.

II.

Em louvor da Senhora, que se venera
 no Cabo de Espichel.

L. 250

Santas Intelligencias,
 Que ao Leão de Judá, ao Ineffavel
 Nas azas luminosas
 Firmando estais o trono formidavel;
 E em divinas cadencias
 Ao grato som das liras portentosas
 O acclama o vosso canto
 De Sabaoth Senhor, tres vezes Santo:

Vós, que a supplica ardente
 Dos Justos offertais no Altar Divino

Do Cordeiro triunfante ;
Batendo as azas d'ouro, este meu Hymno,
Rude mas innocente ,
Levai, levai ao templo sintillante,
Onde como o Sol brilha
A Virgem, de Deos Mãi, Esposa e Filha:

Purissima Senhora ,
Cuja agradavel vista he mais terrivel
A' Serpente enganosa
Que na campanha Exercito invencivel ;
Formosa, qual a Aurora
Do Ganges surge na manhã saudosa (2);
Alta e cheirosa, como
A palma de Cadés, o cinamomo :

Do Barbarico monte ,
Que hoje o Templo teu faz celebrado
Dos que surcão o Oceano ,
E donde o Nome teu sendo invocado ,
De graças viva fonte ,
Mandas de teu influxo soberano
O raio coruscante ,
Qual estrella do mar , ao navegante :
Banhado de alegria ,

(2) O Poeta escreveu : Ao surgir do Gan-
ges &c.

Qual aos tenros filhinhos mái piedosa ,
A nós volve o semblante ,
Com que a furia dos ventos pavorosa
Em grata calmaria
Aos naufragos convertas n'hum instante :
E aceita os fieis votos ,
Com que invocamos teu favor devotos.

Não te offereceremos
O dourado metal , que o Tejo cria ,
Nem o fino diamante ,
Que o Sol gera onde nasce e morre o dia ,
Que tanto não podemos :
Nem lá da Siria a purpura brilhante ;
Ou as gommas , que encerra
Em seus bosques da Arabia a larga terra.

Mas em vez das riquezas ,
De que pompa só faz ambição cega ,
Prostrados te daremos (chega,
Hum dom , a que outro dom algum não
Hum dom , que tu mais prezas.
A teus pés Virgem pura , te rendemos
As almas abrasadas ,
E em teu divino amor purificadas.

Em quanto o Sol brilhante
Dourar a terra , e o horror da noute escura
C' os froxos resplendores
A Lua dissipar formosa e pura ;

Com zelo a todo instante
 Formar em nossa lingua os teus louvores ,
 Cantando-te á porfia (1)
 Ou traga o Sol comsigo , ou leve o dia.

III.

Para celebrar o Nascimento do Senhor.

ENxugai , enxugai o triste pranto ,
 Que sobre as denegridas ,
 Sordidas faces em perennes rios
 Vos cae ha tanto tempo ,
 Oh da santa Sião ditosas Filhas !
 A pesada cadea ,
 Que em vinculo tenaz vos cinge os cellos ,
 Em pequenos pedaços
 Rompei , despedaçai , lançaí por terra .
 A antiga formosura
 Torne a resplender nos vossos rostos .
 Já a devoradora
 Espada do Senhor , de sangue fatta ,
 Na bainha descança .
 Já os dias de paz , paz de justiça
 São , oh mortaes , chegados .

(1) O Poeta escreveu : Cantar-te-hemos á
 porfia. (segundo o original , 1841.)

Eu a vejo descer com rosto ledo
N'huma dourada nuvem.
A singella Amizade, a sã Justiça
Lhe fazem companhia.
De brilhantes estrellas recamadas
Traz as candidas roupas :
Oliveira immortal lhe tece á fronte
Magestoso diadema :
Na dextra mão em tremulos reflexos
Serena luz lhe brilha :
Vem com ella abrasando as duras armas
Do carrancudo Marte.
Espadas, capacetes, piques, lanças,
Arcos, flechas, escudos
Tudo a cinza reduz, tudo devora
A radiante chama.
Quem, desejada Paz, quem entre os ho-
Entre os barbaros homens, (mens,
Guia teus passos, e a deixar te obriga
Do firmamento os tronos ?
Oh pastores da Arcadia, quereis vello ?
Voltai, voltai os olhos,
O seio contemplai d'aquella lapa.
Esse bello Menino,
Que alí vedes chorar, do tempo exposto
A' frigida inclemencia,
He de tanta ventura o author supremo.
Elle para nós nasce :
E d'hum ardente amor todo abrasado
(Amor, a quanto obrigas !)

Já sobre os tenros hombros toma o peso
De seu immenso imperio.
Este he, este he, pastores, o Admiravel,
O Forte, o Conselheiro,
O Principe da Paz, Deos poderoso.
Mas como o Rei da gloria,
O Deos de Abrão, de Isac, do mundo to-
Que sobre as sonoras (do,
Azas dos Querubins o solio erige;
A cujo santo aspecto
Nos seus eixos se abala a immovel terra,
E qual a branda cera
Da crepitante chama ao moto exposta,
Derretidos os montes,
Das proprias eminencias se despenhão;
D'hum vil, tosco presepio
Pelo pobre agasalho os tronos deixa
Do luminoso imperio (1)!
Sagrados cumes do Sinai ditoso,
Fallai; dizei se he este
Do grande Jehová o filho amado,
Filho de complacencia:
Do grande Jehová, cuja terrivel
Tremenda magestade
Nas vossas eminencias contemplastes,
Quando de denso fumo

(1) Talvez escrevesse o Author empyrio;
ou imperio.

Encoruscantes chamas rodeado ,
 Entre o horrído estampido
 De raios , de trovões e de bozinas ,
 O Decalogo santo ,
 Ante o povo de Israel de horror tremendo ,
 A Moyses promulgava.
 Sim , sim , elle mesmo he. As soberanas ,
 Sacras Intelligencias ,
 Que do manso Cordeiro ao trono assistem ,
 Com incessantes vozes ,
 Ao doce som das armoniosas liras
 A' terra o estão dizendo :
 De Sabaath Senhor tres vezes santo
 Continuamente o acclamação.
 Ventos do Septentrião , asperos ventos ,
 Vós que ao rapido moto
 Das negras azas sacudís furiosos
 Pelos ingremes montes
 O crespo caramelo , ah ! por piedade
 Detende as vossas iras :
 Furiosos não corteis do tenro Infante
 Os delicados membros.
 Prostremo-nos , pastores , sobre a terra ,
 Prostremo-nos ante elle ,
 Nós que somos do seu sab'roso pasto
 As mimosas ovelhas.
 O Senhor que nos fez , que nos sustenta ,
 Humildes adoremos.
 Mas que nova mudança resplendece
 Em a face da terra !

Mordendo furiosa os torpes beiços mmi,
 Foge a barbara Guerra,
 E entre as sombras do Tartaro mergulha
 A horrenda catadura.
 De pesadas cadeas carregado
 O duro Cativeiro,
 A macilenta Morte, a voraz Peste,
 A despida Pobreza,
 E a do mal persuasora negra Fome,
 Lhe fazem companhia.
 Brotão os desertos mil cheirosas flores (1);
 E chea de alegria,
 Parece que a pesar do enorme peso,
 A Terra está saltando.
 O espantoso rumor o mar serena,
 E a vasta superficie
 De brilhantes escumas adornando (2),
 Os lassos marinheiros
 Está para que o surquem convidando.
 Fogem as negras nuvens,
 Que a luz do sol avaras encobrião;
 E de repente os Ventos

Tom. III.

P

(1) A *Ecthlipse*, que he necessaria para ficar certo este verso, não he pouco usada nos nossos bons Poetas antigos, ainda que neste rarissima vez a temos observado. *Tulvez* elle escrevesse: Brota o deserto &c.

(2) *Tulvez* o Poeta escrevesse: adornada

Immoveis sobre as negras azas ficão.
 Com benevolo aspecto
 Nos desertos do Ceo brilhando roda —
 Nova formosa estrella.
 Oh dia venturoso! eternamente
 Cantem os Ceos e Terra
 Teu sublime louvor: eternamente
 Te exaltem, te engrandeação.

IV.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Se-
 bastião José de Carvalho e Mello,
 recitada na Arcadia aos 29 d'Outu-
 bro de 1757.

Que sagrado furor, que estranho im-
 Me incita a que deixando a agreste lira,
 De mais nobre instrumento as cordas fira
 A mão não costumada?

Que sublime varão, Clio sagrada,
 Me mandas celebrar? que espirito raro,
 A que a guerra, ou a paz fizesse claro,
 Digno de eterna fama?

Acaso cantarei do illustre Gama
 O sem igual valor, de que animado,
 Por hum mar nunca d'antes navegado

O berço vio da Aurora ?

(ra (1),
O Galvão , por quem inda o Ganges cho-
Do valor e fortuna claro espeho ?
Ou a ti , Luso Marte , alto Botelho (2) ;
Liberal da grande alma ?

Não : outro heróe , q̃ a estes leva a palma,
Cantar me mandas : hum por quem já vejo.
Restituir-se ao nosso patrio Tejo
A gloria já passada.

Hum , que na paz angelica e dourada
Desde onde o Sol se esconde no Oceano
Até adonde nasce , o Lusitano
Nome faz respeitado.

O famoso Carvalho celebrado
Lá onde corre o Tamisa orgulhoso ,
E onde banha o Danubio caudaloso
A terra em sangue envolto.

O famoso Carvalho , que do solto
Vulgo a furia e licença retreando ,
As desmaiadas artes animando
Está com seu exemplo.

(plo ,
Mas , Senhor , se as virtudes vos contem-
Como ousarei louvar-vos ? com que alêto ?
Se ao vosso singular merecimento

O estilo não se ajusta ?

Porem quem poderá d'essa alma augusta
Celebrar dignamente a magestade ?
Quem vossa rectidão ? quem a piedade
Do animo generoso ?

Quem as leis santas ? quem o fervoroso
Zelo , com que apartais da patria terra
A ruina e o terror , que a crua Guerra
Semea noutra parte ?

Por vós do nosso campo foge Marte ,
E nelle , em vez da touce retorcida ,
Não brilha na sanguenta mão despida
A espada de aço fino.

Oh Fleury , oh Colbert , oh Mazarino !
E vós outros , a que a grande experiencia
Principes da politica sciencia
Em todo o mundo acclama :

Se quereis ver quem hoje vossa fama
Escurece , vede este heróe preclaro ,
Cujo espirito grande , inclito e raro ,
Cheo de santo zelo ;

As maximas do torpe Machiavelo
Detestando , e do honesto só guiado ,
Em o publico bem todo empregado

Cheo de gloria brilha.

Mas Ceos, que vejo! que alta maravilha!
Onde estou eu! que maquina arrogante
Sobre as nuvens se eleva! e que brilhante
Raio de luz derrama!

Ah! sim, este o templo he da immortal Fa-
E no mais superior trono sentado, (ma:
Carvalho illustre, estás; e a teu lado
A justissima Astrea.

Não podendo soffrer da nobre idea
A activa luz que sempre está manando,
De ante elle, os olhos có as mãos tapando,
Se aparta a Negligencia.

(cia,
Tambem tu, tambem tu, triste Indigen-
Despreso dos que gosão rico estado,
C' o torpe Ocio dos vicios rodeado
Lhe fazes companhia.

E que doce, agradavel melodia,
Em quanto a mais resplendente croa
Lhe tece o amor da patria, pelo ar soa
Seu nome celebrando!

Viva Sebastião, que a patria ornando
De innocentes costumes, faz eterna
A sua gloria: o sacro coro alterna

E repete o Eco: viva!

Mas que estranho rumor de ouvir me priva
O brando canto, oh Ceos! q̄ velho he este,
De aspecto venerando, mas agreste,
Que a musica confunde

(funde!

C' o rumor, com que da urna a agoa dif-
Sim, sim, este he o Rio, a quem a fama
Pela sua grandeza o Pará chama,
Hoje tão celebrado.

O outro, que de manilhas d'ouro ornado
O baço corpo tem, da ardente Sena
Refresca os campos co' a corrente amena,
Rica do metal louro.

O que turvo corre he o frio Douro,
A quem no mundo faz claro e famoso
O licor suavissimo e precioso,
Que os cuidados desterra (3).

Oh como debruçados sobre a terra
Dos tributarios Rios rodeados
Beijão as santas leis, e alvoraçados
Correm ao Oceano!

Lá lhe dizem que o Reino Lusitano,
Pelo grande Carvalho dirigido,
Torna a empunhar o cetro já perdido

De todo o imperio undoso.

E com quanto alvoroço , com que gozo
Recebe o velho padre a feliz nova !
Tres vezes , mas em vão , erguer-se prova
Ao nome esclarecido :

Porque dos longos annos opprimido ,
Tres vezes no espumoso leito cahe ;
E entre tanto o festivo coro sahe
Das humidas Deidades.

E que venturas , que prosperidades
Cheo de gloria , cheo de alegria ,
Ao cetro Portugues não annuncia
O coro armonioso !

Oh feliz Portugal , Reino ditoso ,
Que tal heróe creaste ! ah ! por elle vejo
Correr coberto d'ouro o claro Tejo
A dar ao mar tributo.

Já , já nos nossos campos brota o fruto
De seu constante zelo e vigilancia :
E com prodiga mão lança a Abundancia
Os seus grandes tesouros.

Plantas do fresco Tejo , em verdes louros
Todas vos convertei ; porque se teção
Diademas immortaes , que lhe guarneção

A fronte soberana.

E tu, feliz idade, corre ufana,
Corre, corre ao teu fim chea de gloria;
Pois te illustra hum varão, cuja memoria
Te ha de fazer famosa.

Dos seculos passados invejosa
Não estejas; que nem vós d'aurea idade
Claros dias, igual felicidade
He certo que lograstes.

Espiritos felices, vós que ornastes
Os seculos ditosos da innocencia,
Dizei: houve entre vós tanta clemencia,
Tanto horror da cobiça?

Tanto amor da igualdade e da justiça,
Da rectidão, da paz, da singeleza,
Tal modestia, tal fé, tal inteireza,
Igual á que ennobrece

(dece,
Este heróe, que entre os outros resplen-
Como entre os mais metaes o fino ouro?
Ah! ser não pôde! Seculo vindouro,
Quando os grandes louvores

Delle ouvires, crè, crè que são maiores
As virtudes, de que sempre assistido
Adorado se faz, se faz temido,

Ou severo , ou piedoso.

Oh soberano Heróe ! e quão famoso
 Vosso nome será na Lusa historia !
 Quão cheo de louvores e de gloria
 Voareis de boca em boca !

Eia , Espirito illustre , a vós só toca
 Despertar do letargo em que jazia
 A afflicta Lusitania , e de vós fia
 A sua liberdade.

Por vós espera a antiga magestade
 Cobrar a patria , e ver feitos pedaços
 Os grilhões , que lhe poz aos fortes braços
 A propria negligencia.

Acabe , acabe a perspicaz prudencia
 As felices empresas meditadas :
 Célebre entre as Nações mais apartadas
 O vosso zelo seja.

Torça-se embora a macilenta Inveja ,
 Brame raivosa , a boca em negra escuma
 Inunde , as proprias mãos morda e cõsuma
 C' os dentes venenosos :

(mosos
 Em quanto , oh Senhor , sobre os mais fa-
 Vos ides elevando , e o nome augusto
 Desde a gelada Thule ao Nilo adusto

Espalha a heroica Fama :

(ma ,
Em quanto.. mas q̄ he isto ! oh sacra cha-
Onde , onde estás ? que já desafinada
Sinto a voz , rouca a lira , a mão cansada,
E o peito sem alento.

Por mais que temperar a lira intento !
E a voz affino , que pouco sonoro
Soa o meu canto ! Ninfas do Aonio coro
Alentai meu espirito.

(cito ,
Mas debalde vos chamo , e em vão me in-
Que o canto que a cansada voz entoa ,
Cada vez menos armonioso soa ,
Menos digno de ouvir-se.

Oh Siveno , oh Alcino , oh brando Tirse,
D'este varão cantai dignos louvores :
Cantai , cantai por mi , sabios Pastores ,
Que eu só não posso tanto.

E em quanto rompe o ar o vosso canto ,
Aqui neste pinheiro levantado ,
Para mi peso inutil , pendurado
Deixo o rouco instrumento.

N O T A S.

(1) Antonio Galvão foi hum dos mais famosos Capitães , que passarão ao Oriente: não só se distinguio pelo seu esforço, conquistando as Malucas, mas pela innocencia e santidade dos seus costumes. Voltando á patria, em premio das acções que por ella tinha obrado, morreo n'hum hospital.

(2) Nuno Alves Botelho, ascendente dos Condes de S. Miguel, e por cujos assignalados serviços se deo este titolo á sua Casa. Sendo Governador na India, destroçou a Lacsamana e Marataja, Generaes do Achem, que com vinte mil homens e dozentas e quarenta velas cercavão a Malaca. Morreo querendo apagar o incendio, que n'huma Náo Holandesa, que valerosamente tinha rendido, se ateára.

(3) Ao grande zelo e amor da patria, ao infatigavel espirito de S. Excellencia se deve a instituição das duas utilissimas Companhias do Grão Pará, e Alto Douro, e a separação, que do Governo e terras adjacentes a Moçambique se fez do de Estado da India para augmento e melhor administração das mesmas.

O D E S.

Alcaica.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Manoel Bernardo de Mello de Castro, então Marechal de Campo e Governador da praça d'Elvas; depois Tenente General, Conselheiro de Guerra, Governador das Armas da Provincia d'Alemtejo, conservando o Governo da mesma Praça, General de Infantaria, Visconde da Lourinhã &c.

SE pulso a Cithara de Alceo armonica,
 O plectro altisono não rende prodigo
 A' virtude falsa tributo:
 Solida gloria he só quem o move.

Tu Castro celebre, dás a seus numeros
 Assumpto esplendido: o profundo pelago
 Surca ufana de teus louvores,
 Sem as Syrtes temer da lisonja.

A longa serie de Avós clarissimos,
 A rica copia de metal fulgido

Da fortuna são ricos mimos ;
Mas não faz os heróes a fortuna.

Tu novo , intrepido , caminho incognito
A' fama postuma mostras sollicito ,
Da gloria seguindo a vereda ,
Que vulgares espiritos não trilhão.

O zelo eximio , o valor inclito ,
Que ornão teu animo, são sós os titolos(1),
Que brilhante croa te formão ,
Que da Fama te levão ao templo.

Campos da America , campos que prodigo
Com larga copia de cristaes liquidos
De preciosos fructos fecunda
O Monarca dos rios famoso :

Em vozes públicas seu panegirico
Tecendo candidos de immortal credito ,
Meu hymno , que vòa ao futuro
Sintillando, cobris entre as gentes (2).

(1) *No Original de Coimbra lê-se assim este verso: o Poeta quando corrigio a Ode, escreveu por engano: são só titolos.*

(2) *Assim no Original de Coimbra, o Poeta escreveu depois:*

De meu hymno , que vòa ao futuro ,
Os accentos cobris entre as gentes.

Vós a policia , que crece prospera ,
 Vós a abundancia , que lograis placidos,
 Que obras são de seu puro zelo ,
 Sem cessar publicais pela terra (1).

O povo idolatra , que habita misero
 Seus bosques asperos , o culto barbaro
 Sem temor deixando , o publica
 Da liberdade no amavel seio.

Mas a nobre emula de vossos jubilos
 Elvas belligera , já grata cinge-lhe
 De louros eternos a fronte ,
 Louros , que brota o campo de Marte.

Novos espiritos recebe impavida
 Com seus auspicios : alça ao Zodiaco ,
 Insultando Iberia soberba ,
 A cabeça de torres croada.

Bellona attonita no Heróe magnanimo
 A nobre pratica dos Villes inclitos ,
 Dos Freitags o engenho sublime
 Vè sintillar com raios mais vivos.

Cega obediencia aos preceitos Tacticos ,

(1) Assim no Original de Coimbra : a última lição he :

Publicando estais mudamente.

Do ocio aos prestigios rancor indomito,
São as leis, que dicta severo,
Que respeitar faz com seu exemplo.

Mas quem lauréola a teus grandes meritos
A teer alça-se, Castro magnifico (1),
Novo nome dará ás ondas,
Nellas largando as plumas soberbas.

VI.

A Pedro Antonio Joaquim Correa Gar-
ção, chamado na Arcadia Coridão
Erimanteo. Em 1757.

BAtendo as negras azas, o regelo,
Sacode o fero Boreas pelos montes,
C'o duro caramelo
Gelão-se as fontes.

Despidos da viçosa e verde rama
Das arvores se vem os grossos troncos,
Nas rochas o mar brama
Com feios roncros.

(1) *Este verso em ambas as Collecções lê-se de est'outro modo:*

A teer arroja-se, Castro magnifico,

Sae d'espantosas trevas rodeada
Do Bosphoro Cimmerico a Noute escura :
Cynthia esconde assustada
Sua luz pura.

Cobrem-se os Ceos de negros nevoeiros,
Horrorosos trovões a terra atroáo ,
Carregados chuveiros
Nos ares soáo.

Para os curraes do campo foge o gado ;
E dos bois , que descansão da lavoura ,
Não trilha o curvo arado
A cerviz loura.

Nos fatos ao redor do sacro lume
Os pelicos enxugão os Pastores ,
Cantando por costume
Os seus amores.

No socegado porto descansando
O navegante está , e impaciente espera
Que sopre o vento brando
Da primavera.

Ah Coridáo ! em quanto o Inverno frio
Cresta co' as duras mãos plantas e flores ;
Fogem do campo e rio
Graças , Amores :

Com o cheiroso ponche em doce guerra
 Quebremos o furor dos rijos ventos,
 Que as folhas sobre a terra
 Espalha aos centos.

Já na limpa poncheira o licor louro
 Fervendo brilha: ledos a taça toma,
 E com o liquido ouro
 Seu rigor doma.

Enche-a, caro Pastor, bebe-a gostoso
 Do Menalo em louvor, que eu outra bebo.
 Oh Ceos! que immenso gozo
 N'alma recebo!

Vè como o valentão, que nos roncava,
 Que mil geladas setas despedia,
 Que os beijos nos talhava
 E as mãos teria;

Ao vellas empunhar, perdido o brio,
 Sem ao menos ousar a defender-se,
 Corre no polo frio
 A recolher-se.

Bebe affouto, Pastor, que ainda chea
 Do suave licor outra nos resta:
 A' saude de Tresea (1)

Tom. III.

Q

(1) Se houver duvida de fazer aqui a pa-

Bebamos esta.

De Tresea gentil , de meu martyrio
Doce e unico allivio , mais formosa
Que o branco e puro lirio ,
Que à roixa rosa.

Longe , longe a voraz malincolia ,
De seus torvos espectros rodeada ;
Reïne em nós a alegria
Tão suspirada (1).

Tu ouves Coridão , (ou eu m'engano)
De timpanos e sistros o ruido ?
Ah não , não he engano ,
Ouço o sonido.

Eu vejo , sim , os Satyros saltantes
Com o caprino pé ferir a terra ;
As lascivas Bacchantes
Cobrir a serra.

Desgrenhado o cabelo , e furiosas
Vibrão os verdes thyrsos ululando ,

lava saude de duas syllabas , pôde-se substituir a lição da primeira Collecção :

Bebamos de Tresea
A' saude esta.

(1) Var. Do Riso amada.

Com vozes espantosas
Orgio bramando.

Toma a lira , Pastor , cantemos ambos
Em estilo , que os nossos nunca ouvirão :
Os livres Dithyrambos
Os ares tirão.

V I I.

Saphica.

Celebrem outros as vorazes chamas ,
Que pelas negras enxofradas tauces
Vomita o Etna ; de terror enchendo
Toda a Trinacria.

Ou das montanhas , que fez tão famosas
Pyrene bella , do Tyrinthio amada ,
O vasto incendio , que inundou Iberia
De aureas correntes :

Ou dos frondosos apraziveis Tempes
Os frescos bosques , os amenos prados ,
Onde as boninas com lascivo vôo
Zephyro pinta.

(nuves
Do grande Olympo , que entre as grossas
A verde fronte magestoso esconde ,
Outros publiquem pela redondeza

Dignos louvores.

Outros dos Alpes as immensas neves,
Inda banhadas no soberbo sangue
Da loura gente, que nas fontes bebe
Rhodano e Sena (1).

Outros descantem, Taprobana fertil,
Teu grande cerro, que goarda em seu pico
Sagrada planta de varão insigne]
Inda estampada.

Outros do Herminio, que a cerviz intonsa
Cobre de nevoas, a robusta gente,
Que vio prostradas as Latinas Aguias
Na aspera guerra:

Que eu só desejo, da sonora lira
Ferindo as cordas, do gelado Arcturo
Ao frigido Austro levar o teu nome,
Menalo claro.

Viva contente por fartar a sede
De vãs riquezas, rasgando as entranhas
Do celebrado Potosí precioso,
Pallido avaro.

(1) Esta Estancia não se acha no ultimo Original.

Nas longas horas da calada noute
 A triste sala do Ministro austero
 O que perrende poderoso cargo
 Tímido pise.

(bosques,
 Que eu entre as sombras de teus densos
 Em quanto pulso com eburneo plectro
 De Sapho a lira, de seus vãos cuidados
 Noto a cegueira.

Na aurea carroça Senhor poderoso
 Pise tirado por frisões soberbos
 A triste plebe, que de toda a parte
 Pavida foge:

Que os vãos cuidados, as azas batendo,
 O vão seguindo muito mais velozes
 Que o veloz Euro, quando sae furioso
 Da horrída gruta (1).

O varão sabio na misera sorte,
 Que avara estrella com elle reparte,
 Vive contente, despreza constante
 Titulos grandes.

A paz serena de sua alma grande

(1) Var. Que o veloz Euro, se do Eolio rōpe
 Carcere as portas.

Temor violento jamais lhe perturba ;
Os brandos sonos não lhe rouba infame
Sordido lucro.

Na Regia mesa por Murrhinos vasos (1)
O reixo çumo da famosa Creta
Beba Damocles , que a pendente espada
Pallido o torna.

Do claro Febo na misera tina
A' luz se aquece Cynico famoso
Do terror da Asia a magnifica pompa
Placido insulta.

A sá fortuna não está no fausto (prego,
De hum rico estado , d'hum distincto em-
Mas na virtude: ditosos só pôde
Ella fazer-nos.

(1) Estes vasos erão d'huma pedra preciosa chamada murrha, da qual diz Plin. no Liv. 27. (al. 37.) cap. 2. que era insigne pela excellencia de seu cheiro, e pela variedade de suas cores; tendo algumas manchas, que segundo a reflexão da luz humas vezes erão purpureas, outras tiravão a cor de leite, e outras formavão huma meia cor entre estas duas. Augusto tomada Alexandria, das alfaias Reaes só reservou para si hum destes copos. Sueton. in August. cap. 71.

O D E

VIII.

Saphica.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo D.
Sancho de Faro, Conde de Vimieiro.

EU não te invejo, Clarissimo Faro,
A rica pompa de teu alto estado;
Nem a grandeza, que partio contigo
Benefico astro.

Cargos, riquezas, que o povo ignorante
Absorto admira, não cegão meus olhos:
Outra he a meta, que meus passos guia,
Que avido busco (1).

Só a firmeza, e valor te invejo,
Com que fugindo da Corte aos prestigios,
Em útil ocio no teu Vimieiro
Vives contente.

(1) Var. Cargos, riquezas, do povo ignorãte
Unica meta, não cegão meus olhos:
Outro he o Norte, que no mar que
Sigo constante. (cruzo

Da Natureza contemplando attento
O grão tesouro , que os sabios estimão ;
E que despresa , por não conhecello ,
Rustica plebe.

Alí apprendes de ajudalla os modos
Em suas obras , com que ella te paga ,
Agradecida , de teus largos campos
Rico tributo.

Alí de Breiner os cantos escutas ,
E a lira de ouro ; lira que invejarão
Saphos , Corinnas ; a quem eterniza
Melico canto.

Breiner formosa , que á mente divina
Soltando as azas , veloz se remonta
Por entre as nuves , apòs si deixando
Rapidas aguias.

Ledo e contente para ti só vives ;
Longe da inveja , das intrigas longe ,
Da paz gozando , que só gozar póde
Animo puro.

Se a mão do Fado propicio a meus votos
Igual destino comigo partira ,
Oh quáo contente teu illustre exemplo
Pronto seguira !

Então de hum bosque na sombra fria ,
Junto de hum rio de serenas agoas ,
Cingida a fronte de floridos mirtos ,
Louros virentes :

A Eolia lira sem temor tomando ,
Tuas virtudes ufano cantára ;
Cantára as graças , que n'alma sintillão
Da inclita Breiner.

E aos Ceos levando tão illustres nomes ,
Nomes , que o Tempo , q' a palida Inveja
Muda respeita ; com elles ornára
Novas estrellas.

EPITHALAMIO.

A's bodas do Preclarissimo Isidro de Almeida de Sousa e Lencastre, Senhor da Casa da Cavallaria, com a Preciarissima Senhora D. Anna Ifigenia de Barros Almeida Moura e Albuquerque, Senhora da Casa de Real, e Morgados de Moreira, e Ribeira de Litem.

Este Epithalamio vem no Original de Coimbra, dividido em Estancias de oito versos, os quaes são rimados dous a dous. Depois o corrigio o Poeta, pela forma por que agora se imprime, no moderno Volume Original, já citado na Advertencia das Odes, e n'humã copia avulsa escrita de sua letra, que conservamos em nosso poder: e por esta copia se emendou o verso 6 da penultima Estancia, o qual no volume Original se lia: Brandindo a lança ardente.

ACcende, oh Hymeneo, a luz formosa
Da tocha nupcial; e de virente
E crespa mangerona coroadó,
Sobre o viçoso prado,
Que esmaltão liberaes de mil boninas

Correndo mansamente
 Do Lis e Lena as agoas cristallinas ,
 Dirige o vôo teu :
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Ah ! bate ledamente as aureas azas :
 Dous peitos , q̄ de Amor consume o fogo
 Com reciproco ardor , com grato auspi-
 cio Vem consolar propicio : (cio
 Movão-te as ternas , innocentes magoas ,
 Ah ! mova-te o seu rogo ! (1)
 Vè q̄ insoffriveis são de Amor as fragoas !
 Desce veloz do Ceo :
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Olha com que impaciencia o terno joven
 Os instantes , as horas conta ancioso ;
 E entre os doces martyrios da esperança
 Culpa a tua tardança :
 E soffrer não podendo a voraz chama
 Que o consume extremoso ,
 Por ti sem ter descanso brada e chama ,
 Implora o favor teu :
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Do Eta já deixa 'o cume levantado

(1) Var. Movão-te seus suspiros , suas ma-
 Seu innocente rogo : (agoas .

De Venus o planeta rutilante :
 E tu , oh doce Nume apetecido ,
 Do Helicona florido
 A sagrada floresta inda não deixas !
 Ah ! vem do terno amante
 A consolar as magoadas queixas ,
 Filho do bom Thyoneo !
 Vem , oh casto Hymeneo , vem Hymeneo .

O nupcial anel , que ha tanto aguarda
 A linda Esposa alegre e temerosa ,
 Traze , Nume gentil , traze ligeiro .
 Tu ledo e lisonjeiro
 De teus mimos com a doce violencia
 Da Ninfa vergonhosa
 Os sustos vence , vence a resistencia .
 Traze o sagrado veo :
 Vem , oh casto Hymeneo , vem Hymeneo .

Mas que subito facho os ares fende ,
 De immensa luz a terra povoando !
 Que gratos , que suavissimos accents
 Ferem os brandos ventos !
 He Hymeneo , que brande as sacras teas ;
 E das nuves calando ,
 Vem , Colippo , alegrar tuas areas ,
 Honrar o campo teu .
 Já sintilla Hymeneo , desce Hymeneo .

De Amotes hum enxame copioso

As coruscantes achas vem guiando :
 Huns o dourado laço vem tecendo ,
 Os outros convertendo
 Em liras os brilhantes passadores ,
 Docemente cantando
 Dos Esposos gentis vem os louvores ;
 Cantão o seu trofeo.
 Eis já chega Hymeneo , vem Hymeneo.

Já da cara Mãi arranca do regaço (1)
 A bella Ninta alegre e temerosa
 Das Graças , dos Encantos vai cercada ;
 E leda e envergonhada :
 Se Amor a incita , a prende o casto Pejo.
 Da Ninta vergonhosa
 Cobre com o teu véo , cobre o desejo ,
 Que inflâma o peito seu ,
 Lisonjeiro Hymeneo , doce Hymeneo.

Ao raiar da manhã nunca tão bella
 Entre as flores que ardeão verde prado
 Do cerrado botão rompeo a rosa :
 Tão bella , tão graciosa ,
 De aljofares e perolas toucada ,
 Nunca do mar salgado
 Sahir se vio a linda e delicada

(1) Mãi cara , faria o verso mais cozyente.
 (2) O Poeta escreveo : Cobre cõ teu véo &c.

Do sagrado Hymeneo!
 Oh mil vezes feliz, santo Hymeneo!

Do futuro rasgando a densa treva
 Na vaga mente já se lhe figura
 Do collo da consorte ver pendentés
 Os filhos innocentes;
 Que crescendo em virtudes e nos annos
 Brandindo a lança dura,
 De nova fama cubtirão utanos,
 Darão hum novo lustre
 De Barros e de Almeida á estirpe illustre.

Já de Marte no campo sanguinoso
 Outro Francisco vê, outro Duarte,
 Que as inimigas hostes derrocando,
 Os campos arrasando,
 Irão de incendios, mortes e ruinas:
 Que do Orbe em toda a parte
 Farão brilhar as Lusitanas Quinas:
 Que eterna a sua gloria
 Farão nos Fastos da immortal Memoria.

C A N Ç Ã O.

Vem no moderno Volume Original, e entre os Apontamentos tambem originaes do Author, que conservamos em nosso poder, e por onde se corrigirão alguns versos que por descuido estavam incorrectos no referido Volume.

NOs campos, que cortando
 Vem o Nabão sereno
 C' o liquido cristal suave e brando,
 Se alça hum bosque ameno;
 Que todo matizando
 De lindas flores vai o fresco rio:
 Onde as plantas frondosas,
 Ou já na primavera, ou já no Estio,
 Sempre ledas estão, sempre viçosas.

Do placido remanso
 Ao som surdo e sonoro,
 De mil pintadas aves sem descanso
 Canta o suave coro.
 Zephyro leve e manso,
 Batendo as frescas azas marchetadas,
 Menea lisonjeiro
 Mil arbustos, mil flores delicadas,
 Que o ar perfumão de fragante cheiro.

De mil Pastoras bellas
 He toda povoada
 A deliciosa selva ; mas entre ellas
 Por formosa e engraçada ,
 Qual sóe entre as estrellas
 De Venus distinguit-se a luz graciosa
 Na noute escura e fria ,
 Ou em culto jardim purpurea rosa ,
 Jonia para meu mal se distinguia.

Pela Ninfa formosa
 Os mais destros pastores ,
 Que habitão na ribeira deleitosa ,
 Suspiravão de amores.
 Na margem arenosa
 Huns com outros por ella ora lutavão ,
 Ora soltando ao vento
 As accordadas vozes , celebravão
 De Jonia com as graças seu tormento.

A este bosque engraçado
 Me trouxe astro malino
 Do mal , que ali me aguarda, descuidado :
 Tanto pôde o Destino !
 Dos Pastores guiado
 Vi de Jonia infiel o lindo aspeito ,
 E apenas o vi , logo
 Dentro senti no innocente peito
 Arder hum vivo , mas suave fogo.

Amor, que ha muito havia
 Que atteiro me esperava,
 De seus olhos com doce tirannia
 O peito me falsava.
 Eu que incauto sentia
 Correr-me as veias huma chama inquieta,
 Corria apòs a chama;
 Qual na brilhante luz a borboleta
 Corre aos estragos, e as ruinas ama.

Jonia, que então conhece
 De meu mal o motivo,
 De meu mal o motivo aumenta e crece (1)
 Com hum repudio esquivo:
 Novas prisões me tece
 Em seu desdem ou falso, ou verdadeiro.
 Que ás vezes vingativo
 Quer para mais triumpho o Deos frecheiro
 Que o repudio, de amor seja incentivo.

Quantas lagrimas tristes
 As faces descoradas,
 Nabanciades, então banhar me vistes!
 Que queixas namoradas
 Alí me não ouvistes!
 Mas poderão meus ais, pòde o meu rogo

(1) O Author escreveu: O motivo de meu mal &c.

O pranto, que vertia,
Derreter, e tornar em vivo fogo
De seu gelado peito a neve fria.

Neste gostoso enleio
Minha alma embevecida,
Com ledas esperanças sem receio
Gastava a doce vida:
De immenso prazer cheio,
De Jônia na mimosa companhia
Sempre o Sol me encontrava;
Ou quando no Horizonte apparecia,
Ou quando no Oceano se banhava.

E ou fosse verdadeira
A paixão, que mostrava,
Ou que ella a simulasse lisonjeira;
Tão contente arrojava
Minha alma prisioneira
O grilhão, que por outro o não trocaria;
Nem hoje o trocaria,
Se astuta ainda agora me enganára
Como então me enganou a Ninta impia.

Porém Amor tiranno
C' o Tempo conjurado,
Longos dias não quiz que neste engano
Vivesse atortunado:
Elle para meu dâno
A carreira appressou, e trouxe o dia,

Trouxe as funestas horas
De minha doce paz, minha alegria
Inimigas cruéis, e roubadoras.

Astrea então chamava
Os Pastores de Luso
Ao certame annual, que celebrava
Por antiga lei e uso
Nas ribeiras, que lava
Do Mondego a corrente cristallina,
Onde na luta ardente
Em premio do combate orna benina
De immortal croa ao lutador a frente.

Eu que á palma aspirava,
Que a Deosa offerecia;
Da Ninfa suspirando me apartava:
E (oh triste, oh cruel dia!)
Em seus olhos deixava,
Em seguro penhor da lealdade,
Da eterna fé jurada,
A minha alma cativa e a liberdade:
Mas em q' mãos ficou, Ceos, empenhada!

Que excessos de ternura,
Que extremos de constancia
A perfida não fez, e me não jura!
Quem vira então sua ancia,
E' a não julgára pura?
Q' trespassos, que accents magoados,

C A N Ç Ã O. 261

Amor, lhe não ouvias!
Que juramentos de mil ais troncados!
Mas delles e de mim, cruel, te rias.

Da Ninfa em fim me ausento
Sem tino e suspirando;
E mais do que ao cavallo, ao pensamento
As redeas affrouxando,
Caminhava sem tento.
Em toda a longa e então penosa estrada
A veloz fantasia,
De Amor nas soltas azas transportada,
A Jonia só voava, Jonia via.

Ora no pensamento
Traçava a antiga gloria;
Ora mudando a scena a meu tormento,
Pintava a triste historia
De meu apartamento.
Então de ardente amor arrebatado,
O rosto atrás volvia:
E de dor ao volvello transportado (1),
O cavallo talvez volver queria.

Então da dura ausencia
Provando todo o effeito
Me estalava da dor com a violencia

(1) O Author escreveu: E da saudade. &c.

O coração no peito :
 Morria de impaciencia.
 Porem logo as promessas recordando ,
 Que fez na despedida ,
 Novo espirito o coração cobrando ,
 Se animava a suster a amarga vida.

D'esta arte salteado
 De saudosas lembranças ,
 De hum pensamento mesto e magoado
 Entre susto e esperanças
 Em outro transportado ,
 Atravessando fui a larga estrada :
 E do fresco Mondego
 A' campina suave e dilatada ,
 Quasi sem o saber , absorto chego.

Alí croada a frente
 Do laurel glorioso ,
 Do claro rio a placida' corrente
 E o campo deleitoso ,
 Onde hum tempo contente
 A lira já tangi , deixo appressado ;
 E corro sem demora
 A buscar o lugar afortunado ,
 Onde meu coração minha alma mora.

Chego á floresta amena ,
 Onde n'hum doce engano
 Tão pago vivi já de minha pena.

A Jonia busco ufano :
 Mas oh que cruel scena
 Ali meus tristes olhos aguardava !
 Ali minha esperança ,
 Quando este golpe menos receava ,
 Vi morta ás mãos da perfida mudança .

No peito de alegria
 O coração pulava ,
 Ao ver presente o venturoso dia
 Que tanto suspirava :
 O mais feliz se cria .
 A' Ninfa corro , e quando a seu tormento
 Minha alma, o fim espera ;
 Acho que dando meu amor ao vento ,
 A fé , que me jurou , a outro dera .

Neste cruel instante
 De mil fuzias cercado
 Me vi morrer , e o coração constante
 Em cem partes rasgado .
 Sevo Deos inconstante !
 Amor ! de tanta fé , tanta constancia
 He este o premio dino ?
 Mas oh ! que em tão cruel fea inconstancia
 Mais parte tem a Mãi do que o menino .

Tu só , oh fera humana ,
 Tu mulher tementida ,
 Hes a causa cruel da dor tiranna ,

Que me consume a vida.
Ah dura tigre Hyrcana!
Assim goardas a fé, que me juraste?
Mas ai Elpino insano!
Quando em seus juramentos confiaste,
Esperavas constante o Oceano.

Canção, as azas abre, bate e vòa.
De Jonia o fingimento
Pelo mundo apregoa
De incautos corações para escarmento.

H Y M N O S.

Vem na primeira e segunda Collecção.

I.

A S. Donato Martyr , e Advogado contra as trovoadas.

TEçamos, alma,
 Ao grão Donato
 D' eternas flores
 Brilhante palma :
 Os seus louvores ,
 Ou sombra fria
 O mundo envolva ,
 Ou novo dia
 De luz o croe ,
 A lingua entoe.

A Fé triunfante
 Sua alma pura
 De luz guarnece ,
 Quando constante
 A Déos se offrece :
 E o collo exposto
 A' fina espada ,
 Com ledo rosto ,

H Y M N O S.

Que a Morte espanta,
O Senhor canta.

Se hañendo soa
Por cem gargantas
Trovão ardente,
Que os Ceos atroa,
A afflicta gente
Elle soccorre;
E a voraz chama,
Que á terra corre
Da nuve fea,
No ar enfrea.

Entre o Divino
Cheiroso encenso
Em seus altares
Armonico hymno
Povòe os ares:
Louve seu Nome
Todo o creado,
E ao ouvillo dome
A ira violenta
Rija tormenta.

Martyr bemdito,
Que entre os Archanjos,
Virtudes santas,
O nome invito
De Adonai cantas,

Ouve propicio
 Os teus devotos :
 Teu beneficio ,
 Se raios chovem ,
 Teu favor provem.

II.

A S. Simão Estelita.

Celeste Lira , que nas frescas margens
 Do Jordão santo aos soberanos Coros
 De mil Profetas tecunda inspiraste
 Hymnos sonoros :

As maravilhas do grande Estelita
 Cornigó canta : leve ao firmamento
 Os seus louvores nas serenas azas
 Placido vento.

De grossas nuvens carregado o dia
 Fea borrasca pelos ares brama ;
 E em flechas solta , dos Ceos se despenha
 Horrída chama.

Treme nos quicios assustada a terra :
 A Syria gente do terror cercada ,
 A Simão corre , e pelo seu auxilio
 Misera brada.

O Varão santo , que seu clamor ouve ,
 Por elle orando logo em sacrificio
 Se offrece ao Eterno , e o Eterno seus vo-
 Croa propicio. (tos

Candida chama , sintilantes sulcos
 Nos Ceos abrindo , de Simão envolve
 O santo corpo ; e da prisão terrena
 A alma dissolve.

Pelos abismos das eternas luzes
 Vò a o espirito , Jehová cantando :
 Fogem as nuves , o dia se torna
 Prospero e brando.

Do Immenso aos olhos táto preço encerra
 Do justo a morte ! Vibre a nuve densa
 Farpões ardentes , que em Simão teremos
 Firme defensa.

Ao som das arpas , de sonoros orgãos
 Os seus louvores , oh mortaes , cantemos :
 Do Eterno o braço , que nelle sintilla ,
 Nelle louvemos.

H Y M N O

I I I.

A S. Africano.

ESprito illuminado,
 Que commercio de fé e' os Ceos conserva,
 Do tigre marchetado
 No deserto não teme a ira proterva ;
 Nem os choques violentos,
 Com que assaltão a terra os elementos.

O Povo Gallicano
 Fé a meu Hymno dá com seu exemplo ;
 Pois ao grande Africano
 Em sua alma erigindo excelso tempio,
 Com inteiro semblante
 Ouve estalar o raio crepitante.

Tão celeste confiança
 Sigamos, oh mortaes ; ao Varão santo
 Võe nossa esperança ;
 E na horrída tormenta sem espanto
 Veremos sobre os riscos
 Quebrar a furia indomitos coriscos.

Africano divino,

Bem que da tua dextra ás obras bellas
 Teça mais brilhante Hymno
 A eterna melodia das estrellas ;
 Nossos votos attende ,
 E dos vorazes raios nos defende.

I V.

A S. Adoeno.

VInde, oh mortaes, louvemos
 Ao grande Sabaoth em os seus Santos,
 Adoeno exaltemos
 Em nossos corações, em nossos cantos.

O seu braço invencivel
 Se da clemencia armado resplendece ,
 Logo o espirito horrivel
 Das sonoras bqrascas emmudece.

Ou pelos ares solto
 Farpada cauda o raio desentrole ,
 Ou suba o mar revolto
 Em setras a tocar a etherea mole :

Se o seu presidio invoça
 Timido mortal, no ar a voraz chama
 Subito se suffoca ;
 Enfrea o mar a furia, com que brama.

H Y M N O IV. 271

Oh Normandos, oh gente
Entre as que o Sol illustra venturosa!
Em ti brilha patente
Esta do braço seu obra espantosa.

Arroja ardentes lanças
Trovão horrendo, treme o globo mudo;
Mas tu em paz descanças,
Que o seu sagrado nome he teu escudo.

Vinde, oh moçraes, devotos
Comigo celebrai o grande Nume:
De nossos puros votos
Cheitoso encenso seu altar perfume.

Espirito sagrado, (no;
Onde, como em cristal, reflecte o Eter-
Cujo braço, assustado,
Teme o immundo Lusbel no escuro Aver-
(no:

Sobre os desertos mares,
Que surcados não são de humana gente,
Manda que os grossos ares
Despenhem o voraz raio estridente.

CANTIGAS.

Achão-se tão somente na primeira Collecção.

I.

POr Marilia bella
 Amiclas ardia :
 Por ella vivia
 Sempre a suspirar.
 E sempre se ouvia
 Marilia chamar.

O duro trabalho
 De noute e de dia
 Vencer não podia
 O seu suspirar :
 E sempre se ouvia
 Marilia chamar.

Ou já com o remo
 As ondas cortasse ,
 Ou já destraldasse
 As vélas ao ar ;
 Marilia se ouvia
 Marilia chamar.

Se no fundo pego

CANTIGA I. 273

O lanço deitava,
Se as redes tirava
Do fundo do mar;
Marilia se ouvia,
Marilia chamar.

Na praia colhendo (1)
As redes em giros,
Ardentes suspiros
Se ouvia lançar:
Marilia, Marilia
Se ouvia bradar.

Marilia somente
Na boca trazia
De noute e de dia
Sempre a suspirar:
E sempre se ouvia
Marilia chamar.

E a Ninfa tiranna
Seus brados escuta,
Qual a penha bruta
Os roncões do mar;
Que por humna ingrata
He vão suspirar.

Tom. III.

S

(1) O Poeta escreveu: Se na praia colhia.

CANTIGAS.

II.

NAs frescas praias,
Que o Tejo fende,
Em quanto estende
A rede ao Sol:

Ternos suspiros
D'alma arrancava,
E assim cantava
Hum pescador.

Agoás do Tejo
Suave e brando,
Que murmurando
O mar buscais:

Que o vosso Amiclas
Em mil ardores
Morre d'amores,
Vós o sabeis.

A doce, causa
De suas magoas,
Oh brandas agoas,
Vós o sabeis.

CANTIGA II. 275

Mas por piedade
Goardai segredo,
Que hei grande medo
Que o saiba alguem.

Ninfa tão linda,
Tão delicada,
Tão engraçada
Ninfa gentil;

Perdoe Doris
E Panopea,
A vossa area
Nunca pisou.

He seu cabello
Ondado e louro
D' Amor tesouro,
Melhor Ophir.

Traz em seus olhos
Duas estrellas:
Outras tam bellas
O Ceo não tem.

Na breve boca,
Que Amor inflâma,
Amor derrama
Graças sem fim.

No branco collo ,
Faces formosas
A neve e rosas
Se vem brilhar.

A vida alegre
Hoje exalára ,
Se eu as tocára
Huma só vez.

Mas tantas graças
Dos cobiçosos
Goardão zelosos
Amores mil.

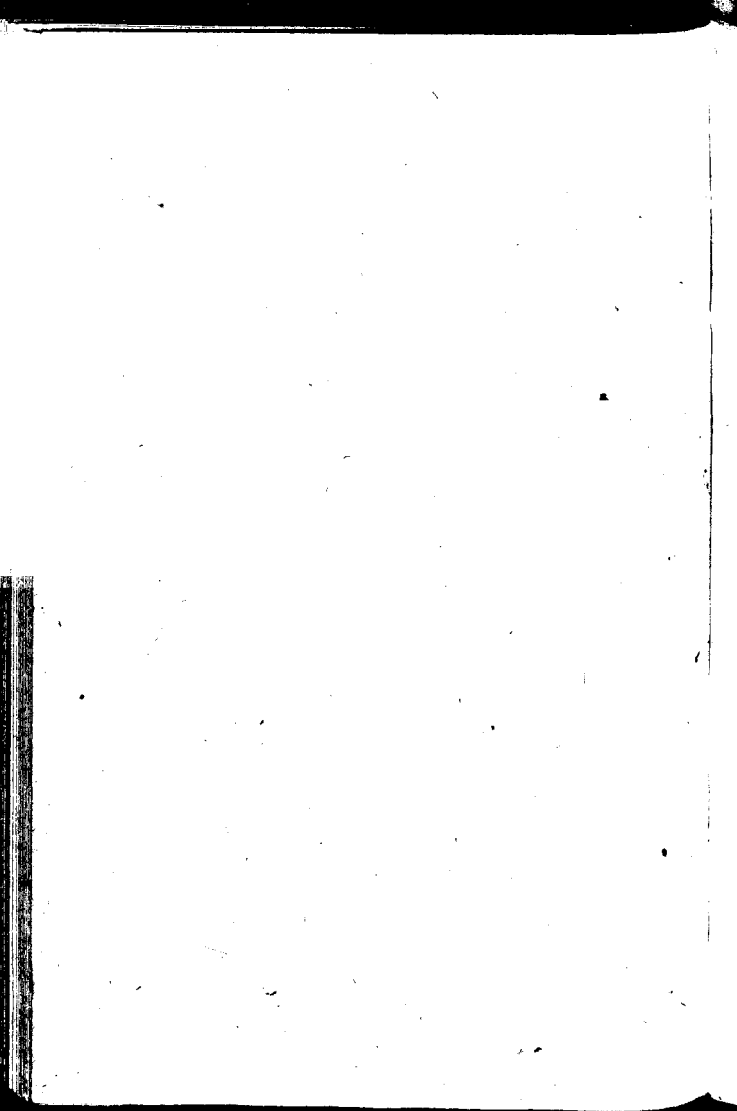
Amores feros ,
Que em torno a cingem ,
E as setas tingem
Nos corações.

Amor na boca ,
Nos olhos bellos ,
Longos cabellos ,
No seio traz.

Mas tem-te , oh lingua ,
Não digas mais ,
Que estes sinais
Mui claros são.

CANTIGA II. 277.

Oh brandas agoas,
Goardai segredo,
Que hei grande medo
Que o saiba alguem.



V A R I A N T E S.

Variante da Ode I. á Immaculada Con-
ceição de Maria Santissima.

E S T R O F E I.

AH longe , longe deste fertil monte ,
A Febo consagrado ,
Vulgo profano ;
Em cujo coração não alça a fronte
Das santas Musas o furor sagrado :
E vós , em cujo peito soberano
Celeste coro seu furor inspira ,
Atenção ; que hoje intento
Novo tocar altisono instrumento.

A N T I S T R O F E I.

Clara d'immensa luz brilhante chama ,
Na rude escura mente
Seus raios espalhando,
A negra nevoa rompe , e já me inflâma :
Transportar-se a minha alma já se sente.
Ah ! nos campos que rega murmurando
O Alpheo cristallino ,
Já goardador não sou de pobre gado ;
Noutra especie me sinto transformado.

E P O D O I.

Occulta força
 Da opaca terra
 Entre os Ceos a subir me âni^{ma} e esforça.
 De brancas plumas
 Cobrir me vejo ;
 E qual de Thebas o Cantor sonora ,
 Pelo ar vagando vou cisne canoro.
 Já sacudindo as azas inquietas ,
 Vejo sob os meus pés astros , planetas.

E S T R O F E II.

Mas que serpe feroz se nutre e ceva
 Naquelle inferior globo ?
 Que estrago miserando
 Em seus viventes taz ! na densa treva
 Tanto não faz no gado cerval lobo !
 Huns nas garras crueis vai lacerando ,
 Outros traga , e c'ò bato envenenado
 Ainda os mais distantes
 Subito mata ou deixa agonisantes.

A N T I S T R O F E II.

Por todo o largo globo se derrama
 O halito venenoso !
 Em toda , em toda a parte
 O contagio letifero se inflâma !
 Gente infeliz ! no estrago lastimoso
 Quem te pôde valer ? quem ajudar-te ?

Mas que brilhante luz lá vem raiando,
 Qual a da roixa Aurora,
 Quando em serena manhã as nuvens cora!

E P O D O II.

Que maravilha!
 Do Sol trajada
 Da progenie de Adão a melhor filha,
 Que a branca lea
 Airosa pisa,
 E tece as soltas, crespas tranças bellas
 Diadema immortal d'aureas estrellas,
 He a que derramando vem briosas
 A torrente de luz pura e formosa!

E S T R O F E III.

Oh! e que airosos passos vem formando
 Toda de graça chea!
 Ao vella o monstro horrendo
 As salpicadas conchas eriçando,
 De que espantoso o negro corpo atrea,
 Tinge de sangue os olhos, e batendo
 Com a comprida cauda a dura terra,
 De pó nuvens espalha,
 Ensaio horrivel da cruel batalha.

A N T I S T R O F E III.

Ai! que contra a Donzella delicada
 (De horror gélo e desmaio!)
 Silvando se abalança!

Já sobre a grossa cauda levantada
 Dardeja da farpada lingoa o raio,
 E para a devorar o collo avança.
 Já em circulos mil, para prendella,
 Humas vezes estende,
 Outras em giro estreito o corpo prende.

E P O D O III.

Mas á victoria
 Em vão aspiras,
 Serpe cruel, que chea d'alta gloria
 A Mulher forte
 Firme resiste,
 Qual o guerreiro Exercito ordenado.
 Ah! já deixas o campo ensanguentado,
 Já foges, já te segue, e a sublime
 Na indomita cêrviz planta te imprime.

E S T R O F E IV.

Valerosa Mulher, tu só soubeste
 Domar a horrivel furia
 Da medonha serpente.
 Entre as filhas de Adão tu só poderste
 De teu sexo vingar a grande injuria.
 Mas que formoso, que Esquadrão lusente
 As nuvens rôpe, e em torno a cerca e croa?
 Ah! dos celestes Côros
 Estes são os Espiritos canoros.

A N T I S T R O F E IV.

Huns sobre ella ao passar lançaõ velozes
 Hum diluvio de flores,
 Outros ao som d'accordes instrumentos,
 A seu alto valor, soltando as vozes,
 Cantando vem celestiaes louvores.
 Silencio, que já soã seus accentos.
 Oh bemdita Mulher, q̃ entre as mulheres
 Aos Ceos alçaste a fronte,
 Qual o cedro do Libano no monte.

E P O D O IV.

A incombustivel
 Carça entre o fogo
 Tu Virgem foste, á culpa inaccessible.
 Tu entre as filhas
 De Adão brotaste,
 Qual entre espinhos brota o branco lirio.
 Tu dos Anjos hes gloria, tu do Impirio:
 Tu filha, do Senhor, e Esposa amada.
 Vem triunfante, vem, serás coroada.

N. B. Nesta Ode se observão alguns leves defeitos, que seria preciso emendar para ficar certa ou a medição dos versos, ou a consonancia das Estancias. Assim poder-se-hia ler o verso 2. da Estr. 1. Fuja o vulgo profano. Os

v. 7. e 8. da *Antistr.* 1. O cristallino
Alpheo na bella Arcadia, Não goardo
pobre gado. *Finalmente os v. 1. e 3. da*
Antistr. 4. Taes sobre ella ao passar
lanção velozes: Taes ao som de instru-
mentos.

VARIANTE DA CANÇÃO.

He tirada da segunda Collecção.

NAs margens do sereno
Nabão suave e brando
N'hum bosque de altas arvores sombrio
Se vê hum sitio ameno,
Que todo matizando
De lindas flores vai o manso rio:
E sempre em fresco estio
As agoas cristallinas
Fazem durar viçosas
As cravinas, as rosas,
Açucenas, mosqueas e boninas;
Sem que do sol ardores
Se atrevão a murchar os seus verdores.

Alí ao som do manso
Cristal, que se despenha,
Sonoramente canta o passarinho,
Que corre sem descanso

O monte, o valle, a penha;
 Procurando entre as flores o raminho,
 Para tecer seu ninho;
 Adonde descansado
 Sem temores do astuto
 Caçador, logre o fruto
 De seus doces affectos desejado;
 E consiga entre as flores
 O suspirado fim dos seus amores.

Nesta alegre espessura
 A's nuves se levanta
 Com justa proporção raro edificio,
 Em cuja architectura,
 Que o primor da arte espanta,
 Não fez falta de Escopas o artificio:
 Porque no frontespicio,
 Nas portas ext'riores,
 Cimalthas, alquitraves,
 Bases, columnas, naves,
 De escultura feliz entre os primores,
 Se vê a primazia
 Da mais bem regulada simmetria.

Coro de Ninfas bellas
 No seu recinto assiste:
 A seus olhos, de amor gostosas fragoas,
 Mais lindos que as estrellas,
 O Nabão não resiste,
 Abrasando-se em fogo as mesmas agoas.

Por ellas tristes magoas
 A mesma Syques chora :
 Do menino se queixa ,
 Porque cruel a deixa
 Pelas Ninfas , que tanto cego adora :
 Sendo no seu sentido
 Cada huma melhor Syques a Cupido.

A esta feliz terra
 Me trouxe o injusto Fado ,
 Quando o bifronte Deos , esse Deos Jano ,
 Do templo á dura Guerra
 Tendo as portas cerrado ,
 As portas vinha abrindo ao novo anno.
 Aqui para meu dâno
 Vi entre as Ninfas bellas
 Aonia , que a primasia
 Das outras conseguia ,
 Como a consegue o sol das mais estrellas,
 E como entre os verdores
 A alcança a rosa entre as outras flores.

Pela Ninfa formosa
 Os rusticos pastores ,
 Que o manso gado ali apascentavão ,
 Na margem arenosa
 Do Nabão entre as flores ,
 Humas vezes de amor versos cantavão ;
 Outras vezes louvavão
 A rara gentileza ,

A graça, o luzimento,
 De que a dotou a sabia Natureza:
 Celebrando á porfia
 A graça, 'o acerto, o garbo, a bizarrria.

Guiado dos pastores
 Vi a pastora, e logo
 Cupido que em seus olhos se escondia,
 Como aspide entre as flores,
 Setas de ardente fogo
 Despede, com que o peito me feria.
 Eu que incauto sentia
 Que o peito se abrasava,
 Provando o doce effeito,
 O incendio no peito
 Vendo a formosa origem augmentava:
 Como o insecto na charna
 Adora os estragos, as ruinas ama.

A Ninfa, que conhece
 Dé meu dâno o motivo,
 O motivo accrescenta de meu dâno.
 Novas prisões me tece
 N'hum doce olhar esquivo,
 Em que á razão me enlea hum doce en-
 De seu peito tiranno (gano.
 As cristallinas agoas,
 Que meus olhos lançarão,
 O marmore abrandarão:
 Pois lastimada em fim de minhas magoas,

Se deixou ver amante,
Oh ! quanto cõsegue hum amor constante !

De mi proprio esquecido
E de Aonia só lembrado
Nos montes , valles , bosques e florestas
Deixava andar perdido
Sem goarda o triste gado.
As serenas manhás , calmosas sestas
Em praticas honestas
Co' a Ninfa divertia ;
Em agradavel luta
Colhendo a doce fruta ,
Que Amor do seu amor me' promettia.
Mas oh injusto Fado !
Que depressa se muda hum doce estado !

Era o tempo em que Apollo ,
Deixando o vellocino ,
Nõ roubador de Europa alegre entrando,
No frio Arctico pólo
Seu resplendor divino
Liberal outra vez vinha espalhando :
E Flora , matizando
Os campos de mil cores ,
Nos prados diffundia
Quanta Zephyro cria
Mimosa producção dos seus amores :
Vendo-se em toda a parte
Florido Adonis , a pesar de Marte.

As innocentes aves
 Dos ramos espalhavão
 Em confusa, mas doce melodia
 Varios cantos suaves:
 Os ribeiros quebravão
 As prisões em que o gelo os suspendia:
 Em todo o mundo havia
 Doce contentamento:
 Quando a cruel Fortuna
 Instavel, importuna
 Da roda no ligeiro movimento,
 Fez barbara, inclemente,
 Que em todo o mundo eu fosse descõtente.

Nos montes, que o Mondego
 Brandamente rodea,
 O certame annual se celebrava,
 A cujo justo emprego
 A Sacrosanta Astrea
 Os pastores do Luso convocava:
 Eu que á palma aspiravã,
 Que Nemesis tecia,
 Da Ninfa allí me ausento
 (Oh duro apartamento!)
 Deixando-lhe (oh cruel, oh triste dia!)
 Em fé da lealdade
 Coração, alma, vida e liberdade.

Cheguei ao altivo monte,
 Onde a filha de Astreo,

Fugindo da maldade achou asilo :
 E coroada a fronte
 Co' a rama , que a Peneo
 Fez de lagrimas ternas outro Nilo ,
 Premio que antigo estilo
 No certamen reparte ;
 Da saudade excitado ,
 Dos campos , onde o gado
 Tantas vezes me ouviu , Amor , louvar-te,
 Me ausento sem demora :
 O Norte busco , que minha alma adora.

A' selva infeliz chego ,
 Onde a formosa e cara
 Deosa de Chypre , Gnido e mais Cythera
 De amor no doce emprego
 Feliz me coroara
 Com grinaldas de murna , que tecera.
 Busco a pastora : (oh fera !
 Oh barbara lembrança !
 Tu cruel , tu impia ,
 Me roubas a alegria !
 Pois de Aonia na perfida mudança
 Trazes ao pensamento
 O motivo cruel de meu tormento !)

Busco a pastora bella :
 E quando nos seus braços
 O premio espero a meu amor constante ,
 Encontro (injusta estrella !)

Que presa em outros laços
 Por infiel Pastor suspira amante.
 Cruel Deos inconstante,
 He este o premio justo
 Que dás a quem te adora?
 Mas oh! sem causa agora
 Te reputo cruel, te chamo injusto:
 Pois deste premio indino
 He mais culpa a da mãe, que a do menino.

Tu só, oh fera humana,
 Com teu fingido agrado
 Foste causa cruel do meu tormento:
 De ti na dor tiranna
 A' selva, á fonte, ao gado,
 Plantas, aves, terra, agoa, fogo, e vento
 Me queixo e me lamento.
 Dize, oh Circe fingida,
 Que he da té que juraste?
 Assim desempenhaste
 A eterna constancia prometida?
 Mas oh! se em ti fiava,
 Constante o vento, o mar firme esperava.

Vós Ninfas cristallinas,
 Em cujas claras agoas
 Assiste essa cruel nova Serea,
 Se acaso ouvis beninas
 Estas, funebres magoas,
 Que ao som cantei da misera cadea,

292. V A R I A N T E.

Sepultai nessa area
As queixas, que refiro.
Assim vossa corrente
Não turve grossa enchente!
Pois não he bem que a dor por que suspiro,
Quando meu mal contemplo,
Da perfidia no mundo deixe exemplo.

Canção, se por ventura
Alguem teus desacertos
Accusar rigoroso, tu lhe diz:
Que nunca a desventura
Costuma outros acertos
Despender a hum misero infeliz:
E que a dor mais violenta
Sempre menos discreta assim se ostenta.

N. B. Na Est. 6. falta hum verso, para ella ficar semelhante ás outras Estancias.

F I M.

INDICE

Das Poesias, que se contém neste Volume.

DITHYRAMBOS.

B accho imberbe , Baccho ardente , - - - - - pag.	42
Eis o sombrio , gelado Inverno -	48
Em cem negros cavalloos procellosos	57
Este que hoje tocar ousado intento ,	5
Huma tarde de Maio serena - - -	74
Onde estou ? - - - - -	22
Pois que Noto ali-nevoso - - -	51
Que das sezões - - - - -	36
Tirse ditoso , - - - - -	39

ODES ANACREONTICAS.

A minha Lira , - - - - -	151
A Rosa he das flores - - - - -	208
A' sombra suave , - - - - -	206
Aglaia bella , - - - - -	180
Amor , que fugia - - - - -	156
Amor , que ouvir desejava - - -	160
Aurea lira , lira amada , - - -	171
Borboleta que innocente , - - -	182
Casta rola , que rolando - - -	191
Da-me , Aglauro , essa poncheira -	167

Da-me o frasco , e da-me a lira ,	-	124
De meu triste cuidado	o - - -	164
De mil Ninfas na innocente	- - -	194
De seguir no alto monte	- - -	120
De suor todo banhado ,	- - -	177
Em meu alvergue	- - - -	187
Em seus cabellos	- - - -	178
Essa linda borboleta	- - - -	159
Eu vi a Baccho ,	- - - -	184
Hum tento Cupido	- - - -	199
Huma pomba , mais que a neve	-	157
Já a neve a calva fronte	- - -	141
Já batendo a roixa Aurora	- -	127
Já do Sol o raio ardente ,	- -	169
Já no Oriente	- - - -	129
Já pelo verde monte	- - - -	145
Já que o Inverno	- - - -	173
Já vem a primavera	- - - -	132
Leves Auras , que voando	- -	192
Oh Lira das Graças amiga ,	- -	135
Outro cante embora utano	- -	154
Pelo campo hum dia	- - - -	153
Pintor destro e delicado	- - -	201
Pois que o raivoso	- - - -	139
Qual flor formosa	- - - -	203
Que não sou o vento brando !	-	143
Quem vio huma Ninfa bella	- -	210
Ricas baixellas	- - - -	189
Suave Avezinha ,	- - - -	197
Turva a chuva as claras fontes ,	-	122

I N D I C E. 295

Vês, Lisio amado, - - - - - 148

O D E S.

Ah! longe, longe deste fertil monte, 214
Batendo as negras azas, o regelo - 239
Celebrem outros as vorazes chamas, 243
Enxugai, enxugai o triste pranto, 221
Eu não te invejo, Clarissimo Faro, 247
Que sagrado furor, que estranho im-
pulso - - - - - 226
Santas Intelligencias, - - - - - 218
Se pulso a Cithara de Alceo armo-
nica, - - - - - 236

E P I T H A L A M I O.

Accende, oh Hymeneo, a luz for-
mosa - - - - - 250

C A N Ç Ã O.

Nos campos, que cortando - - 256

H Y M N O S.

Celeste Lira, que nas frescas mar-
gens - - - - - 267
Esprito illuminado, - - - - - 269
Teçamos, alma, - - - - - 265

Vinde, oh mortaes : louvernos = 270

CANTIGAS.

Nas frescas praias, . - - - - 274

Por Marilia bella - - - - - 272

Erros.

Emendas.

Pag. 34. l. 8. <i>lêa-se</i>	$\Delta\iota\delta\varsigma \epsilon\nu\upsilon\zeta\epsilon\tau\iota$?
35. l. 1. (<i>Veja-se</i>)	<i>Veja-se</i>
75. v. 4. <i>Ululando,</i>	Ululando,
96. v. 9. <i>embarco</i>	embarco.
153. v. 17. <i>escondido,</i>	escondido
194. v. 4. <i>saudade,</i>	saudade.
246. v. 9. <i>famoso</i>	famoso, \dagger
l. 18. <i>al.</i>	<i>al.</i>
253. v. 10. <i>temerosa</i>	temerosa.
v. 15. <i>desejo,</i>	desejo (2),
263. v. 6. <i>as mãos</i>	às mãos

P. de C. no. 17. 6 de Junho
de 1877.

